



O PAPEL DOS ZOOS E O TURISMO

Contributos dos ZOOS para a preservação ambiental na perceção dos visitantes do ZOO de
Lisboa

Dissertação de Mestrado em Turismo,
Especialização em Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura

Orientadora:
Professora Doutora Elsa Correia Gavinho

Marta Borges Alves Redondo
Outubro, 2017

ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA E TURISMO DO ESTORIL

O PAPEL DOS ZOOS E O TURISMO

Contributos dos ZOOS para a preservação ambiental na perceção dos visitantes do ZOO de Lisboa

Marta Borges Alves Redondo

Orientadora:

Professora Doutora Elsa Correia Gavinho

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
para obtenção do grau de Mestre em Turismo,
Especialização em Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura

Outubro 2017

Ao meu pai,
que apesar de já não estares entre nós, que tenhas
tanto orgulho em mim, como eu tive em ter-te
como pai.

À minha mãe,
Por ser o meu pilar diário, e por me apoiar
Incondicionalmente.

Agradecimentos

Na realidade nem sei por onde começar, terminar esta dissertação é um fechar de um capítulo, significa que uma batalha interior e com as advertências da vida, terminou. Não foi um período nada fácil, tanta coisa aconteceu durante estes dois anos, aos quais não via fim à vista.

Sempre fui apaixonada por animais, e era importante para mim centralizar este estudo em seres que me são tão queridos, podendo aliar o turismo de natureza a um dos locais de referência em Lisboa, O Zoo de Lisboa.

Esta tese não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas, desta forma irei agradecer a cada uma dela individualmente da forma que merecem.

Obrigada ao Dr. Tiago Carrilho, responsável pelo Centro Pedagógico do Jardim Zoológico Lisboa, por ter sido incansável durante todo o projeto. Foi graças a ele que parte deste estudo existe, uma vez que me permitiu alcançar respostas no interior do Zoo, e me forneceu diversos estudos que não se encontravam disponíveis para aceder sem ser de forma interna. Obrigada ainda a ele por nunca ter duvidado que seria possível terminar este estudo, tendo-se mostrado sempre disponível e incentivado a terminá-lo.

À minha Mãe, Maria de Fátima, que apesar de se manter por vezes distante do assunto, me permitiu durante todo este tempo que isto fosse possível, financiando os meus estudos desde sempre, e ouvindo os meus desvaneios de que nunca seria possível terminá-la.

Obrigada ao meu Élsio Santos, eterno e paciente ouvinte, que esteve do meu lado desde o início, que ouviu e “re-ouviu” que seria impossível terminar este capítulo da minha vida, com tudo o que aconteceu durante o processo, mas que esteve sempre lá, mesmo que por vezes em silêncio, para me dar um olhar terno. Obrigada por permitires que ao meu ritmo este capítulo se fechasse, ainda que todo o nosso futuro tivesse ficado em “xeque” durante estes longos dois anos.

Obrigada a todas as associações e ONG's, a quem enviei emails a solicitar informações, e que na grande maioria dos casos se mostrou sempre disponível a responder a todas as dúvidas para que esta dissertação ficasse completa.

Obrigada à minha amiga Irma Gomes, pela paciência infinita em fazer a revisão ortográfica de longas partes desta dissertação, que sendo estudante de medicina, se mostrou sempre pronta para ajudar, e perder o seu tempo precioso de estudo. Sem dúvida que será uma médica com M grande.

E por fim, obrigada à minha orientadora Prof.^a Doutora Elsa Gavinho, pela paciência, esforço e dedicação, apesar da luta que foi terminar esta dissertação, por não ter desistido e termos conseguido levar tudo isto, até ao fim.

O PAPEL DOS ZOOS E O TURISMO

Contributos dos ZOOS para a preservação ambiental na percepção dos visitantes do ZOO de Lisboa

Resumo

Numa época em que surgem diversos debates na sociedade em que se questiona até que ponto os Zoos podem ser considerados unidades de conversação ambiental, e não meros locais onde os animais permanecem enclausurados em jaulas, após serem retirados do seu habitat natural, torna-se preponderante analisar a percepção que os visitantes que procuram este tipo de espaços para turismo, têm destas unidades, assim como entender o que os leva a escolher visitá-los. Foi por isso escolhido um Jardim Zoológico, situado em Lisboa, denominado de Jardim Zoológico de Lisboa.

O Jardim Zoológico de Lisboa foi criado em 1884, mas muito mudou desde a sua criação: alterou-se a sua localização, a sua dimensão e sobretudo alteraram-se os seus valores. Atualmente, este Jardim Zoológico apresenta linhas de um Jardim Zoológico moderno e balizado por três pilares principais: educação, conservação e investigação.

Este estudo tem como objetivo principal avaliar a percepção que os visitantes desta instituição, têm dela como unidade de conservação animal, a sua importância, o seu real contributo para a fauna e flora e a forma como a visita a este espaço pode influenciar para uma alteração dos seus comportamentos.

No final deste trabalho pudemos verificar que existe um efeito efetivo da visita ao Jardim Zoológico de Lisboa, nos seus visitantes, para a alteração de comportamentos que digam respeito à conservação animal, sobretudo em crianças em idade escolar, que visitam este espaço no mesmo âmbito.

THE ROLE OF ZOOS AND TOURISM

Contributions of ZOOS for environmental preservation in the perception of visitors to the Lisbon Zoo

Abstract

At a time when there is a lot of debate in society about which zoos can be considered units of environmental conversation, rather than mere places where animals remain enclosed in cages after being removed from their natural habitat, it becomes predominant analyse the perception that visitors who seek this type of tourism, have of these units, as well as understand what leads them to choose to visit them.

It was therefore chosen a Zoo, located in Lisbon, called the Zoological Garden of Lisbon. The Lisbon Zoo existed since 1884, but much has changed since its creation. It has changed its location, its size, and all its values have changed.

The Lisbon Zoo presents itself today with the lines of a modern Zoo, and marked by 3 main pillars: education, conservation and investigation. This study has as main objective to evaluate the perception that the visitors of this institution have of it, as a unit of animal conservation, its importance, its real contribution to the fauna and flora and the way in which the visit to this space can influence to a change their behaviours.

At the end of this work we can verify that there is an effective effect of the visit to the Lisbon Zoo, in its visitors, to change behaviour related to animal conservation, especially in school children, which visit this space with school purposes.

Palavras-chave

Conservação
Educação ambiental
Mudança
Percepção dos visitantes
Jardim Zoológico de Lisboa

Keywords

Conservation
Environmental Education
Change
Visitors Perception
Lisbon Zoo

Glossário

Bioma - unidade biológica ou espaço geográfico caracterizado de acordo com o macroclima, a fitofisionomia (aspeto da vegetação de um lugar), o solo e a altitude específicos.

Ecossistema - Um ecossistema é uma comunidade de seres vivos cujos processos vitais estejam relacionados entre si. O desenvolvimento destes seres vivos tem lugar em função dos fatores físicos do meio que partilham.

Endémico – conceito associado a uma espécie ou organismo que é nativo de uma dada região ou cuja distribuição está restrita a essa região.

In situ – No local de origem.

Puzzle Feeder – Jogo mental construído com o objetivo de entreter e desenvolver cognitivamente os animais através de recompensas alimentares.

Studbook – Livro de registo de dados referentes a uma determinada espécie. Caracteriza-se por um ser um tipo de livro genealógico em que se registam óbitos, nascimentos, filiação e transferências de todos os parques zoológicos que mantêm uma determinada espécie.

Lista de abreviaturas e símbolos

AWF - *African Wildlife Foundation*

CITES – Convenção Internacional sobre o comércio de animais

C.M.L. – Câmara Municipal de Lisboa.

CMS - *Secretariat of the Convention on the Conservation of Migratory Species of Wild Animals*

EA/EDS – Educação ambiental e/ou educação para um desenvolvimento sustentável

EAZA – *European Association of ZOOS and Aquariums.*

EEP - Programas Europeus de Reprodução de Espécies Ameaçadas

ISB - Studbook internacional (*International Studbook*)

J.Z. - Jardim Zoológico.

MEI - Ministério da Economia e da Inovação

WAZA – *World Association of ZOOS and Aquariums.*

TAG - *Taxon Advisory Groups* – Grupos de especialistas em determinados grupos de espécies, responsáveis por diferentes aspetos de aconselhamento do bem-estar animal.

UNEP - *United Nations Environment Programme*

ZOO – Espaço zoológico

Índice geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo	v
Palavras-chave	vii
Abstract	vi
Keywords.....	vii
Glossário	viii
Lista de abreviaturas e símbolos.....	viii
Índice geral	ix
Índice de figuras	xii
Índice de tabelas	xiv
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento do tema.....	1
1.2. Objetivos.....	2
1.3. Premissas.....	2
1.4. Resumo da metodologia	3
1.5. Estrutura da dissertação	3
2. Jardins Zoológicos e Turismo: um encontro de interesses.....	7
2.1 Introdução	7
2.2 O turismo e educação ambiental	7
2.2.1. A importância da EA	7
2.3. Ecoturismo.....	10
2.4. Turismo de vida selvagem.....	12
2.4.1. Projetos de preservação de vida selvagem e turismo.....	14
2.4.2. Os “falsos” santuários de vida selvagem e atividades turísticas	19
2.5 Jardins Zoológicos	22
2.5.1. Conceito e tipologias de jardins zoológicos.....	22
2.5.2 A importância dos ZOOS para a conservação e preservação das espécies.....	23
2.5.2.1. ZOOS: como os veem os visitantes	25
2.5.2.2 O impacto dos animais que habitam em ZOOS nos seus visitantes	27
2.5.2.3. A exibição emocional e a sua influência nos visitantes	29

2.5.2.4. A educação não formal e formal em Jardins Zoológicos	32
2.6 Os ZOOS enquanto atração turística	35
2.6.1. ZOOS enquanto atração turística – modernização de instalações versus bem-estar animal	36
2.6.2. Motivações e perceções dos visitantes aquando da visita a Jardim Zoológicos	40
2.7. Síntese	44
3. Apresentação do espaço do estudo: o Jardim Zoológico de Lisboa	47
3.1 Introdução.....	47
3.2 Resenha histórica	47
3.3. Localização e organização espacial	48
3.4 Serviços associados ao Zoo de Lisboa	51
3.5 Programas, campanhas e ações no Zoo de Lisboa	53
3.5.1. Programas de reprodução	53
3.5.2 Programas de reintrodução	53
3.6. Uma alteração de nomenclatura no vocabulário no Zoo do Lisboa.....	54
4. Metodologia	55
4.1. Introdução	55
4.2 Modelo da investigação	55
4.3 Universo e amostra.....	56
4.4 Os questionários	56
4.5. Síntese.....	62
5. Análise dos dados e discussão dos resultados	63
5.1. Introdução	63
5.2. Análise dos questionários destinados aos visitantes maiores de 13 anos	63
5.2.2 Análise dos dados e discussão dos resultados	65
5.3. Análise aos questionários destinados a visitantes com idades entre os 3 e os 13 anos.	74
5.4. Análise e discussão dos resultados agrupados	82
Capítulo 6 – Conclusões e perspetivas futuras.....	89
6.1. Verificação de hipóteses propostas.....	89
6.2. Análise dos objetivos anteriormente propostos.....	90

6.3.Limitações do estudo e futuras investigações	92
6.3. Considerações finais	92
Bibliografia.....	94
Anexo 1 – Questionário apresentado aos visitantes a partir dos 13 anos de idade	100
Anexo 2 - Questionário apresentado aos visitantes com menos de 13 anos de idade	104
Anexo 3– Transcrição, por categorias, das respostas dadas à questão 21.1 onde os visitantes maiores de 13 anos, indicam porque pensam voltar a visitar o Zoo de Lisboa e porque o pensam recomendar.	107
Anexo 4– Respostas dadas, na íntegra, pelos inquiridos com mais de 13 anos de idade à questão “Que conteúdos aprendidos no Zoo transmitiria à sua família e amigos?”	111
Anexo 5- Respostas dos inquiridos com menos de 13 anos, à questão nº4.1. relativa a exemplos de novos conhecimentos adquiridos após a visita ao Zoo de Lisboa.....	113
Anexo 5 – Representações diversas do tigre (questão 5)	122
Anexo 5A – Representação do tigre como um leão – Indivíduo VI221 – 8 anos	122
Anexo 5 B – Representação do tigre como um leopardo – indivíduo VI218 – 8 anos	122
Anexo 5C – Representação do habitat do tigre – Indivíduo VI429 – 9 anos	123
.....	123
Anexo 5D -Representação do tigre com pelagem às riscas – Indivíduo VI224 – 11 anos.....	123
Anexo 5E-Representação do tigre com cauda comprida – Indivíduo VI93 – 10 anos	124
Anexo 5F – Representação do tigre com aparência semelhante a um gato- Indivíduo VI64 -10 anos	124
Anexo 5G – Representação do tigre com dentes afiados – Indivíduo VI217 - 8 anos	125
Anexo 5H – Representação do tigre com crias – Indivíduo VI210 – 9 anos	125

Índice de figuras

Figura 1 Apresentação dos capítulos da dissertação e temas a tratar. Elaboração própria.	6
Figura 2 Relação de equilíbrio e cíclica entre a preservação da vida selvagem e o turismo. Elaboração própria	13
Figura 3 Turista com tigre num parque de vida selvagem na Tailândia. Fonte:(Naylor, 2014)..	19
Figura 4 Exemplo de caça ilegal e publicação de fotografias nas redes sociais. Na fotografia está Sabrina Corgatelli e uma girafa que esta matou. Sabrina Corgatelli é responsável pela morte de vários animais nas savanas de África. Fonte: (Kaufman, 2015).....	20
Figura 5 Barbatanas de tubarão ao sol para serem secas para a confecção de sopa de barbatana de tubarão na china. Fonte: African Shark Eco-Charters	21
Figura 6 Número de visitantes em jardins zoológicos e aquários por tipologia anual. Fonte:(INE, 2016)	23
Figura 7 Os quatro pilares dos Jardim Zoológico modernos e a sua interligação. Elaboração própria	25
Figura 8 Três áreas onde o ZOO pretende influenciar e gerar comportamentos no visitante. Fonte: Wijeratne, et al 2013	30
Figura 9 - Argumentos a favor e contra os Jardins Zoológicos. Fonte: (Catibog-Sinha, 2008; Jamieson, 2008)	33
Figura 10 Instalação dos tigres na década de 60 no Jardim Zoológico de Lisboa. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa	37
Figura 11 Instalação dos tigres no Jardim Zoológico de Lisboa em 2016. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa	38
Figura 12 Instalação dos chimpanzés na década de 60 no Jardim Zoológico de Lisboa. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa	38
Figura 13 Templo dos primatas em 2016 , instalação dos chimpanzés. Fotograda cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa	39
Figura 14 Processo de tentativa de salvamento de uma espécie e do seu habitat. Fonte; (Carrilho, 2016)	42
Figura 15 Esquema síntese do capítulo II criado a partir dos temas referidos no capítulo com recurso ao software online Lucidchart . Fontes: (Carrilho, 2016; Catibog-Sinha, 2008; Frost, 2011; Jamieson, 2008; Shani & Pizam, 2011b)	46
Figura 16 Mapa da localização do Jardim Zoológico de Lisboa em comparação com o centro histórico Lisboaeta. Mapa retirado da aplicação google maps.	48
Figura 17 Localização do Jardim Zoológico de Lisboa delimitada com um circulo vermelho. Mapa retirado da aplicação google maps.	49
Figura 18 Mapa do Jardim Zoológico de Lisboa distribuído aos visitantes. Fonte Zoo Lisboa ..	49
Figura 19 Delimitação das áreas primária (entrada livre) e principal (espaço zoológico). Imagem da autoria do Zoo de Lisboa. Editada	50

Figura 20 Respostas dadas à questão de avaliação global ao Zoo de Lisboa por parte dos visitantes com mais de 13.	73
Figura 21 Sexo dos inquiridos.....	83
Figura 22 Histograma da idade dos inquiridos.....	83
Figura 23 Predisposição dos inquiridos para alteração de comportamentos pós visita	88

Índice de tabelas

Tabela 1 Tipologias de turismo de vida selvagem com ou sem consumo. Adaptado de (Right Tourism, sem data-b)	13
Tabela 2 Tipos de instalação animal. Adaptado de (Shani & Pizam, 2011a)	28
Tabela 3 Prós e contras de visitas guiadas em ZOOS. Fonte: (Meiers, 2010)	31
Tabela 4 Resumo das principais motivações e opiniões de visitantes, resultado de estudos levados a cabo em diferentes ZOOS espalhados pelo mundo. Fonte: (Catibog-Sinha, 2011) ..	41
Tabela 5 Ficha técnica do inquérito por questionário	56
Tabela 6 Estudos já realizados noutros Jardim Zoológicos e importantes para a construção do questionário aos adultos	58
Tabela 7 Resumo dos diferentes objetivos inerentes a cada questão colocada nos questionários	60
Tabela 8 Nacionalidades dos inquiridos com mais de 13 anos	63
Tabela 9 Regiões e “países” de residência de Portugal e estrangeiros dos inquiridos com mais de 13 anos.....	64
Tabela 10 Distância entre o Zoo de Lisboa e a região e “país” de residência dos visitantes com mais de 13 anos.	65
Tabela 11 Frequência absoluta da pontuação dada nas diferentes competências, por visitantes que requisitaram o serviço de visita guiada	66
Tabela 12 Apresentações com animais assistidas pelos visitantes durante a sua visita	68
Tabela 13 Número de respostas a cada opção, referente à questão “Quais os três pilares do Zoo de Lisboa?”	69
Tabela 14 Respostas relativas à predisposição dos visitantes para alterar do seu comportamento	70
Tabela 15 Exemplos de algumas respostas dadas pelos inquiridos por categorias à questão “Que conhecimentos transmitiria à sua família e amigos?”	71
Tabela 16 Análise às respostas à questão 20: “Avalie, de acordo com a sua opinião, a evolução das diferentes variáveis abaixo, em comparação às duas visitas anteriores.”	72
Tabela 17 Agrupamento de respostas por categorias e respetiva frequência de resposta à questão 23.1 -! Recomendaria o Jardim Zoológico de Lisboa a um familiar ou amigo? Porquê?	74
Tabela 18 Nacionalidade dos inquiridos entre os 3 e os 13 anos de idade	74
Tabela 19 Regiões e “países” de residência dos visitantes entre os 3 e os 13 anos de idade ..	75
Tabela 20 Distância entre o Zoo de Lisboa e a região ou “país” de residência dos visitantes entre os 3 e os 13 anos	76
Tabela 21 Distribuição dos comentários por categorias e respetiva frequência	78

Tabela 22 Nacionalidades dos 729 indivíduos inquiridos	84
Tabela 23 Regiões e “países” de residência do total de indivíduos inquiridos.....	85
Tabela 24 Agrupamento dos visitantes de acordo com a distância entre o Zoo de Lisboa e a região de residência	86
Tabela 25 Caracterização do visitante do zoo tendo em conta fatores com maior predominância na análise dos dados	90
Tabela 26 Transcrição das respostas à questão 23.1. do questionário para maiores de 13 anos.	107

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento do tema

Um dos primeiros jardins zoológicos de que há registo data de 1760 e localizava-se em Viena, mas o objetivo inicial da sua criação era bem diferente da atual razão de existência destas estruturas.

Embora por vezes foco de polémicas relativas à vida animal, ao longo da sua existência, os jardins zoológicos (ZOOS) permitiram realizar vários estudos, contribuindo por exemplo, para a conclusão sobre a possibilidade de reprodução animal fora do habitat natural (M. R. D. A. F. T. Valente, 2008). Estes espaços têm permitido aos seus visitantes, a observação de espécies animais e plantas de diversos habitats, contribuindo para o seu conhecimento biológico, fazendo com que estas estruturas se tornem verdadeiros centros educacionais (M. R. D. A. F. T. Valente, 2008), sendo atualmente (salvo exceções) um espaço focado principalmente no bem-estar animal (Mason, 2007)

Por outro lado, nas últimas décadas estes espaços têm-se constituído como verdadeiras estruturas emergentes para a diversificação dos destinos turísticos, ou mesmo, como enclaves nos destinos urbanos. Apesar disso, pouco se tem investigado e escrito acerca dos mesmos, tornando-se pertinente estudar o seu papel, as suas funções e a sua repercussão nos visitantes, tendo em conta a perceção dos mesmos.

O caso concreto do Jardim Zoológico de Lisboa, que nasceu em 1884, pelas mãos do Dr. Pedro Van Der Laan, de José Thomaz Sousa Martins e do Barão de Kessler, contando ainda com o apoio do rei D. Fernando II e de Jozé Vicente Barboza de Bocage, foi o primeiro parque a contemplar fauna e flora da ibéria. Inicialmente localizado em S. Sebastião da Pedreira e entre 1894 e 1905 nos terrenos da Gulbenkian, foi já no início do século XX que este se mudou para o local onde se encontra atualmente, na Quinta das Laranjeiras. Os primeiros exemplares de animais, vieram de África e do Brasil, resultado de algumas expedições aí realizadas, fazendo com que este fosse na época, o Zoo com maior diversidade de espécies do mundo.

Tendo como ponto de partida os três pilares destas instituições - conservação, investigação e educação - pretende-se, com esta dissertação, perceber de que forma os visitantes do Zoo de Lisboa percebem o cumprimento destas funções, através da sua visita, e ainda contribuir para a caracterização do perfil do visitante do jardim zoológico, assim como identificar as motivações que o levem a fazê-lo.

Considerando que estes espaços muitas vezes dão origem a diferenciadas opiniões, no que se refere à conservação de fauna em cativeiro, acredita-se que este tipo de estudos contribuem para um melhor conhecimento do seu papel enquanto elemento de sensibilização e educação, poderão contribuir para o melhor conhecimento das suas funções e, porventura, de como estas podem vir a ser adaptadas e reforçadas num futuro próximo, pela associação à atividade turística.

1.2. Objetivos

Esta dissertação pretende, como objetivo geral, investigar e identificar o principal impacto do Jardim Zoológico de Lisboa nos seus visitantes, tendo por base o cumprimento das funções basilares dos ZOOS, nomeadamente o seu contributo para a preservação ambiental, de acordo com as perceções de quem o visita.

No alinhamento deste objetivo geral, este trabalho tem ainda os seguintes objetivos específicos:

- Delinear o perfil do visitante do Jardim Zoológico de Lisboa de acordo com as suas características sociodemográficas;
- Identificar as principais motivações para visitar o Jardim Zoológico;
- Identificar as perceções dos visitantes do Jardim Zoológico acerca do impacto das visitas neste espaço, de acordo com as suas características sociodemográficas;
- Averiguar o cumprimento dos objetivos e da função que o jardim zoológico de Lisboa se propõe realizar.

Pretende-se, com este trabalho, contribuir para um melhor conhecimento do visitante do Zoo de Lisboa e da influência deste, nos seus visitantes.

1.3. Premissas

Este trabalho tem como base as seguintes premissas:

- O Jardim Zoológico é maioritariamente visitado por excursionistas;
- Os visitantes que recorrem ao serviço de visita guiada nos ZOOS referem com maior frequência conhecimentos pertinentes transmitidos e uma motivação superior para a alteração de comportamentos (Randler, Kummer, & Wilhelm, 2012);
- As principais motivações inerentes à visita de Jardim Zoológicos por parte de turistas, resumem-se ao entretenimento e à sociabilidade (Reade & Waran, 1996).

Este estudo pretende responder a uma questão de partida, que se encontra relacionada com as premissas e objetivos acima, nomeadamente: “Qual a influência das visitas ao Zoo de Lisboa nos seus visitantes, no que se refere à preocupação com o ambiente?”

Tendo por base a questão de partida e os objetivos anteriormente indicados foram definidas as seguintes hipóteses de estudo:

- Pelo menos depois de uma visita, os visitantes conhecem e sabem identificar os três pilares do Jardim Zoológico de Lisboa;
- Os visitantes que já visitaram o Jardim Zoológico de Lisboa mais do que uma vez têm uma maior predisposição para a alteração de comportamentos tendo por objetivo a conservação da fauna e da flora, do que os que visitaram o espaço apenas uma vez;
- Os visitantes do Zoo de Lisboa mostram-se mais sensíveis a problemáticas ambientais depois de visitarem este espaço.

1.4. Resumo da metodologia

Para a elaboração desta dissertação realizou-se, numa primeira fase, uma revisão bibliográfica às temáticas a estudar, nomeadamente no que se refere aos jardins zoológicos e às suas funções, ao seu impacto nos visitantes e motivações dos mesmos, e por fim à sua função mais recente enquanto estruturas de diversificação para o turismo. No que se refere mais especificamente ao turismo, realizou-se também uma revisão bibliográfica focada no turismo enquanto instrumento de preservação e educação ambiental.

Após esta pesquisa, foi feita também uma apresentação mais concreta do espaço deste estudo, nomeadamente, o Jardim Zoológico, englobando a sua história, localização e programas que dinamiza.

Procurando cumprir os objetivos anteriormente mencionados, considerou-se essencial auscultar os visitantes do Jardim Zoológico. Para isso procedeu-se à criação de dois questionários distintos, com objetivos específicos subjacentes, a aplicar aos mesmos. De uma forma geral, o inquérito por questionário visa delinear o perfil do visitante do Zoo de Lisboa, aferir as suas principais motivações e identificar as suas perceções, relativamente às funções desta instituição. Foram realizados 200 questionários a visitantes adultos e 529 a crianças. Os dados foram tratados com recurso ao Excel.

1.5. Estrutura da dissertação

Este trabalho está dividido em 6 capítulos (figura 1), que se encontram organizados por temáticas. Neste primeiro capítulo é apresentado o enquadramento do tema, os objetivos que se

pretendem alcançar com a realização do estudo, as premissas e o resumo da metodologia utilizada.

O segundo capítulo diz respeito à revisão bibliográfica resultante da leitura de diferentes textos com o objetivo de introduzir o tema e de aprofundar as temáticas em estudo.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação da instituição escolhida para o estudo, o Jardim Zoológico, apresentando a história do seu surgimento, diferentes fases por que passou, até se apresentar como hoje o conhecemos, e todos os serviços que oferece.

O quarto capítulo está reservado à apresentação da componente metodológica onde se apresenta detalhadamente o procedimento adotado, desde a criação dos questionários à caracterização da amostra. Neste capítulo é feita ainda a apresentação e análise dos dados, e a discussão dos resultados obtidos.

O quinto capítulo é reservado às conclusões retiradas e limitações que surgiram, com o objetivo de contribuir para um possível seguimento do estudo ou criação de novas premissas na área.

O sexto e último capítulo encontra-se reservado à bibliografia, onde são apresentadas todas as referências utilizadas para suportar esta dissertação.

Capítulo 1

- Enquadramento do tema;
- Objetivos do estudo;
- Premissa;

Capítulo 2

- Revisão bibliográfica
- Apresentação de questões preponderantes para o entendimento do estudo em causa
- Referenciação de autores a favor e contra jardins zoológicos
- Encadeamento de questões referentes a problemas atuais em debate e os jardins zoológicos como uma forte possibilidade para os solucionar.

Capítulo 3

- Apresentação da instituição escolhida para o estudo de caso.
- Resenha histórica
- Missão e objetivos
- Programas e ações
- Pilares
- Oferta de serviços

Capítulo 4

- Metodologia;
- Apresentação dos dados;
- Discussão dos dados obtidos;

Capítulo 5

- Conclusões;
- Limitações do estudo;
- Sugestões para estudos futuros.

Capítulo 6

Bibliografia consultada e referenciada na dissertação (livros, revistas, documentários, filmes e internet).

Capítulo 7

Anexos

Figura 1 Apresentação dos capítulos da dissertação e temas a tratar. Elaboração própria.

2. Jardins Zoológicos e Turismo: um encontro de interesses

2.1 Introdução

Neste capítulo é apresentada uma breve introdução à relação entre o Turismo e a Educação Ambiental (EA) e alguns conceitos importantes para o entendimento desta dissertação, nomeadamente o ecoturismo e o turismo de vida selvagem. É apresentado ainda a fundamentação teórica e conceptual no que diz respeito aos jardins zoológicos, englobando a história do seu surgimento, diferentes correntes de opinião acerca da sua existência, a sua importância como estruturas de educação para a conservação e a consideração de alguns estudos já realizados nesta área, em jardins zoológicos espalhados pelo mundo.

2.2 O turismo e educação ambiental

O fascínio do homem pela natureza não é uma temática recente, está presente em toda a sua história. Há 36 mil anos o Homem usava as paredes das cavernas para realizar desenhos que ilustravam momentos do seu dia-a-dia, desenhando leões, bisontes e outros animais de grande porte. Na verdade, faziam-no porque os temiam, pela sua ferocidade, por serem selvagens, numa relação quase de submissão com o mundo natural. Atualmente os papéis invertem-se, o Homem tornou-se “dono” da natureza, com o avanço da civilização, a natureza é, muitas vezes obrigada a recuar (Bertrand & Pitiot, 2015). Esta mudança, por sua vez, resulta no desaparecimento de inúmeras espécies animais, uma vez que os territórios por eles habitados acabam por dar lugar a locais “úteis” para os seres humanos, mas que não o são para os animais (Bertrand & Pitiot, 2015).

E é nesta área que o turismo pode afirmar-se como uma possível solução, ainda que não eficaz na totalidade. O caso do turismo em Jardim Zoológicos, que se encontram regulados por entidades internacionais e de renome, como a EAZA e a WAZA, tornou-se, na atualidade, na única forma de poder observar algumas espécies animais que na natureza se encontram extintas ou no limiar da sua extinção. Desta forma, os Jardins Zoológicos modernos assumem-se hoje como unidades de educação ambiental, que procuram sensibilizar os seus visitantes para a necessária preservação de espécies de animais e plantas (Mason, 2007).

2.2.1. A importância da EA

A educação ambiental pode definir-se como algo que *“compreende os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constrói valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes*

e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade" (ICMBIO, sem data). De acordo com a ICMBio, a EA pode ser desenvolvida em diferentes formatos, com um carácter formal ou não formal, desde que mantenha presentes um conjunto de princípios básicos, tais como:

- a) Foco em questões humanistas, holísticas, democráticas e participativas;
- b) Assumir a interdependência entre os meios natural, socioeconómico, e cultural, mantendo a sustentabilidade na relação;
- c) Pluralidade de ideias e conceitos, tendo em conta a sua multidisciplinariedade;
- d) Ligação entre o círculo: ética, educação, e trabalho em sociedade;
- e) Garantia de continuidade do trabalho a ser desenvolvido;
- f) Avaliação sistemática do trabalho desenvolvido;
- g) Trabalho que visa uma articulação entre as diferentes questões ambientais tanto a nível local, como regional, nacional e mundiais;
- h) Respeito da pluralidade cultural.

Tal como noutras áreas, também nesta a educação apresenta-se como um mecanismo de mudança, que se propõe a gerar desconforto no indivíduo, para que este procure respostas para criar opiniões (Fernandes, 2015).

Num estudo levado a cabo por Almeida em 2007, o autor comprovou o benefício das atividades *outdoor*, de contato com a natureza, para a saúde dos indivíduos, podendo assumir diferentes tipologias como educacionais, sociais, culturais, etc. (Almeida, 2007), e da sua implementação e desenvolvimento de atividades de educação ambiental (EA), desenvolver o psicossomático do ser humano, na medida em que se cria uma aproximação da realidade estudada através de um envolvimento direto com inúmeros fatores (Almeida, 2007).

De acordo com Almeida (2007), atividades de EA em *outdoor* fomentam

“a nossa maturidade psicológica e a identificação com outras formas de vida. Mesmo em a presença de atividades estruturadas (ou especialmente por este motivo), a vivência continuada em áreas naturais ou seminaturais parece ser assim desencadeadora nos jovens de uma forte relação empática para com a natureza, potenciadora de formas de encarar menos centradas no Homem.”(Almeida, 2007).

A educação ambiental não deve ser somente analisada no ponto de vista “ambiental”, mas sim na combinação de diversos fatores sociais, económicos e políticos, que são muitas vezes a raiz de problemas (Pelicioni, 1998).

A EA permite uma aprendizagem não formal e não condicionada pelo normal ambiente das salas de aula, através da oportunidade de complementar a educação formal com atividades que priorizem o contacto com a natureza, estimulando o seu interesse e absorção de conhecimentos (Bilro, 2015).

Utilizando a EA como principal meio, os indivíduos poderão formar opiniões críticas acerca de diversos assuntos do foro ambiental, investigando para fomentar a sua opinião, e gerando as mudanças necessárias, que poderão promover transformações na sociedade, ainda que por vezes a uma escala muito pequena (Fernandes, 2015; Pelicioni, 1998).

Através da EA é simplificado o processo de alteração de atitudes e comportamentos ambientais, que gerarão melhorias, no entanto esta não deve ser entendida como um processo momentâneo (Fernandes, 2015). A EA é também ela um processo de ensino, que poderá vir a gerar frutos.

2.2.1.1. A importância da EA aliada ao turismo

Atualmente, grande parte das populações vive em áreas urbanas, desprovidas de elementos naturais e sem qualquer contacto com o mundo natural, sendo a visita a jardim zoológicos a única forma de contacto com este mundo natural, que se traduz num estímulo para a preservação das espécies animais e de plantas (Costa, 2004). Desta forma, a criação de Jardim Zoológicos integrados nestas áreas urbanas permite o contacto com o mundo natural, e intrinsecamente com a educação ambiental.

Na sua relação com o turismo, a EA, pode assumir-se como uma forma de divulgação de conteúdos mais rápida, para a obtenção de objetivos delimitados pelo intuito de criar uma consciência e uma preocupação com o meio ambiente, procurando através dela a criação de possíveis soluções (Barreto, Guimarães, & Oliveira, 2009) para uma sociedade mais sustentável, onde os indivíduos possam exercer uma cidadania que considere a natureza como um bem comum, e tendo em conta a sua fragilidade (Pelicioni, 1998).

A EA quando exercida em unidades de conservação, garante uma consciencialização apurada do meio que nos envolve, assim como uma aprendizagem através do envolvimento em atividades participativas de carácter natural e social (Salomão, Goulart, & Barata, 2010).

Os Jardim Zoológicos possuem um papel importante na sociedade, uma vez que deixaram de ser apenas o local onde se expunham animais enjaulados, para verdadeiras unidades de conservação que possuem um excelente currículo de educação ambiental, que tem como principal objetivo despertar uma consciência ecológica mais responsável (Costa, 2004).

Costa (2004) argumenta ainda que a educação ambiental em Jardim zoológicos se pode traduzir de diferentes formas:

1. Através de placas informativas que orientam os visitantes e que fornecem informações importantes como a fotografia do animal (importante em instalações com mais do que uma espécie), o seu estatuto de conservação, peso, alimentação, habitat, etc.;
2. Trabalho com professores, para que sejam desenvolvidas temáticas dentro da sala de aula;
3. Atividades de educação ambiental aquando da visita ao Zoo, que complementem as placas informativas já existentes.

A combinação destas três formas poderá ser um estímulo para que crianças e adultos, estejam mais sensíveis para uma possível alteração de comportamentos nefastos para o mundo natural que nos rodeia.

2.3. Ecoturismo

O ecoturismo teve início entre os anos de 1960 e 1970, época em que se começaram a equacionar questões relevantes acerca da ética que remontava ao início do turismo (Sena, 2003) que implicava uma relação de proximidade com a vida selvagem e a sua relação com a atividade de caça (C. Schaul, 2014) e exposição de carcaças de animais selvagens.

O termo “ecoturismo” nasceu através da combinação dos conceitos de natureza e turismo de vida selvagem, para que estes sejam sustentáveis, responsáveis, e que minimizem os efeitos nefastos do turismo para os ecossistemas (C. Schaul, 2014). Em suma ecoturismo resume-se ao seguinte conceito: *“segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o património natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.”* (O Eco, 2015).

O ecoturismo caracteriza-se pela busca de áreas protegidas, com o intuito de criação de laços através do contacto e da contemplação de áreas naturais, assim como o possível desenvolver atividades de carácter educacional, desportivas ou de aventura (Salomão et al., 2010).

Os principais motivos que levaram ao crescimento do ecoturismo, resumem-se à necessidade de alguns indivíduos de rejeitarem o turismo “tradicional”, associado ao turismo massificado, e impessoal, criando uma maior relação com o mundo natural (Sena, 2003).

O ecoturismo encontra-se balizado por três princípios básicos como educação, conservação e sustentabilidade (O Eco, 2015). Por vezes surge alguma confusão na relação destes três princípios básicos, desta forma surgem ofertas de algumas atividades ilícitas como ambientalmente sustentáveis, ainda que não o sejam, como a caça ilegal. A caça ilegal de

animais selvagens pode ser por si só uma forma de sustentabilidade, uma vez que por vezes se torna necessária, na falta de controlo/equilíbrio natural das populações animais, resultando no predomínio de uma espécie sob as restantes, que culmina na aniquilação das mais fracas. Ainda assim esta possui parâmetros muito específicos (C. Schaul, 2014). Este tema será apresentado no subtítulo seguinte em maior pormenor. Em entrevista a Schaul, o Dr. Hutchins afirmou que felizmente a consciência para a caça de animais selvagens tem-se vindo a intensificar e muitos são os que o fazem de momento utilizando somente os olhos e as máquinas fotográficas.

Atualmente a indústria do turismo da vida selvagem tem-se expandido pelo mundo e feito receitas de biliões de dólares por ano, o que por consequente tem alertado para a necessária preservação e conservação de espaços de vida selvagem (C. Schaul, 2014).

As atividades de ecoturismo deverão ser entendidas como atividades turísticas que se encontram reguladas por uma relação positiva e sustentável entre o Homem e a natureza, fomentando a conservação do mundo natural, com o auxílio da educação ambiental (O Eco, 2015).

O ecoturismo surge como um benefício para as comunidades locais em que este se desenvolve, contribuindo igualmente para o bem-estar animal e social, na medida em que gera fundos que poderão ser investidos em programas de proteção do património natural e cultural, que resulta na criação de novos postos de trabalho, fixação de população na região, desenvolvimento de rede de serviços básicos (centros de saúde, hospitais, transportes e comunicação) e melhora os equipamentos das áreas protegidas (Sena, 2003).

Atualmente o ecoturismo, é o ramo da indústria turística com maior índice de crescimento. Estudos realizados pela Organização Mundial de Turismo (OMT) revelaram um crescimento entre 15 a 25% ao ano, totalizando cerca de 260 biliões de dólares em receitas anuais (O Eco, 2015).

O Ecoturismo caracteriza-se por ser uma atividade turística bastante abrangente, que para além da oferta turística comum às restantes tipologias como a hospedagem, transporte, etc., inclui também atividades na natureza que permitem a integração do ser humano, como por exemplo (O Eco, 2015; RevistaEcoturismo, sem data; Sena, 2003):

- Observação de fauna para estudo do comportamento animal;
- Observação da flora para a compreensão dos seus diferentes usos;
- Espeleologia
- Observação astronómica;
- Mergulho livre;
- Trekkings;
- Safaris fotográficos;
- Canyonning;
- Passeios de Kayak

- Asa-delta ou parapente;
- Rappel e escalada

Atualmente a procura por serviços de turismo de massas encontra-se estável, em contraste com a procura de serviços ecoturismo, turismo cultural e de natureza e atividades de “*soft tourism*”. Estima-se que até 2031 as receitas do ecoturismo atinjam valores superiores ao crescimento médio da indústria (Pratt, Rivera, & WTO, 2011).

2.4. Turismo de vida selvagem

O início do turismo com o intuito de observar a vida selvagem remonta ao fim do século XIX e início do século XX, época em que a classe alta inglesa começou a viajar até África (C. Schaul, 2014). Este continente já tinha sido explorado por outros conhecidos exploradores como Stanley, Livingstone, Burton ou Speke, não obstante, após essa época, muitos foram os “turistas” que não se enquadrando na categoria de exploradores profissionais, se iniciaram em aventuras neste continente e tentaram replicar aquilo que encontravam escrito em dezenas de livros de crônicas (C. Schaul, 2014).

Esta geração de “turistas”, que tentava replicar as viagens dos exploradores iniciou-se na atividade da caça, que rapidamente se difundiu. O seu maior pico verificou-se após a viagem do presidente dos Estados Unidos da América, Theodore Roosevelt, ao leste de África, e manteve-se até à atualidade. Esta viagem teve como principal objetivo caçar diferentes espécies de animais selvagens, para expor no Museu de História Natural, atualmente conhecido por *Smithsonian Institution's Museum of Natural History* (C. Schaul, 2014).

Atualmente, o turismo de vida selvagem refere-se por norma a uma observação de animais selvagens em situação de cativeiro, semicativeiro, ou estado selvagem, e engloba qualquer atividade de interação com animais de forma passiva, o contacto físico com as mesmas ou a sua alimentação (Right Tourism, sem data-a).

Ainda que não haja consenso na comunidade científica acerca da forma de classificar subclasses do turismo de vida selvagem, de acordo com a página online Right Tourism, este divide-se em turismo de vida selvagem “com consumo” e “sem consumo” (tabela 1).

Tabela 1 Tipologias de turismo de vida selvagem com ou sem consumo. Adaptado de (Right Tourism, sem data-b)

Turismo de vida selvagem “com consumo”	Turismo de vida selvagem “sem consumo”
Captura e morte de animais selvagens (caça e pesca)	Atividades de observação de comportamento animal
	Fotografia de animais em ambiente selvagem
	Alimentação de animais selvagens

Nalguns países do no continente africano, como por exemplo a Tanzânia, o turismo de vida selvagem tem sido a principal razão pela qual ainda existem alguns espaços de observação e preservação da mesma (figura 2), uma vez que a sua manutenção e proteção gera postos de trabalho às comunidades locais, e a venda de objetos de artesanato com recursos naturais endêmicos da região, permite a entrada de moedas estrangeiras no seu território (C. Schaul, 2014).



Figura 2 Relação de equilíbrio e cíclica entre a preservação da vida selvagem e o turismo. Elaboração própria.

De acordo com a página *Right Tourism* (s.data), as experiências turísticas de vida selvagem devem ser dotadas de um conjunto de características a fim de serem consideradas como atividades responsáveis, nomeadamente (Right Tourism, sem data-a):

- Oferecer uma componente educativa e de interpretação no que diz respeito à importância da vida selvagem e a sua necessidade de conservação;
- Escolher uma atividade que se assemelhe mais com a natureza;
- Evitar contacto direto com animais selvagens, alimentando-os ou tendo qualquer tipo de contacto físico;
- Contribuir positivamente para a conservação da vida selvagem local através de atividades de investigação, donativos e preservação de habitats (Right Tourism, sem data-a).

Atualmente já existem projetos de turismo de vida selvagem que se encontram regulados e de acordo com as características acima indicadas, sendo alguns deles apontados no ponto 2.4.1.

2.4.1. Projetos de preservação de vida selvagem e turismo

A African Wildlife Foundation (AWF), é uma das fundações que apoia projetos de conservação de animais selvagens através de um processo de consciencialização para as comunidades locais (African Wildlife Foundation, sem data). A fundação apresenta um conjunto de soluções que beneficiam o turismo de vida selvagem e as comunidades que residem em redor das áreas de habitat de alguns animais, mostrando-lhes que a conservação desses mesmos espaços permitirá gerar mais receitas do que a ação de caçar furtivamente. De entre essas soluções encontram-se:

- Desenvolvimento de unidades de ecoturismo por todo o continente Africano, através do alerta para a consciencialização da necessária conservação da vida selvagem e da criação de programas entre operadores turísticos experientes e comunidades locais, por meio do arrendamento das suas terras, e do pagamento respetivo da percentagem de vendas, como proteção das áreas onde vivem animais selvagens (African Wildlife Foundation, sem data);
- Criação do Manyara Ranch, que permitiu a preservação de um corredor livre de migração para diversos animais (African Wildlife Foundation, sem data; Manyara Ranch Conservation, sem data-d). A instituição foi a primeira unidade a ser construída para a AWF, oferecendo uma série de atividades de turismo sustentável como: visitas guiadas a pé pela savana (Manyara Ranch Conservation, sem data-c), visitas guiadas de jipe (Manyara Ranch Conservation, sem data-b), visitas guiadas de jipe durante a noite para a observação de comportamentos noturnos e observação de espécies noctílagas (Manyara Ranch Conservation, sem data-e), permanência em esconderijos camuflados com a vegetação para a observação de animais que se alimentam e vivem junto dos lagos, visitas guiadas com a duração de um dia ou mais em ambientes distintos, visitas à aldeia da comunidade Maasai, onde reside uma das comunidades

mais importantes para a manutenção do Manyara Ranch, visita a uma escola local, criada no centro do Manyara Ranch e direcionada para as crianças da comunidade Maasai (Manyara Ranch Conservation, sem data-a)(African Wildlife Foundation, 2010);

- Criação de uma parceria com o hotel de Sabynyo no Ruanda. O Sabynyo é um hotel de luxo localizado nas montanhas do Virunga, e onde é possível vislumbrar paisagens vulcânicas únicas e observar gorilas da montanha. Este hotel foi construído com o apoio da AWF e promove atividades de turismo de vida selvagem operados por membros das comunidades locais adjacentes (African Wildlife Foundation, sem data; Governors Camp, sem data);
- Criação de novos postos de trabalho para as comunidades locais e contribuição da conservação dos elefantes. Situado no Parque Nacional de Chobe, o hotel de luxo Ngoma desenvolveu uma parceria com os moradores Chobe e Muchenje, gerando desta forma emprego para os locais e contribuindo para a preservação do elefante.

Para além da AWF existem outros projetos e fundações que poderemos considerar de sucesso, que têm contribuído com benefícios reais para os animais e para as comunidades locais. Seguem alguns exemplos:

a) *The David Sheldrick Wildlife Trust* (DSWT, sem data-a), iniciado em 1977 no Quênia. A DSWT é um projeto que visa a implementação de medidas de conservação, preservação e proteção da vida selvagem. Que se assume como anti caça furtiva. Procuram consciencializar as comunidades abordando questões de bem-estar animal, fornecendo assistência veterinária de emergência, e à criação de elefantes e rinocerontes órfãos, juntamente com outras espécies. Propõe a adoção de elefantes e rinocerontes órfãos. A adoção consiste em enviar um donativo de US 50\$ por ano que resultará na alimentação do animal escolhido e na prestação de cuidados de saúde (DSWT, sem data-b; The David Sheldrick Wildlife Trust, 2015).

São apoiados pela British Airways, Nat Geo Wild, Animal Friends Pet Insurance, Chantecaille, Kathy Kamei Designs, Williamson Tea e Metage Capital.

b) O Grupo Lobo iniciou a sua atividade em 1987 em Portugal. A sua missão prende-se em albergar espécies animais que já não podem viver em liberdade, providenciando cuidados para a sua sobrevivência, aliados à realização de estudos sobretudo na área comportamental e a consciencialização para a necessária conservação do lobo ibérico. Propõem atualmente dois programas:

1. **Programa de ecoturismo** que apoia criadores de gado através do agendamento de atividades de ecoturismo em que o público tem acesso a um dia numa quinta de um pastor, aos seus costumes e aos métodos utilizados para evitar ataques ao gado pelo lobo (Grupo Lobo, 2016);

2. **Programa “O lobo-Ibérico** no Parque Nacional Peneda-Geres - Descubra a Terra, os Mitos e a Vida do Lobo-ibérico”. Ao participar no programa 3% do custo do programa revertem para os projetos de conservação do lobo-ibérico em Portugal coordenados pelo Grupo Lobo. A contribuição servirá ainda para apoiar as comunidades locais através da Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, que promove a recuperação do património da aldeia (Grupo Lobo, sem data). São apoiados pelas seguintes entidades: ADERE- Peneda Gerês; ALDEIA; Programa ANTIDOTO; Biodiversity4all; Campo Aberto: Núcleo de Estudos de Carnívoros e seus Ecossistemas; C+Planeta; Clube Português de Colecionadores de Pacotes de Açúcar; Criança e Natureza; Associação para o Apoio a Instituições de Solidariedade Social; Estrelas & Ouriços; Fundo para a Proteção dos Animais Selvagens; Grupo de Trabalho de Ecologia das Estradas; Loboarga; Ideias Ambientais; Câmara Municipal de Mafra; Naturlink - O Portal da Natureza; Pela Natureza; Escola de Formação Profissional e Artística; Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza; Sabor Livre; SOS Rio Paiva; SPEA - Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves; We Value - Consultoria, Formação e Tecnologia em Ambiente; California Wolf Center; Society for the Protection of Wolves (Alemanha).

c) A Turtle Foundation iniciou em 2000 na Indonésia (ilha de Derawan), e em 2008 em Cabo Verde (ilha da Boa Vista) projetos de ecoturismo com as comunidades locais, para consciencialização da necessária preservação da flora e fauna marinha, através do pagamento de rendas (Turtle Foundation, sem data). A Turtle Foundation propõe-se a contribuir para a conservação das tartarugas marinhas através dos seus projetos de conservação, realizados em cooperação com as comunidades locais (Turtle Foundation, 2015) e conta com o apoio das seguintes entidades: AAGE V.JENSEN NATUFOND; Community of Vaduz; Zurcher tierschutz; Stiftung Dritters Millennium; indito; Diver Design; Crea Group; Vista Verde Tours; Turtle Book; We Dive; Extra divers worldwide; Tierschuztftung Wolfgang Bosche; Hand In Hand-Fonds ; EVA MAYR-STIHL Stifftung; Raja4divers; Siladen Resort&SPA; Manta Ray Bay Resort & Yap Divers; Alambalm; Scubaqua; Mares; Yucatek Divers; Sea Explorers; Werner Lau; Ducks; Aqua Venture; Aquanaut; Amira; Pura Vida; Amun ini; Virgin cocoa; Lembbeh Resort; Sam's tours; APO REEF CLUB; Murex; Red Sea Diving Safari; Buddy Watcher.

d) A Associação de Tartarugas Marinhas iniciou em São Tomé e Príncipe, em 2012, um projeto de proteção de zonas de desova de tartarugas para evitar caça furtiva de ovos, a sensibilização junto das comunidades locais para evitar tipos de pesca específicos que pescam acidentalmente anualmente milhares de tartarugas que acabam por morrer, e por fim a participação em tentativas de criação de leis contra a pesca e caça de tartarugas, tornando essa atividade ilegal. Apesar da data indicada, esta já havia realizado outros projetos semelhantes noutros locais desde 2003.

“A Missão da ATM é a proteção, pesquisa e conservação das tartarugas marinhas nos países lusófonos, promovendo um desenvolvimento sustentável.” (ATM, sem data-a)

Esta promove:

- Ações de proteção;
- Ações de sensibilização;
- Intervenção na área científica;
- Cooperação para o desenvolvimento
- Cooperação para a educação, formação e introdução de práticas sustentáveis (ATM, sem data-b).

e) Foi iniciado um movimento na Costa Este do México – Isla Mujeres , um movimento em data desconhecida. O movimento iniciou-se após o fotógrafo de vida selvagem Shawn

Heinrichs ter visitado a Isla Mujeres, uma das ilhas com maior pesca de tubarão do mundo, e após um trabalho com a comunidade local, criou um grupo comunitário de ex-pescadores mostrando-lhes que os Tubarões, mais propriamente os Tubarões Baleia, são mais rentáveis vivos para serem observados pelos turistas, do que pescados e mortos. O movimento levou à criação de diversas empresas operadas por locais que proporcionam momentos de observação destes gigantes mamíferos (Psihoyos, 2015).

Em Isla Mujeres são agora comercializadas visitas em pequenas embarcações para a observação e realização de snorkeling com um dos maiores animal existente na terra, os tubarões baleia (Psihoyos, 2015). Este projeto pode ser visualizado no filme documentário Racing Extinction.

f) Entre 2014 e 2015, na Indonésia (Lamakera) decorreu um caso de sucesso, fruto do trabalho de cientistas preocupados com a extinção da vida animal, e que pretendem alertar para a situação. O caso foi referido no documentário de vida selvagem “Racing Extinction”, apresentado em 2015 e refere a história do povo da Lamakera, pescador e caçador de mantas para a venda de todas as suas partes do corpo. O povo de Lamakera caçava desenfreadamente esta espécie animal, causando decréscimo exponencial da sua população.

Através da realização de um filme a ser transmitido na aldeia a todas as crianças e indivíduos residentes na aldeia, conseguiram consciencializar para o valor destes animais e para o perigo de extinção. A alternativa à caça consistiu na apresentação de atividades turísticas relacionadas com a observação destes imponentes animais, em pequenas embarcações, guiadas por locais de Lamakera que sabem onde as encontrar, e que assim beneficiam da sua existência, através da obtenção de rendimentos, sem necessidade de as caçar (Psihoyos, 2015).

g) A Ocean Alive actua no território Português. Pretende sobretudo consciencializar os indivíduos para a necessária proteção dos oceanos através da implementação de programas de

conservação. Entre 2014 e 2015 a Ocean Alive desenvolveu os seguintes programas e campanhas:

1. **Programa “Guardiães do mar”**: envolver as mulheres pescadoras e a comunidade costeira local na proteção das pradarias, eliminando 3 causas da sua degradação, com origem na comunidade piscatória e recreativo, o lixo proveniente da mariscagem e as âncoras e as amarrações sobre as pradarias e as técnicas de pesca agressivas;
2. **Programa “Ocean Alive Camp Summer School** : Programa com uma semana de duração, que inclui formação multidisciplinar, que instruir os indivíduos acerca das problemáticas que afetam atualmente os oceanos, e das condições necessárias que o ser humano pode providenciar para o seu equilíbrio. Este programa para além da formação de carácter teórico, inclui ainda atividades que resultam num maior conhecimento dos oceanos, envolvendo cientistas e pescadores do estuário do Sado. O Ocean Alive Camp tem como parceiro a Unesco (Comité Português para o Programa Internacional de Geociências (IGCP-UNESCO) e tem os enquadramentos internacionais da Década da Biodiversidade e do Ano Internacional para o Entendimento Global.” (Ocean Alive, sem data-b);
3. **Campanha de sensibilização e limpeza de praia, no estuário do Sado: “Mariscar sem lixo”**: No âmbito da iniciativa **“Guardiães do Mar” da Ocean Alive**, a **campanha “Mariscar SEM Lixo”** tem como objetivo acabar com o hábito dos mariscadores em deixar as embalagens de plástico de sal fino na maré, depois de usarem o sal para apanhar lingueirão e casulo. Esta campanha visa eliminar a contaminação das pradarias marinhas do estuário do Sado pelo plástico introduzido pela comunidade piscatória e lúdica local, através da mariscagem (Ocean Alive, sem data-a).

Os projetos apresentados acima são exemplos de sucesso de projetos que poderiam ter inicialmente um intuito pouco sustentável, e que com a intervenção de cientistas, organizações e instituições privadas, se tornaram sustentáveis ambientalmente e economicamente para as comunidades que os desenvolvem.

Estes projetos têm ainda um conjunto de diretrizes em comum, nomeadamente a forma de produzir mudanças em diversas ilhas, aldeias, ou até culturas, apresentando alternativas às práticas que estas já desenvolvem para sobreviver (Psihoyos, 2015) mostrando-lhes que a riqueza vem da sua preservação e não da destruição.

O Dr. Klaus Töpfer, diretor executivo da UNEP, refere no prefácio de um estudo realizado sobre os benefícios e os riscos do rápido crescimento da atividade turística e do impacto nas espécies do turismo de vida selvagem, que as atividades turísticas associadas à observação da vida selvagem representam uma fonte de rendimento considerável e de crescimento de criação de ofertas de trabalho a comunidades de países em desenvolvimento (Topfer, 2016).

Topfer afirma que o turismo representa um elevado envolvimento entre a economia global, a população e o ambiente, e que a sua relação poderá ter dois efeitos, um positivo, o de promover uma maior compreensão entre pessoas e culturas, ou o negativo, que resulta na exploração de indivíduos, desarmonia social e degradação ambiental e cultural. Para um efeito positivo deverá existir uma adequada gestão e proteção de recursos de forma a minimizar perturbações na vida selvagem resultantes da indústria do turismo (Topfer, 2016). No entanto, o turismo de vida selvagem, principalmente em ilhas de pequena dimensão, representam um elevado índice de empregabilidade, podendo somente uma atividade empregar 20 a 50% da população e representa entre 30% a 90% das receitas da região (Pratt et al., 2011).

2.4.2. Os “falsos” santuários de vida selvagem e atividades turísticas

Atualmente têm-se debatido nos media a questão do “falso” turismo de vida selvagem, e apesar de o número de turistas que procuram este tipo de turismo ter decrescido, este continua a gerar biliões de receitas por ano. Atualmente mais de um terço dos turistas mundiais procuram serviços turisticamente sustentáveis, e encontram-se dispostos a pagar entre 2 a 40% mais por este tipo de experiências (Pratt et al., 2011).



Figura 3 Turista com tigre num parque de vida selvagem na Tailândia. Fonte:(Naylor, 2014).

É possível encontrar diversas fotografias e comentários de experiências na internet de turistas que consumiram produtos de turismo de vida selvagem que pressupunham um contacto direto com animais selvagens de grande porte (figura 3) (Tripadvisor, 2016a) ou de crias, para que fossem retiradas fotografias, alimentados, ou simplesmente tocar nos animais, a troco do pagamento de uma taxa de serviço, que de acordo com as entidades responsáveis contribui para a sua conservação e alimentação. No entanto, muitas das vezes esses animais são mantidos em espaços não adequados para o seu porte, têm uma dieta inadequada, e isso apenas se torna possível porque se encontram sedados para que seja possível serem “manuseados” pelos humanos (Right Tourism, sem data-a).

O caso dos grandes felinos em África ou na América do Sul, que são “vendidos” como experiências, para que os turistas possam brincar com as suas crias, ou tirar fotografias com os mesmos, é uma dessas situações. Os operadores vendem as experiências sob o pretexto de que os lucros obtidos servirão para a sua libertação futura no habitat natural, mas a verdade é que esses animais nunca serão libertados, e se tal acontecesse, não sobreviveriam no meio natural (Right Tourism, sem data-a).

Uma situação muito semelhante é a da caça para obtenção de “troféus”, apelidada em inglês como *big hunting game*. A atividade *big hunting game* é vendida por operadores turísticos a qualquer indivíduo que possua dinheiro para a obter, e consiste na caça de grandes mamíferos em ambiente selvagem como leões, rinocerontes, elefantes, ursos e girafas (figura 3). Estas atividades são vendidas sob o pretexto de que estas contribuem para o desenvolvimento local, para a conservação de espécies por parte das comunidades que lá residem e para controlar as populações de forma a manter sustentáveis os recursos naturais (figura 4) (Right Tourism, sem data-a).

É importante ressaltar que existe de facto caça de animais selvagens com um intuito de controlar as populações e evitar o sobre pastoreio. No entanto, esta é uma solução a que se recorre apenas em última instância, e a carne dos animais mortos é aproveitada para a alimentação das populações residentes na região (Art, 2015). Não obstante a caça de animais de grande porte como leões, girafas e rinocerontes torna-se bastante mais rentável se for realizada por um caçador de troféus (Art, 2015).



Figura 4 Exemplo de caça ilegal e publicação de fotografias nas redes sociais. Na fotografia está Sabrina Corgatelli e uma girafa que esta matou. Sabrina Corgatelli é responsável pela morte de vários animais nas savanas de África. Fonte: (Kaufman, 2015)

Um caso mediático em 2015 deste tipo de caça, foi a notícia da morte ilegal de um leão com 13 anos de idade, que vivia no Parque Nacional Hwange, no Zimbabué. O Cecil era o macho alfa da manada de leões do parque nacional, e foi morto por um dentista norte-americano, após o pagamento de 50 mil dólares a um conhecido caçador chamado Theo Bronkhorst (Ruic, 2015).

A caça de animais selvagens é ilegal dentro dos limites do parque, no entanto, os caçadores ataram uma carcaça de animal à parte de trás de uma carrinha de caixa aberta e atraíram Cecil para fora dos limites do parque. Quando se encontrava já fora do parque, Cecil foi atingido com uma flecha, não lhe provocando a morte imediata e acabou por fugir (Machado, 2015). Os caçadores voltaram a encontrar Cecil 40 horas depois, em sofrimento, mas ainda com vida, momento em que o balearam, arrancaram a sua cabeça e a sua pele, para que fosse retirado o dispositivo de GPS que trazia ao pescoço, uma vez que Cecil era monitorizado há vários anos pela universidade de Oxford (Ruic, 2015). A situação gerou uma enorme onda de contestação acerca da caça ilegal de animais selvagens e foram feitas várias petições a exigir que os autores os crimes fossem deportados para o Zimbabué e julgados sob as leis do país. Quando confrontado com a situação o dentista norte-americano alegou que desconhecia o mediatismo do leão e que não tinha conhecimento da ilegalidade da situação.

Foi após a mediatização da história de Cecil que muitos indivíduos tiveram contacto com o assunto do “The big game hunting”, surgindo como exemplo de sensibilização para a caça ilegal de animais selvagens, e contribuindo para a criação de programas de proteção destes animais (Art, 2015).

Atualmente a caça e exibição da carcaça animal é legal desde que o animal em causa não se encontre em extinção (Bertrand & Pitiot, 2015). Na China, por exemplo, é possível encontrar à venda atividades turísticas relacionada com a obtenção de barbatanas de tubarão (figura 5), para a produção de sopa de barbatana de tubarão. Estima-se que sejam pescados por dia, no mundo, 250 000 tubarões entre a atividade turística e a pesca ilegal, e que muitos deles não chegam a ser capturados, sendo-lhes amputadas as barbatas e devolvidos ao mar, onde morrerão em sofrimento por afogamento (Psihoyos, 2015).

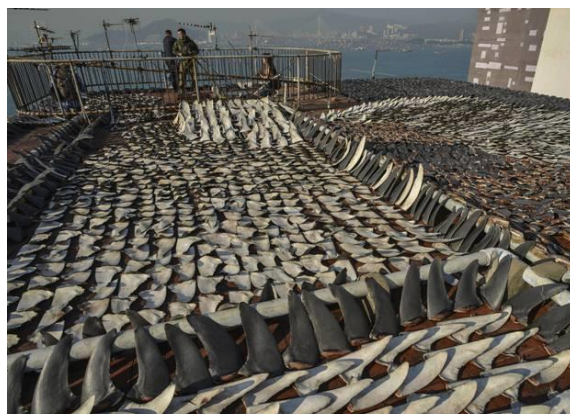


Figura 5 Barbatanas de tubarão ao sol para serem secas para a confecção de sopa de barbatana de tubarão na china. Fonte: African Shark Eco-Charters

No âmbito da utilização e exploração animal para a atividade humana, ligada ao turismo, a 11 de outubro foi anunciado na página online de uma das mais importantes plataformas de turismo

(Tripadvisor) a seguinte decisão: "With endorsements from the United Nations World Tourism Organization (UNWTO), TripAdvisor to create a wildlife tourism education portal for travelers in partnership with top accredited trade groups, conservation organizations, academic experts, tourism experts, and animal welfare groups, including the Association of ZOOS and Aquariums, ABTA — The Travel Association, Global Wildlife Conservation, People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), Oxford University's Wildlife Conservation Research Unit (WildCRU), Sustainable Travel International, The TreadRight Foundation, Think Elephants International, Asian Elephant Support, Pacific Asia Travel Association (PATA) and World Animal Protection" (Tripadvisor, 2016b).

A partir deste comunicado, o TripAdvisor comprometeu-se a deixar de vender atividades de turismo de vida selvagem não sustentável. Também em Portugal, no dia 12 de outubro de 2016 foi anunciado no jornal português Público que a plataforma de viagens online TripAdvisor tinha cessado a venda de ingressos e marcação de experiências que envolvesse o contacto direto com animais selvagens ou espécies animais em vias de extinção em cativeiro.

Também as atividades de turismo não sustentável com animais em ZOOS, se encontra contemplada nesta decisão. Desta forma, os ZOOS e espaços de turismo de vida selvagem foram obrigados a cessar este tipo de atividade, sob a pena de perderem os seus visitantes.

2.5 Jardins Zoológicos

2.5.1. Conceito e tipologias de jardins zoológicos

Atualmente, no século XXI, um zoo caracteriza-se por um local que combina a presença de uma coleção de vida animal em cativeiro, e poderá englobar não só os jardins zoológicos mas também *"parques biológicos, safari parques, aquários públicos, parques de aves, parques de répteis, insectários, e outras coleções de vida selvagem com o intuito de o expor ao público com objetivo educacional, científico e de conservação"* (s.a. cit Catibog-Sinha, 2008).

A grande diferença destes com os museus, é a exposição de "objetos" vivos, uma vez que o proposto educativo se mantém em ambos (Mason, 2007).

A WAZA refere os jardins zoológicos como "(...)a instituição primária de apresentação da vida selvagem" e ainda como um "(...) local que deve inspirar as pessoas que visitam ZOOS a fazer parte do movimento de sustentabilidade (WAZA, sem data).

A figura 6 resume o número de visitantes anuais de jardins zoológicos e aquários em Portugal, revelando um aumento de 23% de visitantes entre 2012 e 2015 (INE, 2016).

Período de referência dos dados	Tipologia	Visitantes (N.º) de jardins zoológicos, botânicos e aquários por Tipologia; Anual
		Localização geográfica
		Portugal
		N.º
2015	Total	3 967 569
	Jardim zoológico	1 092 662
	Jardim botânico	1 053 499
	Aquário	1 444 179
	Outro	377 229
2014	Total	3 510 041
	Jardim zoológico	1 028 166
	Jardim botânico	867 409
	Aquário	1 303 774
	Outro	310 692
2013	Total	3 285 642
	Jardim zoológico	1 017 490
	Jardim botânico	821 482
	Aquário	1 220 143
	Outro	226 527
2012	Total	3 382 837
	Jardim zoológico	1 297 591
	Jardim botânico	805 839
	Aquário	1 179 061
	Outro	100 346

Visitantes (N.º) de jardins zoológicos, botânicos e aquários por Tipologia; Anual - INE, Inquérito aos jardins zoológicos, botânicos e aquários

Figura 6 Número de visitantes em jardins zoológicos e aquários por tipologia anual. Fonte: (INE, 2016)

2.5.2 A importância dos ZOOS para a conservação e preservação das espécies

Numa época em que as mudanças ambientais condicionam cada vez mais os nossos dias, torna-se fulcral abordar questões e estratégias que minimizem alguns dos efeitos relacionados com a conservação.

Os números referentes à diversidade de espécies do nosso planeta que se encontram atualmente extintas, não é consensual, nem tão pouco possível de determinar, uma vez que ainda não existem dados científicos que cataloguem todas as espécies existentes no planeta, não podendo desta forma aferir quantas delas se encontram atualmente extintas, ou em vias de extinção (WWF, sem data).

Num ano é esperado que uma espécie por cada um milhão, se extinga de forma natural. (Primm 2015). No entanto estima-se que, atualmente por intervenção humana, se estejam a perder entre 1000 e 10 000 vezes mais rápido espécies animais e de plantas no planeta (Psihoyos 2015; WWF sem data; Primm, 2015). O número terá apenas tendência para aumentar, uma vez que por ano poderemos perder entre 0,01 e 0,1% de novas espécies, e em 100 anos podemos vir a perder irreversivelmente cerca de 50% das espécies animais existentes na terra, o que levou alguns cientistas a afirmar que estamos a atravessar uma crise biológica (EAZA, sem data).

Vários cientistas afirmam que o planeta terra já passou por cinco momentos de extinção massiva (Psihoyos, 2015):

- O 1º denominado de “*Ordovician*” e ocorrido em 443 milhões de anos a.c.;
- O 2º “*Devonian*”– 374 milhões de anos a.c.
- 3º “*Permian*” – 252 milhões de anos a.c.
- 4º “*Triassic Jurassic*” 200 milhões de anos a.c.
- 5º “*K-T extencion*” 65 milhões de anos a.c.

No documentário *Racing Extinction*, Johnson (2015) afirma que estamos a passar por um período de “*Anthropocene*”, que em português significa “O tempo dos humanos”. Este descreve o período atual como uma época em que os seres humanos estão a deixar uma marca que vai ser fossilizada, guardada e que terá repercussões no futuro (Psihoyos, 2015). Johnson diz ainda que se há 65 milhões de anos antes de Cristo, um asteroide embateu na terra e causou a extinção dos dinossauros, atualmente os humanos são também eles um asteroide, e o resultado de um novo momento de extinção massiva.

Os jardins zoológicos, desde que regulamentados, assumem-se como unidades de conservação, e apesar de não ter sido sempre assim, os crescentes estudos na área têm contribuído para uma efetiva melhoria. Um dos primeiros jardins zoológicos de que há registo data de 1760 e localizava-se em Viena (Tiergarten Schonbrunn, sem data) situado nos jardins do palácio de Schonbrunn. Não obstante, a captura de animais para fins recreativos e símbolos de poder já vinha do tempo dos egípcios, e numa segunda fase do império romano (Mason, 2007), onde diferentes exemplares de animais como tigres, leões, hipopótamos, serpentes e ursos, lutavam até à morte com gladiadores para entretenimento dos imperadores e do público (Jamieson, 2008).

Inicialmente, tal como os ZOOS que se seguiram, tinham uma função de colecionismo por parte das camadas mais altas da sociedade. Resultaram da realização de, numa primeira fase, de expedições a África com o objetivo de capturar animais selvagens vivos, e trazê-los para os seus jardins (M. R. D. A. F. T. Valente, 2008). Apesar de estes terem sido capturados inicialmente apenas com o intuito de exposição particular dos nobres, os anos que se seguiram foram decisivos para a evolução das mentalidades e do conhecimento científico. Foi graças à evolução destas unidades que foi possível concluir, através de trabalho de investigação, que era possível haver reprodução animal fora do seu habitat natural, fazendo com que estes espaços se tornassem importantes estruturas de reprodução e conservação de espécies animais (MTS, s.d.). Para além da função de investigação, os jardins zoológicos permitiram aos seus visitantes, poderem ver espécies de animais e plantas de habitats distintos aos seus, aumentando assim o conhecimento biológico de uma grande variedade de espécies, tendo-se tornado ao longo dos anos em centros educacionais, de pesquisa/estudo do comportamento, enriquecimento

ambiental¹ e suporte de reprodução *in situ* (Catibog-Sinha, 2008; Tiergarten Schonbrunn, sem data)

2.5.2.1. ZOOS: como os veem os visitantes

Atualmente os ZOOS modernos sustentam-se em três pilares principais: educação, investigação e conservação (figura 7)



Figura 7 Os quatro pilares dos Jardim Zoológico modernos e a sua interligação.
Elaboração própria

Os três pilares apresentados (figura 7) encontram-se todos eles interligados (Reade & Waran, 1996) à exceção de um, o entretenimento que, frequentemente não é assumido como um dos principais pilares, mas que se concluiu diversas vezes em estudos passados que esta é a principal motivação da visita (Mason, 2007).

Os avanços no conhecimento acerca da conservação, resultaram das investigações científicas levadas a cabo por especialistas, e representam dados importantíssimos que poderão vir a ser trabalhados. No entanto, estas investigações têm elevados custos associados, sendo em parte custeadas pelos visitantes que visitam os ZOOS através do papel do entretenimento e recreação (Reade & Waran, 1996).

¹ “O enriquecimento ambiental é um processo dinâmico que tem como objetivo estimular os comportamentos naturais de cada espécie. Melhora o bem-estar animal, evita comportamentos estereotipados e possibilita uma futura reintrodução na natureza”. (ZOO Lisboa, sem data-a) indique pág
O enriquecimento ambiental pode assumir diferentes formas: alimentar, sensorial, social e ocupacional, e tem como principal objetivo despoletar comportamentos que os animais teriam se estivessem no seu habitat natural, recorrendo a objetos naturais e artificiais como pedras, vegetação, água (lagos, cascatas, etc.), brinquedos, cheiros de outros animais e sons (Shani & Pizam, sem data).

Ainda assim, o entretenimento e recreação é um pilar que não aparece muitas vezes nas diferentes referências e, pelo fato de não ser claramente assumido pelos ZOOS, surge repetidamente como a principal motivação dos visitantes, mesmo que possam existir outros motivos inerentes (Reade & Waran, 1996). Além disso, Wagoner e Jensen (2010) afirmam que existem autores que defendem que a educação praticada nos ZOOS é mínima, ou que esta poderá ter mesmo efeitos negativos, uma vez que esta não é formalizada e que o principal motivo da visita é maioritariamente o entretenimento (Mason, 2007; Wagoner & Jensen, 2010) .

Existem ainda poucos estudos no que diz respeito ao impacto dos conteúdos educacionais que são transmitidos aos seus visitantes em jardins zoológicos em torno do mundo (Reade & Waran, 1996). Um desses estudos é o de Kellert e Dunlap (1989) que concluiu que os conteúdos educacionais transmitidos nesses espaços são de caráter não formal, não estruturados, e que os ZOOS desenvolvem um trabalho insuficiente no que diz respeito à transmissão de conteúdos biológicos que poderiam vir a motivar os visitantes a terem comportamentos orientados para a conservação de seres vivos, mantendo somente uma função de entretenimento (Clayton, Fraser, & Saunders, 2009; Reade & Waran, 1996). Outro estudo realizado por Whittall em 1992, conclui também que as principais motivações inerentes à visita de ZOOS por parte de turistas, se resumem ao entretenimento e à sociabilidade (Reade & Waran, 1996) não dando ênfase à função associada à sensibilização ecológica.

No entanto, autores mais recentes como Carr (2009) afirmam que a relação entre os animais e os seres humanos tem-se alterado e intensificado, uma vez que estes tendem a procurar por novas experiências, ainda que esta interação tenha vindo a aumentar as preocupações relativas a outras temáticas, nomeadamente no que se refere aos direitos dos animais, como seres vivos (Carr, 2009). Esta interação e preocupação tem feito surgir diversos estudos acerca da vida selvagem que tratam assuntos de elevada importância como a caça ilegal, com a consequente, exposição de carcaças como troféus, seguida muitas vezes da publicação online de fotografias, e a educação direcionadas para as atividades turísticas que envolvem o contacto com a vida selvagem e a sua necessidade de preservação (Carr, 2009).

Por seu lado, os ZOOS têm-se modernizado e reunido esforços, com o apoio da EAZA e de outras instituições, para a melhoria das instalações animais, tornando-as cada vez mais semelhantes ao seu habitat natural, ainda que nem sempre todos os aspetos estejam visíveis aos olhos dos visitantes. Estas alterações têm permitido aos visitantes observar, não só o animal mas também os diferentes habitats das espécies e os seus comportamentos, diminuindo desta forma o enfoque no entretenimento, em prol da educação da conservação (Reade & Waran, 1996; Wijeratne, Van Dijk, Kirk-Brown, & Frost, 2013). De acordo com Reade e Waran (1996), estas alterações têm afetado a perceção dos visitantes em relação aos animais, aumentando a sua compreensão no que diz respeito ao modo de comportamento no meio selvagem e à

alteração de atitudes por via da mensagem visual através do enriquecimento ambiental físico, que influencia a consciência para a conservação.

2.5.2.2 O impacto dos animais que habitam em ZOOS nos seus visitantes

Ao longo dos anos, têm sido realizados alguns estudos acerca do impacto dos animais que habitam os ZOOS, e das informações que são transmitidas nestes espaços, nos visitantes, por estudiosos como Jensen, Carr e Wagoner, (Carr, 2009; Dawson & Jensen, 2011; Reade & Waran, 1996), no entanto, o seu número é diminuto e são demasiado focados em alguns ZOOS.

Um estudo realizado no Zoo da Austrália em 2008, que visou entender a perceção dos visitantes antes e pós a visita duma exibição de aves de rapina, revelou que cerca de 81% do público presente, revelou ter ouvido o conceito de conservação e o apelo para a mesma e 54% revelou que desejaria alterar as suas atitudes para ajudar nesta tarefa. Contudo, seis meses depois, 38 espetadores foram contactados via telefone com o objetivo de aferir se as intenções referidas anteriormente tinham sido concretizadas, e apenas três deles o tinham feito (Smith, Broad, & Weiler, 2008).

Ainda que não haja dados que refiram quantos espetadores se encontravam a assistir à exibição de aves naquele dia, o número de inquiridos é relativamente reduzido. O estudo revelou ainda, que apesar de os visitantes ficarem sensibilizados com os conteúdos transmitidos, a sua intenção de agir, tem uma presença muito curta no tempo, especialmente em indivíduos que visitaram o zoo apenas uma vez (Smith et al., 2008). Para uma efetiva alteração de comportamento, seria necessária uma constante atualização e reciclagem da informação, de forma a manter viva a memória do que foi adquirido (Smith et al., 2008). Smith, Broad e Weiler (2008), apoiados na premissa de Broad e Smith (2004), referem que para um maior sucesso da mensagem, esta deveria estar encadeada com outros meios, inclusivamente os de informação e comunicação.

De acordo com um estudo realizado por Shani e Pizam em 2011, existem sete formas de exibir os animais em ZOOS espalhados pelo mundo, sejam eles regulamentados pelas regras da EAZA e WAZA ou não (tabela 2)

Tabela 2 Tipos de instalação animal. Adaptado de (Shani & Pizam, 2011a)

Tipos de instalação	Descrição
Naturalista	Instalação em que os animais se encontram envolvidos por ambientes naturais e seminaturais que incorporam elementos e técnicas que visam mostrar o ambiente natural.
Ecológica-científica	Instalação onde é dada ênfase ao envio de mensagens ambientais relacionadas com a conservação e encorajar para a tomada de decisões nos visitantes, através de informações relevantes sobre os animais ou o seu ambiente,
Humanística	Instalação em que os animais são expostos com o objetivo de criar laços com os visitantes, e onde/ou os animais são apresentados a realizar performances através de movimentos e ações não características dos mesmos, associadas aos humanos (ex.: andar em duas patas no caso de ser um quadrúpede, andar de bicicleta, etc.).
Moralista	Instalação que provoca “incomodo” aos visitantes através da passagem de mensagens relacionados com os direitos animais, opondo-se à crueldade da exploração animal.
Utilitária	Instalação em que o valor material e prático dos animais para os humanos é demonstrado através da prática de atividades úteis para eles.
Dominante	Instalação em que na maioria dos casos envolve exposições que demonstram o poder superior do humano sobre os animais.
Negativista	Instalação ou exposições que se focam na apresentação dos animais com uma imagem negativa, assustadora ou que causa repulsa.

As tipologias de exibição apresentadas por Shani e Pizam (2011), resumem as diferentes instalações animais que nos dias de hoje ainda existem em diferentes ZOOS espalhados pelo mundo.

As tipologias de instalações afetam, ainda que indiretamente, a percepção que os visitantes têm dos animais exibidos (Shani & Pizam, 2011a). Por exemplo, a existência de elementos alusivos ao seu habitat, como o solo de areia na instalação dos leões, dará a percepção ao visitante do tipo de ambiente em que este vive, contribuindo, ainda que indiretamente para a educação do visitante.

2.5.2.3. A exibição emocional e a sua influência nos visitantes

Como já vem sendo referido, a alteração dos pilares dos ZOOS, tendo em conta a introdução do entretenimento e recreação, resultou numa crise de identidade por parte destas unidades, uma vez que os objetivos e a sua missão (no entendimento dos visitantes) foram muitas vezes confundidos com os interesses económicos (Wijeratne et al., 2013). Como forma de colmatar esta falha foram criados uma série de programas e mecanismos educacionais para a conservação que visam a alteração de atitudes e comportamentos por parte dos visitantes através da sensibilização (Wijeratne et al., 2013). Destes programas resultou um conjunto de produtos que se dividem entre informações estáticas, por meio de placas, informações interativas recorrendo a televisões, *tablets* ou *smart tvs* (que permitem a interação direta e em tempo real com os visitantes), e a transmissão de informações úteis norteadas para a conservação, por meio da educação.

Um estudo realizado por (Wijeratne et al., 2013) refere que existem um conjunto de regras de exposição e exibição, referidas repetidamente como “*emotional display*”, direcionadas a guias, tratadores e trabalhadores díspares de ZOOS, com o objetivo de fornecer experiências positivas aos visitantes, fornecendo-lhe ainda alguns conteúdos, ainda que estas não tenham um carácter oficial (Wijeratne et al., 2013).

Desta forma os guias de jardins zoológicos que acompanham grupos, recorrem a uma série de técnicas de exposição de conteúdos, que resulta na construção de uma relação de proximidade com a natureza e na criação de sentimentos associados aos objetivos delineados pelas organizações (Wijeratne et al., 2013). Estas demonstrações emocionais poderão ter diferentes estados, como a felicidade e entusiasmo, como forma de referir bons resultados, ao sentimento de culpa e tristeza para questões de carácter sensível, e para as quais é necessário alertar (Wijeratne et al., 2013). No entanto o uso destas ferramentas deverá ser controlado, uma vez que a sua má utilização, ou utilização excessiva, poderá resultar num efeito “espelho” e resultar num bloqueio da mensagem por parte do visitante e recetor, por esta ser demasiado direta e “punitiva”, afastando-se do propósito que o levou a visitar o Zoo.

A verdade é que não existem regras delineadas que regulamentem o modo como os guias e trabalhadores de ZOOS se devem apresentar e comportar, uma vez que também existem uma série de variáveis associadas que influenciam essa exposição, como a tipologia da visita, objetivo da mesma, tipologia de visitantes, e comportamentos e emoções que estes possam demonstrar inicialmente (Wijeratne et al., 2013).

Um estudo realizado em 2013 por Wijeratne, revelou que a tipologia de turismo praticada em ZOOS, quando comparada com outras formas de turismo, que envolvem o contato direto com a

natureza, têm resultados mais positivos no que se refere à educação não formal, tendo em conta a análise/efeito das expectativas em relação a experiências anteriores (Wijeratne et al., 2013). Essa influência divide-se em três tipologias: cognitiva, afetiva e comportamento na natureza (fig.8)

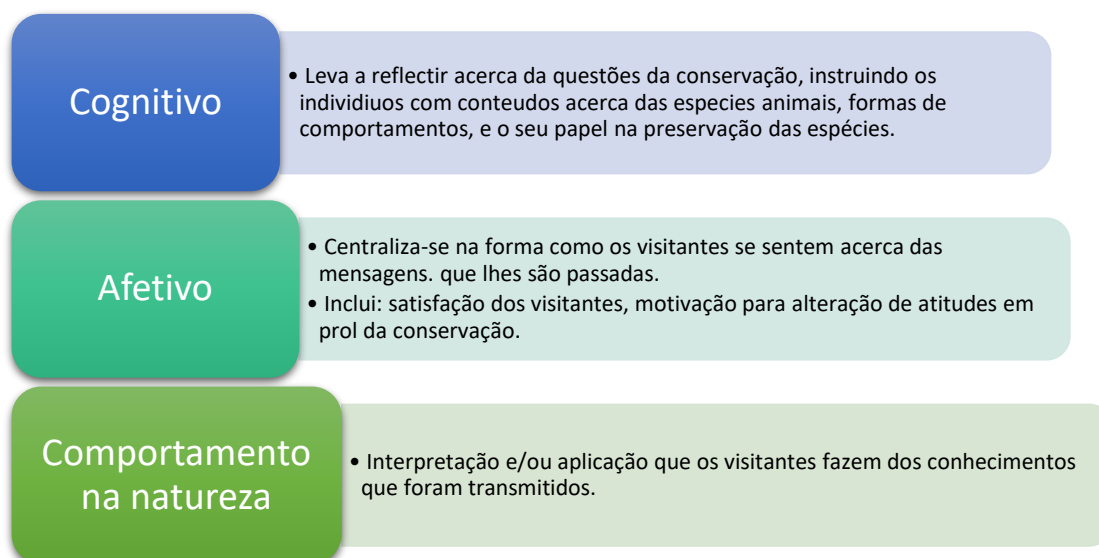


Figura 8 Três áreas onde o ZOO pretende influenciar e gerar comportamentos no visitante. Fonte: Wijeratne, et al 2013

Apesar de estas serem as três áreas em que os ZOOS pretendem influenciar o seu visitante, estas destacam-se também por se apresentarem como um conjunto interligado de fases que pretende trabalhar com o visitante no período pré-visita, visita, e pós-visita, obtendo de cada uma delas um conjunto de objetivos, que se encontram sempre relacionados com a reflexão entre a interação do ser humano com a fauna e a flora e o seu papel ativo na preservação da mesma.

Um estudo realizado por Wijeratne, Dijk, Kirk-Brown e Frost em 2013, acerca dos tipos e fontes de exibição emocional usados por guias em ZOOS, como facilitadores de comunicação e de relação entre guias, animais e visitantes, revelou que não existe um manual que auxilie os guias na forma de agir com os visitantes, ajudando-os a transmitir com maior facilidade a mensagem pretendida. Os inquiridos revelaram que a informação acerca do modo de ação era inexistente, no entanto, resultado de alguns anos de trabalho, têm vindo a ser construídos perfis de comportamento. O estudo em causa concluiu que uso de uma linguagem corporal positiva, de otimismo, e boa disposição, gera na maioria das vezes o mesmo tipo de comportamento nos visitantes. De uma forma geral estas foram as emoções transmitidas durante a primeira fase do processo – a cognitiva. Por outro lado, a demonstração de sentimentos relacionados com a paixão pela área, simpatia e disponibilidade contribuiu para a criação de laços de proximidade entre visitantes e guias, e para dar resposta às suas expectativas (fase afetiva).

Não existe consenso no que diz respeito aos benefícios diretos das visitas guiadas por técnicos do Zoo (Meiers, 2010), uma vez que existem vários fatores que podem influenciar a sua escolha como, o público-alvo da visita e a sua origem socioeconómica e cultural. A tabela 3 resume os prós e contras de optar por uma visita guiada com técnico de Zoo, ou uma visita de carácter informal com o professor responsável por uma determinada turma, assim como uma combinação entre ambas as vertentes.

Tabela 3 Prós e contras de visitas guiadas em ZOOS. Fonte: (Meiers, 2010)

Prós	Contras	Combinação de ambas as vertentes
- Permite a obtenção de conteúdos e informações especializados que só seriam possíveis de obter com técnicos especializados do zoo;	- Quando não adequado ao público-alvo a terminologia pode ser inapropriada, dificultando a compreensão e desviando a atenção dos visitantes;	- Melhor controlo do grupo;
- Quando encadeado com atividades práticas, o acesso a certos supostos apenas possíveis de obter em ZOOS, poderá ser muito vantajoso na transmissão de conteúdos, uma vez que o contacto direto com alguns objetos torna a transmissão de conteúdos menos formal;	- Quando não existe comunicação entre guias e professores, poderá não haver conhecimento dos objetivos que levaram o professor a requisitar a visita, afastando-se dos conteúdos programáticos que pretende passar;	- Combinação entre os conhecimentos do técnico do zoo com os objetivos do professor, poderá resultar numa visita mais objetiva e centralizada no conteúdo programático escolhido;
- Professores podem não estar preparados para transmitir alguns dos conteúdos científicos.	- A má escolha dos conteúdos da visita poderá gerar falta de interesse aos alunos/visitantes.	- Cria um ambiente de à vontade para a colocação de questões que possam surgir por parte dos alunos na visita.

O contacto entre alunos/visitantes e um guia pode ser muito vantajoso quando bem aplicado, com isto pretende-se dizer que os conteúdos transmitidos devem estar adaptados no que diz respeito à linguagem, à temática e à forma de tratamento (Meiers, 2010). Para isso alguns ZOOS desenvolvem visitas temáticas enquadradas nos planos escolares, permitindo um maior aproveitamento dos conhecimentos.

Meiers (2010) afirma que a combinação de visita guiada por um técnico do zoo e pelo próprio professor da turma, surge como mais vantajosa no que diz respeito à aprendizagem de novos conteúdos por parte dos alunos/visitantes.

2.5.2.4. A educação não formal e formal em Jardins Zoológicos

Por ano os Jardins Zoológicos no mundo recebem milhões de visitantes, de todas as idades, provenientes de diferentes estratos sociais, com diferentes condições económicas, e com diferentes objetivos. Os Jardins Zoológicos são, para muitas pessoas a única forma de acesso visual e físico a animais selvagens vivos (Shani & Pizam, sem data; Wagoner & Jensen, 2010), sem ter que percorrer grandes distâncias e visitar diferentes habitats para ser possível a sua observação (Mason, 2007).

Um estudo levado a cabo por Wagoner e Jensen (2010), concluiu que no caso do público infantil em idade escolar, os conteúdos transmitidos e as mensagens visuais são positivas e eficazes, uma vez que permitem uma maior perceção da realidade, através da interação direta e indireta com espécies animais e plantas em cativeiro de ambientes diversos, complementando com algumas das imagens pré fabricadas que são transmitidas por diversos canais de comunicação (Wagoner & Jensen, 2010) e sendo esta a única forma de interagir com algumas espécies (Shani & Pizam, sem data).

De uma forma geral, os ZOOS que se encontram acessíveis por meio transportes públicos, vias de fácil circulação, e que possuem alguma dimensão, são visitados anualmente por diversos grupos escolares, maioritariamente em visitas de carácter criativo e não estruturado (Randler et al., 2012). Alguns ZOOS possuem visitas lideradas por guias experientes e classificados, no entanto os conteúdos apresentados são muitas vezes, no entendimento do visitante, criados à luz dos interesses e objetivos da instituição. Desta forma alguns visitantes optam por visitas não estruturadas, que ao contrário do que seria esperado à primeira vista, tendo por base um estudo realizado por Randler, Kummer e Wihelm em 2012, são muitas vezes estas a forma mais eficaz de obtenção e assimilação de conteúdos. Os autores referem ainda, que no decorrer do seu estudo e posterior análise, é na maioria dos casos benéfica para alunos/visitantes e professores/educadores a existência de documentos de apoio à visita, que poderão ser descarregados online para preparação da mesma (Randler et al., 2012), dispensando desta forma o acompanhamento de um guia. Estes conteúdos poderão servir ainda para a realização de trabalhos e análises de consolidação de conteúdos, de forma a maximizar o tempo de memória dos mesmos.

A disponibilização destas ferramentas por parte dos ZOOS, torna-se benéfica para ambas as partes, e responde, ainda que de forma menos direta, à concretização dos objetivos a que os

ZOOS se propõem, e tendo efeitos mais positivos, em comparação ao ensino formal e estruturado lecionado nas salas de aula (Randler et al., 2012).

2.5.3. Discórdia na comunidade científica acerca do papel dos ZOOS

Diversos autores (Catibog-Sinha, 2008; Cohn, 2006; Jamieson, 2008) têm, ao longo dos anos, se debruçado acerca de até que ponto é que o turismo desenvolvido em Jardins Zoológicos é de facto um mecanismo de promoção da conservação, ao invés de uma infraestrutura com condições artificiais, onde uma variedade de espécies animais é mantida e é observada por públicos distintos (Catibog-Sinha, 2008).

Existem autores como (Norton, Hutchins, Maple, & Stevens, 1995), que defendem que os jardins zoológicos são importantes e organizadas estruturas de conservação, que permitem, em simultâneo, que sejam visitadas por públicos distintos, e que os fundos obtidos se destinem a apostar na investigação científica e assegurar a sua sobrevivência. Todavia, nem todos os ZOOS se apresentam como modelos de conservação e sensibilização do público para a necessária consciência ambiental (Catibog-Sinha, 2008). Na realidade são vários os argumentos apresentados, quer por uns, quer por outros, para apoiar ou criticar o papel dos ZOOS (figura 9).

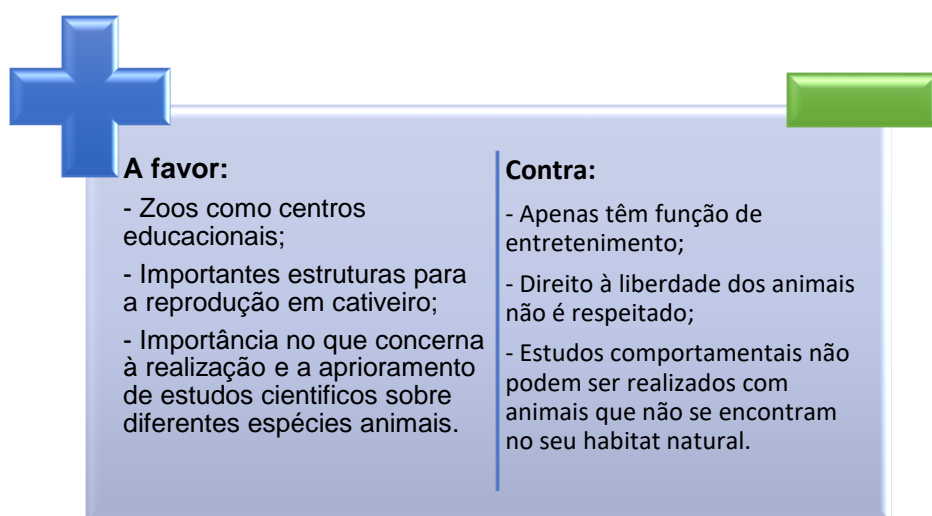


Figura 9 - Argumentos a favor e contra os Jardins Zoológicos. Fonte: (Catibog-Sinha, 2008; Jamieson, 2008)

Jamieson (2008) defende que os ZOOS se propõem a um conjunto de objetivos que não são por eles concretizados, uma vez que os animais são privados da sua liberdade, impedidos de procurar o seu próprio alimento, de se relacionar socialmente, e muitas vezes sujeitos a percorrer grandes distâncias em jaulas até chegarem ao destino não escolhido por eles (Jamieson, 2008). Este autor defende que não existem direitos para os animais no que concerne a esta questão, comparando a morte de um cão por eutanásia por este estar demasiado velho, a retirar animais

selvagens do seu habitat, indicando que ambas as decisões foram reiteradas pelo ser humano. O autor refere ainda que os ZOOS têm apenas a função de entreter os indivíduos, uma vez que até os mais altos modelos de ZOOS têm os seus próprios espetáculos de ursos bailarinos e de aves de rapina, não obstante, assegura que existem alguns ZOOS que de facto exercem uma das supostas valências dos ZOOS, a de educar. Ainda assim afirma que a melhor forma de transmitir aos seus visitantes conhecimentos sobre os animais, é utilizando jaulas vazias e falando sobre eles, e explicando o porquê de estarem vazias, respeitando assim o direito dos animais à vida selvagem (Jamieson, 2008).

Atualmente muito se tem discutido acerca dos direitos dos animais, uma vez que o surgimento de petições e grupos defensores dos animais que lutam pelos seus direitos, levou à criação de direitos para os mesmos, punindo judicialmente os seres humanos que de alguma forma não os respeitem. Há autores como (Carr, 2009; Cohn, 2006; Jamieson, 2008) questionam até que ponto é que os animais que habitam em jardins zoológicos, podem ser chamados de “selvagens”, uma vez que se encontram “fechados” e destinam-se a serem “consumidos” por parte dos turistas. Estes animais são ainda inteiramente dependentes dos seus tratadores para sobreviver, quer seja na área dos cuidados médicos, à altura certa para o acasalamento, ou até ao fator mais básico, como a sua alimentação (Carr, 2009).

Algumas opiniões não são tão extremistas, mas defendem que o entretenimento como forma de atrair visitantes, não poderá ser única e exclusivamente a única justificação para que os animais sejam retirados do seu habitat e colocados em instalações. Ou seja, estes defendem que o pilar “entretenimento” está muitas vezes priorizado em relação ao pilar da conservação, e que não têm sido realizados os esforços necessários para a alteração de atitudes públicas, fazendo sobrepor os interesses económicos e do ser humano, ao das outras espécies animais (Frost, 2011).

No entanto o que muitos visitantes não têm conhecimento é que os animais presentes em ZOOS regulamentados não foram retirados da natureza com o propósito de serem expostos (Kreger & Hutchins, 2010). Muitos deles encontravam-se em questões de risco no que diz respeito à extinção de espécies, problemas relativos à situação do seu habitat, ou questões relacionadas com a necessária intervenção médica, de forma a garantir a sua sobrevivência. Hoje, a maioria dos animais que vive em ZOOS são o resultado dos programas de reprodução, e nasceram em cativeiro, nunca tendo vivido em meio selvagem, havendo é claro exceções de animais com alguma idade que remontam aos primórdios dos surgimentos dos ZOOS (Carrilho, 2016)

2.6 Os ZOOS enquanto atração turística

À semelhança de outras unidades e infraestruturas, existem bons e maus ZOOS, que podem ou não respeitar uma série de critérios, que fazem destes ZOOS modelo, melhores espaços para os animais que os habitam e para quem os visita.

De uma forma geral os ZOOS apresentam-se como uma atração turística popular nas zonas em que existem, uma vez que existem milhares deles espalhados pelo mundo, em grandes cidades, a nível mais pequeno (regional), ZOOS que podem assumir e representar diferentes biomas em simultâneo, e no mesmo espaço, e outros que se especializam em espécies específicas ou em zonas geográficas do seu habitat (Frost, 2011; Mason, 2007). De acordo com (Hanson, 2002) e (Mason, 2007), os ZOOS afirmam-se como importantes estruturas turísticas para a cidade, uma vez que a sua presença atrai visitantes que para além de visitarem o Zoo acabam por consumir outros produtos e serviços turísticos nas cidades, uma vez que estes se localizam maioritariamente em zonas com elevado fluxo turístico. Em alguns países estes são sem sombra de dúvida, que as tipologias de museu mais visitadas na região (Mason, 2007).

No caso dos ZOOS citadinos, a sua acessibilidade é muito simples uma vez que se situam maioritariamente no coração de grandes cidades, nos regionais, relativamente perto de outras atrações turísticas com alguma relevância para a região, o que de alguma forma beneficia o seu acesso como atração turística (Frost, 2011).

Os ZOOS modernos utilizam os animais como instrumentos educativos para os seus visitantes, para financiar programas de reintrodução de espécies e para programas de conservação *in situ* e *ex situ*, tornando-se somente tudo isso possível com a obtenção de fundos através da venda de bilhetes (Kreger & Hutchins, 2010). Uma vez que estes se encontram localizados em grandes cidades, esta pode ser uma forma de atrair novos visitantes a visitá-lo e de financiar programas de conservação.

Como já referido anteriormente, muitos ZOOS referem que se encontram regulamentados apenas por três pilares: educação, conservação e investigação, no entanto, uma vez que os ZOOS se assumem de alguma forma como atrações turísticas, estes precisam também de evidenciar o entretenimento como um destes pilares (Frost, 2011).

Entre o século XIX e o século XX, os ZOOS começaram lentamente a sofrer alterações e a assumir cada vez mais um papel de apoio e de incentivo à conservação e à investigação científica, no entanto, foi já no século XX que se fizeram grandes mudanças. Os ZOOS começaram a repensar a forma como ofereciam as suas experiências, fortemente motivadas pelas mudanças a que a sociedade estava sujeita a nível económico, social e ambiental (Frost, 2011), uma vez que se apresentavam “parados no tempo”, relacionados muitas vezes com jaulas

(Mason, 2007) e pavimento cimentado, uma memória presente de um passado que já não fazia sentido tendo em conta as alterações na sociedade e os progressos na investigação científica (Frost, 2011; Kreger & Hutchins, 2010). No passado, as instalações animais não eram pensadas tendo em conta o bem estar animal, importava somente se o espaço era aberto o suficiente, com poucos objetos, e poucos refúgios, de forma a impedir que os animais exibidos não pudessem ser vistos pelos seus visitantes (Hancock, 2010). Um estudo realizado na época revelou que 27% dos inquiridos referiram que os ZOOS como instituições deveriam ser abolidos, uma vez que os animais vivam em condições deploráveis, levando constantemente ao seu questionamento enquanto unidades “necessárias” e de conservação (Frost, 2011).

Após este período “negro” na história dos ZOOS, muito se planeou e foi feito para que estas unidades “renascessem”. As barras de metal deram lugar ao vidro, criando barreiras quase invisíveis, o pavimento de cimento deu lugar à relva, e as instalações tornaram-se cada vez mais “naturais” (Hancock, 2010). Não obstante, muito se continuou a discutir ainda, em especial nos meios de comunicação social, com muitos a defender que estes deveriam ser fechados, ainda que tivessem sido reunidos diferentes esforços para o seu melhoramento (Frost, 2011; Shani & Pizam, sem data).

Catibog-Sinha (2011) afirma que os Jardim Zoológicos podem ser utilizados e visto como importantes unidades de conservação e educação, e que esses programas desenvolvidos, podem ser integrados no turismo em zoológicos.

2.6.1. ZOOS enquanto atração turística – modernização de instalações versus bem-estar animal

O conhecimento científico na década de 1960 resultou na construção de instalações com vários erros como se pode observar no exemplo da figura 10, uma instalação para tigres. Um dos erros mais evidentes para conhecedores e curiosos da vida selvagem, é o facto de na figura estarem quatro tigres e, ainda que não seja possível apurar o sexo dos mesmos, a natureza deste animal resume-se ao facto de ser um animal solitário e de passar grande parte da sua vida desta forma, exceto em época de acasalamento. O chão é revestido a cimento, e as paredes a azulejo, provavelmente para facilitar a limpeza do espaço. Não existe qualquer elemento de enriquecimento ambiental na figura, apenas as duas plataformas. A grade superior a fechar a instalação seria provavelmente para impedir a fuga dos animais, visto que estes possuem grandes capacidades de salto (Carrilho, 2016).

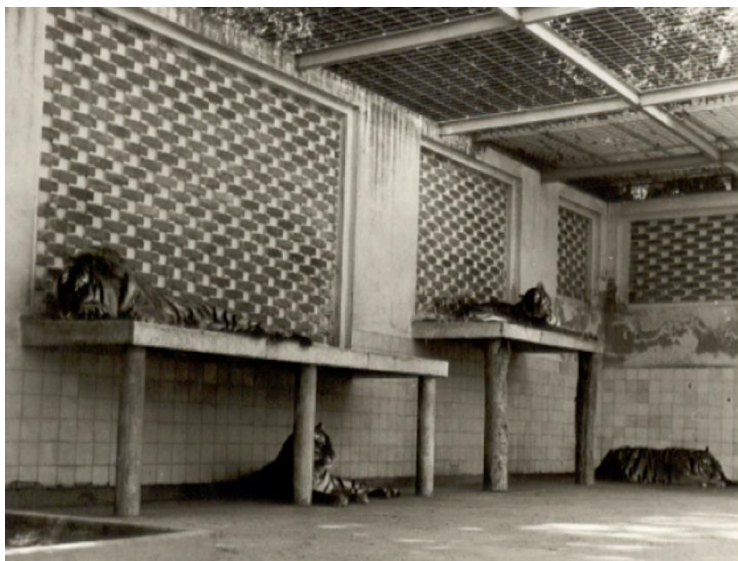


Figura 10 Instalação dos tigres na década de 60 no Jardim Zoológico de Lisboa. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa

A figura 11 apresenta o estado da instalação dos tigres no Jardim Zoológico desde a sua inauguração em 2007. Nas duas principais instalações, situadas no Vale dos tigres, os dois tigres existentes encontram-se separados, por serem animais solitários. Existem diferentes tipos de enriquecimento ambiental em ambos os espaços. No que diz respeito ao enriquecimento ambiental alimentar, são pendurados sacos de serapilheira em estruturas altas, com contrapesos, para simular o momento de caça, e rasgão do animal, até chegar à carcaça. Como enriquecimento ambiental físico, existem diferentes tipos de terreno, rochoso e relvado, com desníveis mais ou menos acentuados, plataformas superiores e pequenos lagos. Em relação ao sensorial, são colocados diariamente dentro da instalação diferentes odores, tanto de outros animais, como de alimentos como canela, anis, como forma de levar o animal a fazer a marcação do seu território, urinando nos troncos, como faria no seu habitat natural (Carrilho, 2016). Os animais são ainda trocados de um lado para o outro, com o auxílio de túneis construídos por debaixo da instalação, que são possíveis de ver na fotografia do canto superior esquerdo da figura 11.

Além disso, as barreiras existentes entre o animal e os visitantes são maioritariamente de vidro e madeira, permitindo que o animal seja visto, sem que este seja prejudicado (Carrilho, 2016).



Figura 11 Instalação dos tigres no Jardim Zoológico de Lisboa em 2016. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa



Figura 12 Instalação dos chimpanzés na década de 60 no Jardim Zoológico de Lisboa. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa

Outro exemplo refere-se à instalação dos chimpanzés na década de 60 (figura 12). A figura 12 apresenta um momento que foi transmitido na televisão portuguesa, em que o animal

estava a pedir ao seu tratador café com leite. Nenhum dos ingredientes referidos faz parte da dieta alimentar dos chimpanzés, uma vez que ambos não existem no seu habitat. A dieta do chimpanzé é bastante diversificada, uma vez que esta espécie é omnívora. Alimentam-se de plantas, frutas, ovos, pequenos insetos, e até mesmo outros pequenos macacos (Mittermeier, .Rylands, & Wilson, 2013)

A instalação do chimpanzé, presente na figura 12, revela a escolha de tacos de madeira como pavimento, azulejos como revestimento nas paredes e gradeamento como forma de separação do espaço entre visitantes e o animal, mostrando-se inexistente qualquer elemento de enriquecimento ambiental.

Em contraste, a figura 13 apresenta o estado atual do espaço, agora denominado como Templo dos Primatas, e que foi inaugurado em 2006. Neste caso vimos a presença de diferentes elementos de enriquecimento ambiental, demonstrando a preocupação do Jardim Zoológico em modernizar os seus espaços em prol do bem-estar animal (Carrilho, 2016).

Como enriquecimento ambiental alimentar os animais são alimentados recorrendo a jogos mentais, denominados de *puzzle feeders*, garantindo o seu desenvolvimento cognitivo e alimento. Além disso, as cascatas presentes nas zonas de delimitação diminuem o ruído feito pelos visitantes (enriquecimento ambiental sensorial), os lagos impedem a passagem para a zona de visitantes e as plataformas superiores e cordas entretêm os animais (enriquecimento ambiental ocupacional) (Carrilho, 2016).

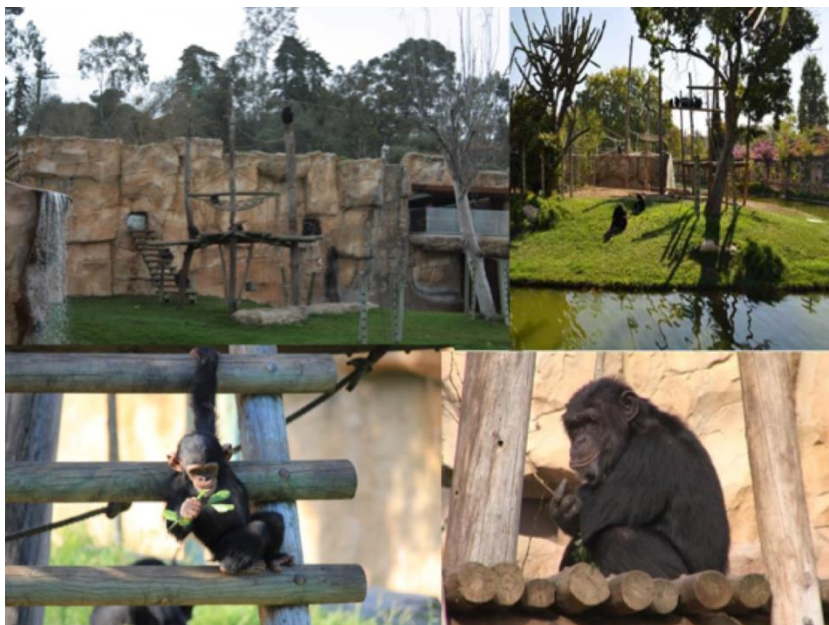


Figura 13 Templo dos primatas em 2016 , instalação dos chimpanzés. Fotografia cedida pelo Jardim Zoológico de Lisboa

2.6.2. Motivações e percepções dos visitantes aquando da visita a Jardim Zoológicos

No que diz respeito aos motivos e percepções que se encontram por detrás da escolha de visitar Jardim Zoológicos, podem ser apresentadas diferentes respostas, uma vez que a escolha é algo muito pessoal, no entanto podem ser criadas e agrupadas algumas categorias como sugestão: gosto por animais, visita de carácter familiar, visita de carácter escolar com o intuito de aprender algo, entre outros motivos.

Um estudo realizado a turistas no Jardim Zoológico de Cairns na Austrália, revelou que a maioria dos inquiridos prioriza o contacto e encontro direto com animais selvagens, uma vez que possui carinho pelos mesmos, num ambiente controlado, em diferentes tipologias de espaços, sejam eles ZOOS ou parques de vida selvagem (Catibog-Sinha, 2011; Shani & Pizam, sem data). Em contrapartida, alguns dos inquiridos refeririam que os ZOOS não poderão ser comparados com atividades como safaris, em que o contacto com os animais é direto e que pressupõe que seja feita uma viagem a partir do país de origem, para o local onde ocorre a interação, podendo observá-los no seu habitat natural (Catibog-Sinha, 2011).

Outro estudo realizado num conjunto de Jardins Zoológicos espalhados pelo mundo revelou diferentes percepções, motivações e interesses por parte dos visitantes para a visita e relacionados com o simbolismo dos parques zoológicos. No caso do Zoo da Malásia os visitantes descreveram o jardim zoológico como *“espaços de conservação, educação, recreação e investigação”*, no entanto no caso do zoo de Hamilton na Nova Zelândia, priorizaram o contacto com animais em ambientes controlados como a melhor parte da experiência (Catibog-Sinha, 2011).

No que diz respeito ao público mais jovem e infantil, inquiridos em mais de duzentos Jardim Zoológicos diferentes espalhados pelo mundo, referiram que o fator que mais valorizam durante a visita é a observação, contacto e aprendizagem de diferentes fatores sobre os animais (Catibog-Sinha, 2011).

Na tabela 4 apresenta-se os resultados dos estudos acima referidos, realizados em ZOOS espalhados pelo mundo, e as suas principais conclusões.

Tabela 4 Resumo das principais motivações e opiniões de visitantes, resultado de estudos levados a cabo em diferentes ZOOS espalhados pelo mundo. Fonte: (Catibog-Sinha, 2011)

Local do estudo	Conclusões do estudo
Cleveland Metropark Zoo	Principais motivações: Entretenimento, relaxamento, momento familiar e educação
3 ZOOS Indianos (não especificado)	Opiniões dos visitantes: ZOOS como importantes unidades de proteção animal, em especial de uma espécie endêmica do país, o macaco silenus. Providenciam conteúdos e ensinamentos importantes para alertar as gerações futuras para a conservação
Denver Zoo	Opiniões dos visitantes: 55% dos visitantes revelaram que a educação é o fator com mais importância e 29% referiram a conservação e a vida selvagem,

2.6.3. Turismo em ZOOS em prol da conservação

A atual situação do planeta, que muitos investigadores classificam de crise biológica (Psihoyos, 2015; WWF, sem data), relacionada com a extinção ou redução de populações, tem afetado o equilíbrio ambiental e tem sido “benéfica” para os ZOOS como unidades de conservação e entretenimento (Catibog-Sinha, 2008).

Atualmente muitas espécies animais encontram-se em perigo de extinção, reduzidas a uma área geográfica (espécies endêmicas), ou até mesmo extintas. Desta forma, os ZOOS têm contribuindo positivamente, ainda que nem sempre de forma óbvia para a maioria dos indivíduos. Atualmente grande parte dos ZOOS possuem coleções de animais de diferentes espécies e provenientes de diferentes biomas, alguns deles encontram-se extintos na natureza (Catibog-Sinha, 2011), e outros viram nos ZOOS a única forma de se reproduzir e salvar a espécie (Carrilho, 2016).

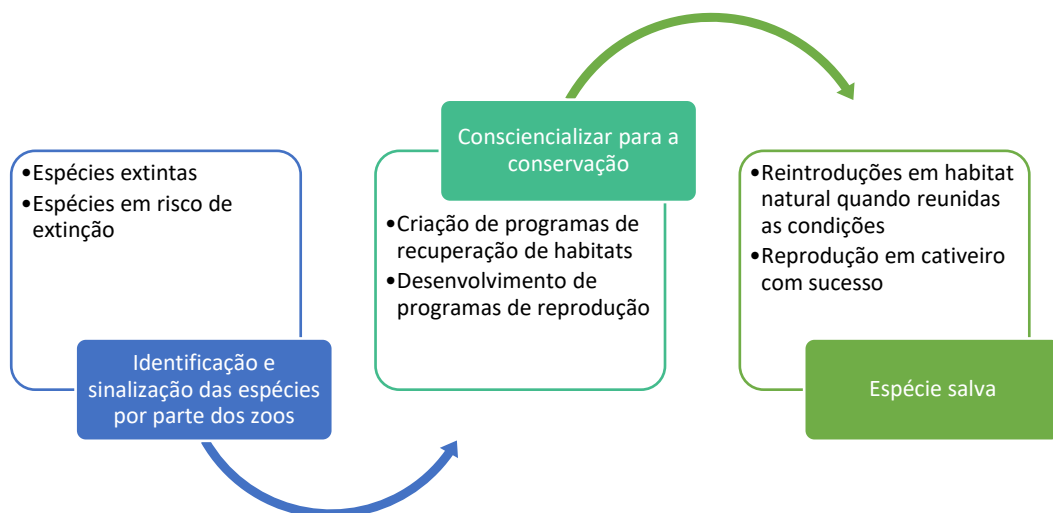


Figura 14 Processo de tentativa de salvamento de uma espécie e do seu habitat. Fonte; (Carrilho, 2016)

Em caso de risco de extinção de espécies, como por exemplo por meio de destruição do habitat, os ZOOS têm a possibilidade de intervir com o objetivo de salvar essas espécies (fig. 14). Para tal são desenvolvidos uma série de processos que estão relacionados com o motivo da extinção. Se o motivo da extinção for a destruição do habitat, o Jardim Zoológico desenvolve programas junto das populações no sentido de as envolver e alertar para a necessária conservação do seu habitat, para que findo o processo de recuperação, essas possam ser reintroduzidas, ainda que por vezes esse processo possa levar muitos anos, ou até mesmo não vir a acontecer (Carrilho, 2016; Catibog-Sinha, 2011). No entanto, existem outros motivos que podem levar à recolha dos animais do seu habitat, como a necessidade de tratamentos urgente, no caso de espécies em que o diminuto número de exemplares exige a necessária intervenção do Homem, como forma de prolongar a sua existência, caso contrario não haverá intervenção e a natureza seguirá o seu curso (Carrilho, 2016).

Quando é possível os ZOOS atuam ainda de uma forma “externa”, desenvolvendo as suas funções fora dos limites do parque zoológico, uma vez que para além do trabalho relacionado com a reprodução em cativeiro (reprodução *ex situ*) de espécies animais em perigo, sempre que possível, esses programas são realizados no habitat natural (reprodução *in situ*), através de técnicas de monitorização dos animais, e do desenvolvimento de algumas ações que contribuam como uma pequena ajuda ao desenvolvimento natural da reprodução animal (Carrilho, 2016; Catibog-Sinha, 2011).

A exposição de espécies animais em ZOOS cujo estatuto de conservação se encontre em perigo, ou até mesmo atualmente extintas, surge como forma de conscientizar os visitantes para a sua preservação, na medida em que estes acabam por “simpatizar” com a sua espécie, e manterem o alerta acerca da sua vulnerabilidade, através do seu carisma natural (Catibog-Sinha, 2011). Muitas vezes, os animais que se encontram nesta situação, acabam por surgir como

anfitriões e representantes principais de campanhas de conservação, que se difundem através da visita de turistas em espaços zoológicos (Catibog-Sinha, 2011) e cujos fundos advém da sua participação e visita.

De acordo com uma notícia publicada no jornal americano online *Time*, a *American Humane Association* (AHA), lançou uma iniciativa global que pretende elevar os padrões de bem-estar de animais em ZOOS e aquários espalhados pelo mundo. Esta associação pretende criar um conjunto de padrões de comportamento e ética, em parceria com um conjunto de cientistas e especialistas de renome mundial no campo da ciência animal. Serão avaliadas questões como a saúde dos animais, vida social ativa, instalação segura, luz adequada à espécie em questão, som, ar e níveis de calor (Ganzert, 2016).

Em suma, os ZOOS podem atuar como unidades de difusão de educação para a conservação, na medida em que estes não atuam somente dentro dos limites dos parques (*ex situ*), uma vez que desenvolvem programas de conservação e reprodução diretamente no habitat (*in situ*). Um estudo realizado por (Schmidt, Nave, & Guerra, 2010) revelou que o carácter informal, com que é transmitida a informação em ZOOS, torna-a mais simples de assimilar, tornando-a mais relevante quando comparada com a mesma transmissão, mas por parte de outras instituições, com um carácter formal. Os programas criados que visam a conservação podem integrar-se na função de ZOOS como atrações turísticas, uma vez que os fundos obtidos com os bilhetes de entrada, e as angariações de fundos levadas a cabo no seu interior, representam grande parte do financiamento desses projetos e programas. A difusão dos alertas acerca da conservação realizados em ZOOS são uma útil ferramenta de consciencialização para a necessária proteção da vida animal e de plantas (Catibog-Sinha, 2011).

Os ZOOS apresentam-se como importantes unidades onde a EA se desenvolve, uma vez que alguns conteúdos são mais facilmente absorvidos neste espaço de uma forma informal. De acordo com um estudo realizado por Schmidt, Nave e Guerra (2010), os projetos de EA/EDS levados a cabo por ZOOS, distinguem-se pela positiva no que diz respeito à sua durabilidade de execução, em comparação com outras entidades como paróquias e misericórdias, empresas/associações empresariais, administração local, entre outras, que desenvolvem projetos com um carácter mais pontual (Schmidt et al., 2010).

Os ZOOS quando comparados com uma série de entidades, categorizadas por Schmidt, Nave e Guerra no estudo já referido anteriormente, destacaram-se por possuir algumas das percentagens mais altas no que diz respeito ao seu envolvimento em algumas áreas temáticas. Da mesma forma os ZOOS em Portugal possuem um maior envolvimento, no que diz respeito aos resultados obtidos com o estudo, de 13,7% em ciência e tecnologia, 23,5% em património histórico/cultural, 17,6% em cidadania, 19,6% em ambiente/DS em geral, e 54,9% em conservação (Schmidt et al., 2010).

2.7. Síntese

Os ZOOS operam atualmente como unidades de atração turística e funcionam como um exemplo de representação de um atributo de um determinado destino (Frost, 2011). Na opinião de (Frost, 2011) estes deveriam ser apoiados economicamente pelos governos, uma vez que representam a imagem mais próxima do que é o meio “selvagem” para a maioria dos seus visitantes, e por que apoiam programas que visam a manutenção e a conservação do planeta. No entanto, também esta é uma questão sobre a qual não existe consenso, uma vez que estudos já realizados revelaram que o produto “Jardim Zoológico” é maioritariamente consumido pelo mercado interno do país onde este se localiza, especialmente pelos excursionistas (Frost, 2011; Mason, 2007). No entanto, é necessário equacionar as questões relativas à sua localização e acessibilidade, uma vez que os ZOOS se situam de uma forma geral no centro de grandes cidades, permitindo uma grande mobilidade por parte dos seus visitantes, ainda que estes tenham que se deslocar de grandes distâncias (Frost, 2011). Por exemplo, no caso do Zoo de Chester, em Inglaterra, 64% dos seus visitantes vivem num raio de 80km de distância, e os restantes 36% vivem fora desta área (Frost, 2011). Estes dados demonstram que os ZOOS fazem cada vez mais parte dos itinerários turísticos, e quando comparados com outras atrações como museus, edifícios, estes já possuem uma grande representação (Frost, 2011). A principal diferença que os distingue dos museus que são visitados diariamente, e que contam a história de determinado assunto, é a apresentação e a possibilidade de observar “objetos” vivos que representam uma herança natural (Mason, 2007).

Existem diferentes tipologias de ZOOS, mas existem outros fatores que também os diferenciam entre si, tal como as espécies animais e plantas escolhidas para serem exibidas, e este fator está intrinsecamente ligado com o turismo, como forma de atrair cada vez mais visitantes. Alguns ZOOS optam pela escolha de animais carismáticos com alguma “raridade” e de biomas distintos ao existente no local de exibição do animal, outros utilizam animais endémicos dessa mesma zona geográfica. Todos os fatores são criteriosamente pensados, com o objetivo de atrair visitantes (Carrilho, 2016; Frost, 2011).

O que muitos visitantes desconhecem é que o fluxo de visitantes em ZOOS é preponderante para a manutenção dos espaços, alimentação dos animais e apoio a programas de conservação *in situ*, uma vez que em muitos deles não existe qualquer intervenção e apoio económico do Estado (Zoo Lisboa, s.d.). *“Os ZOOS são vulgarmente apresentados como sendo como uma Arca de Noé, um espaço e um refúgio para animais em perigo de extinção, gerando reprodução que poderá ser usada em futuras reintroduções na natureza”* (Frost, 2011)

Os ZOOS e Aquários existem como facilitadores e promotores da conservação de animais e plantas. Numa época em que, de acordo com alguns cientistas, nos deparamos com um período negro denominado “a sexta extinção”, torna-se preponderante criar cada vez mais campanhas

intensivas de conservação e de educação ambiental (Ganzert, 2016) de forma a que seja criado um alerta acerca dos problemas ambientais do presente, relacionados com as alterações climáticas (figura 15) e sejam oferecidas sugestões de novos e simples hábitos que contribuirão para um maior equilíbrio do planeta e dos animais e plantas que cá vivem.

Tal como a figura 15 ilustra, na área demarcada com o fundo laranja, o ZOOS , aquários e locais onde é praticado turismo de vida selvagem consciente e sustentável, assumem-se atualmente um lugar na linha da frente contra o combate às ameaças a que expomos as espécies animais e de plantas diariamente, e cabe-lhes a eles criar inúmeras iniciativas que consciencializem, eduquem, e sensibilizem (Ganzert, 2016) os visitantes para a alteração de comportamentos necessários para cessar esta extinção massiva.

Apesar de existirem espalhados pelo mundo milhares de ZOOS, nem todos eles possuem um sistema organizacional e uma ética semelhantes. Muitos são os ZOOS existentes que expõem animais a condições deploráveis e que fazem incendiar as redes sociais, ou fotografias tristes e deploráveis nos meios de comunicação que criam uma falsa ideia, nos indivíduos, de que os ZOOS são todos iguais. Felizmente, espalhados pelo mundo existem um conjunto de ZOOS, que fazem de facto um trabalho importantíssimo para a preservação e conservação das espécies, e que têm como principal objetivo o de travar a extinção das espécies, reintroduzindo-as nos seus habitats (figura 15), e sobretudo educar os seus visitantes para as ameaças crescentes que hoje enfrentam (Ganzert, 2016).

No entanto nem todos os animais existentes em ZOOS são de facto reintroduzidos no seu meio natural, uma vez que alguns deles já nasceram em cativeiro e não sobreviveriam no seu meio natural por nunca o terem conhecido. Estas espécies animais que vivem ao cuidado dos ZOOS e que nunca serão reintroduzidas serão importantes instrumentos de ajuda na investigação e pesquisa de novas soluções para outras espécies (Ganzert, 2016).

Torna-se necessário intervir também na área do falso turismo da vida selvagem, uma vez que este em nada de bom contribui para a conservação das espécies, levando continuamente à sob exploração da vida selvagem para benefício e entretenimento do ser humano, sob condições deploráveis, sem qualquer intuito educativo ou de investigação

3. Apresentação do espaço do estudo: o Jardim Zoológico de Lisboa

3.1 Introdução

Para a persecução dos objetivos apresentados, será necessário desenvolver trabalho de campo num Jardim Zoológico e, para isso, optou-se pelo Jardim Zoológico de Lisboa, como o próprio nome ideia, este situa-se em Lisboa. Este Zoo é um dos mais prestigiados zoológicos da Europa e alberga um variado número de espécies, algumas espécies únicas no mundo e outras que se encontram em maior representatividade no nosso país.

Desta forma, este capítulo procurará dar a conhecer este espaço, apresentando um pouco da sua história, a sua localização, áreas funcionais em que se subdivide e serviços associados.

3.2 Resenha histórica

O Jardim Zoológico de Lisboa nasceu em 1884, pela mão do Dr. Pedro Van Der Laan, José Thomaz Sousa Martins e do Barão de Kessler, e com o apoio do rei D. Fernando II e de Jozé Vicente Barboza du Bocage, tendo sido o primeiro parque no mundo a contemplar fauna e flora da ibéria. Mais tarde, a 12 de março de 1913, O Zoo de Lisboa foi declarado Instituição de Utilidade Pública, e já em 1952 foi galardoado com a medalha de ouro da cidade pela Câmara Municipal de Lisboa (Zoo Lisboa, sem data).

Ao longo da história as visitas a este espaço viveram os “altos e baixos” da própria história do país, ressentindo-se por exemplo durante o período da queda do Estado Novo, época em que devido à independência das antigas colónias de África, o apoio para a diversificação de espécies tornou-se diminuto. Em resultado disso, o ZOO de Lisboa sofreu alterações a nível estrutural e da variedade de espécies, de forma a adequar a sua oferta à época em questão (Zoo Lisboa, sem data)

Já no início dos anos 90, com o presidente do Zoo de Lisboa, Félix Naharro Pires, foi aplicado um conjunto de políticas que influenciaram maioritariamente as instalações, tornando-as mais modernas, focadas, aumentando a diversificação de espécies animais e aumentando ainda exponencialmente o bem-estar dos animais, conduzindo à reprodução de algumas espécies que se encontravam ameaçadas e em risco. Nesta fase foram ainda criados novos departamentos, que contemplavam diversas áreas: serviços comerciais, marketing, relações públicas e imprensa (Zoo Lisboa, sem data).

Apoiado nos quatro pilares dos jardins zoológicos, surgiu posteriormente o centro pedagógico com o objetivo de promover a educação para a conservação aos seus visitantes (Zoo Lisboa, sem data).

Em suma, a missão do ZOO sofreu alterações ao longo dos anos, à medida que foram realizados diferentes estudos em diversas áreas que levaram ao sucesso do Jardim Zoológico como uma infraestrutura alicerçada à educação para a conservação, também ela por via do entretenimento (Tiergarten Schonbrunn, sem data).

Há data de realização deste trabalho, e de acordo com o que foi transmitido por parte do Jardim Zoológico, este acolhia, por ano, e em média, um milhão de visitantes provenientes de Portugal e outros países.

3.3. Localização e organização espacial

Inicialmente localizado em S. Sebastião da Pedreira, foi já no início do século XX que este se mudou para uma localização bastante central na cidade (figura 16) e local onde atualmente ainda se encontra, ou seja, na Quinta das Laranjeiras (figura 17).

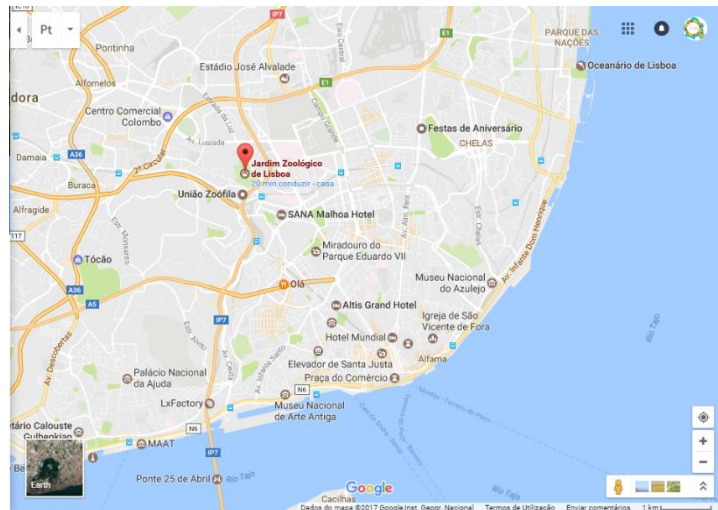


Figura 16 Mapa da localização do Jardim Zoológico de Lisboa em comparação com o centro histórico Lisboaeta. Mapa retirado da aplicação google maps.

O Jardim Zoológico está organizado em duas áreas principais, a área/zona primária, com acesso gratuito, que inclui o parque de diversões animax, o serviço de apoio ao cliente, restauração e cafés e a loja (figura 19), e a zona principal, composta por todo o espaço zoológico.



Legenda:



-  Zona primária (entrada livre)
-  Espaço zoológico (bilhete necessário)

Figura 19 Delimitação das áreas primária (entrada livre) e principal (espaço zoológico). Imagem da autoria do Zoo de Lisboa. Editada

A adicionar a estas áreas, ainda que não acessível aos visitantes encontram-se outras áreas, possíveis de ver apenas com a viagem no teleférico, das quais se destacam a zona de quarentena e de excedentes de animais, instalações não abertas ao público (caso do lobo ibérico), o cemitério dos animais e o pet hotel

3.4 Serviços associados ao Zoo de Lisboa

Para além das funções que desempenha como espaço zoológico o ZOO de Lisboa dispõe ainda de outros serviços associados, nomeadamente:

a) Pet hotel

O Pet Hotel do Zoo de Lisboa destina-se a todos os animais de companhia desde cães, gatos, roedores, répteis, aves e outros animais de pequena dimensão, que necessitem de um local onde ficar por períodos curtos de tempo. O Pet Hotel dispõe de uma equipa de médicos veterinários prontos a intervir em situação de necessidade e para garantir o bem-estar de todos os animais que ficam à guarda dos profissionais do Pet Hotel as instalações do Pet Hotel estão divididas em 36 amplos alojamentos individuais cobertos, equipados com bebedouros, camas e uma unidade específica para pequenos roedores, répteis e aves.

Os serviços prestados pelo Pet Hotel incluem ainda passeios diários individuais dos hóspedes caninos, administração de medicamentos em caso de necessidade, banho e tosquia no dia de *check out*.

b) Cemitério de animais de estimação

Numa área resguardada do Jardim Zoológico de Lisboa, encontra-se desde 1934, aquele que foi o primeiro cemitério de animais de estimação do país. Com 2.050 m² de área, este é um espaço que pretende homenagear os melhores amigos de 4 patas, barbatanas, escamas ou asas.

c) Festas de aniversário

O Jardim Zoológico de Lisboa possui um serviço de organização de eventos especialmente direcionadas para o público infantil. As festas de aniversário do Zoo de Lisboa são compostas por programas que combinam a vida selvagem, a animação e a diversão (Zoo de Lisboa, sem data-a), Os programas direcionam-se a crianças desde os 3 anos até à pré-adolescência:

- a) Programa Canguru – até aos 5 anos de idade;
- b) Programa Pinguim – a partir dos 6 anos;
- c) Programa Girafa – a partir dos 6 anos;
- d) Programa Urso – a partir dos 8 anos.

d) ATL do Zoo

No período das férias escolares, divididos em três alturas do ano - Páscoa, verão e Natal - desenvolve-se no Zoo de Lisboa um campo de férias denominado “ATL do ZOO”. Este destina-se a crianças e jovens entre os 6 e os 16 anos de idade que tenham particular interesse pela Natureza e desejo de investigar através do lúdico um pouco mais do que é feito no Zoo de Lisboa.

Os programas desenvolvidos são orientados através de um fio condutor entre atividades, encontros com tratadores, treinadores e outros técnicos do Zoo, com o objetivo de estreitar relações com algumas espécies. Os programas têm também uma temática associada que é desenvolvida tendo como base um tema diferente por cada dia da semana. As atividades poderão variar entre jogos de pistas, exploração, caças ao tesouro, *peddypapers*, artes plásticas, desenho, pintura, *quizzes*, etc.

e) Sábados selvagens

O programa “sábados selvagens”, como o nome sugere, decorre aos sábados no Zoo de Lisboa. Este é um programa familiar que tem como objetivo promover a aprendizagem e a partilha de conhecimento (Zoo de Lisboa, sem data-c). É composto pela visita a alguns dos bastidores do espaço zoológico e participação em alguns dos processos diários realizados pelos tratadores e técnicos do Zoo.

f) Parque de diversões Animax

O Animax é um pequeno parque de diversões situado na zona primária (zona de entrada livre) do espaço zoológico e de acesso gratuito que contém alguns equipamentos de diversão para uso dos visitantes do Zoo ou de outros interessados.

Este espaço está aberto de Abril a Setembro e para utilizar os equipamentos de diversão é necessário adquirir um cartão, recarregável, nas bilheteiras do parque (Zoo de Lisboa, sem data-b).

g) Museu da Criança

O Museu das Crianças situado dentro da área gratuita do Jardim Zoológico de Lisboa, é um museu direcionado 100% para o público infantil e que apresenta exposições lúdicas e interativas para crianças. Trata-se de um espaço de brincadeira e aprendizagem que ocupa atualmente a área primária do Jardim Zoológico de Lisboa. (Museu das Crianças, sem data).

h) Workshops de educação ambiental

O Jardim Zoológico de Lisboa criou diversos workshops orientados para a educação ambiental que visam complementar outras formações académicas universitárias em diversas áreas. Os workshops são construídos orientando os conteúdos para situações da atualidade e da apresentação de possíveis soluções

Ao longo do ano são realizados quatro workshops diferentes que decorrem de acordo com um número mínimo de inscrições. A participação em todos eles pressupõe a possibilidade de integração na equipa de educadores zoológicos ou de animadores do Zoo de Lisboa:

- i. Workshop “2011-2020 Biodiversidade – Educar para conservar”;

- ii. Workshop “Animadores de educação ambiental”;
- iii. Workshop “Comunicação de ciência”;
- iv. Workshop “Iniciação à fotografia da vida selvagem”.

i) Programa para seniores “ZOO... um outro olhar”

O programa sénior, foi concebido para indivíduos com mais de 65 anos e com interesses na área da natureza. Este programa combina as visitas aos bastidores, com o contacto com treinadores e tratadores, com percursos temáticos.

3.5 Programas, campanhas e ações no Zoo de Lisboa

3.5.1. Programas de reprodução

As espécies animais presentes no Jardim Zoológico foram escolhidas tendo em conta um conjunto de critérios de seleção e com o objetivo de procurar, em especial, o seu bem-estar. O conjunto de critérios utilizado é definido pelos *Taxon Advisory Groups* (TAGs), constituído por especialistas em determinados grupos de animais, e combinam fatores como a nutrição, biologia, comportamento e conservação (Tiergarten Schonbrunn, sem data). Estes grupos são ainda responsáveis por definir uma série de recomendações e indicar que espécies devem ser adicionadas aos Programas Europeus de Reprodução de Espécies Ameaçadas (EEPs) e aos *Studbooks*.

O Jardim Zoológico, em conjunto com outros parques zoológicos, trabalha diariamente para a manutenção de populações geneticamente saudáveis, para que estas se reproduzam, e futuramente, se possível, sejam reintroduzidas no habitat natural (Tiergarten Schonbrunn, sem data).

A participação do JZ em EEPs, remonta o início dos anos 90, altura em que já participava em 4 programas. Atualmente este já conta com 5 TAGs, 64 EEPs, e participa ainda em 44 *Studbooks* europeus, 48 internacionais, sendo ainda coordenador do ISB do Leopardo da Pérsia, e responsável por cinco programas de reprodução da WAZA e da EAZA (Tiergarten Schonbrunn, sem data).

Apesar de participar em diversos programas é de salientar, e de acordo com informação fornecida pelo próprio Jardim Zoológico, que os vários programas de reprodução levados a cabo pelo Zoo têm decorrido como previsto e com sucesso.

3.5.2 Programas de reintrodução

O Jardim Zoológico tem participado também nalgumas ações de reintrodução de espécies animais no seu habitat natural, um pouco pelo mundo (ZOO Lisboa, sem data-b).

O processo centraliza-se em três instituições principais: a CITES assume como um importante organismo de preservação ambiental, que oferece aos seus visitantes uma ampla diversidade de atividades que combinam o interesse pela vida selvagem com a sua necessária preservação. O JZ caracteriza-se ainda por ser o jardim zoológico mais conhecido do país, e por orgulhosamente ter na sua posse espécies de animais únicas no mundo, resultantes da sua intervenção e participação em programas de reprodução, reabilitação e reintrodução animal. De uma forma lúdica o Jardim Zoológico possui também programas direcionados ao público júnior e juvenil, capacitando-os de conhecimentos que, acredita, serão importantes num futuro próximo para a preservação do ambiente. Além disso, as características do Zoo têm-lhe garantido um lugar muito especial enquanto recurso turístico na cidade de Lisboa oferecendo aos visitantes a possibilidade de aprenderem e divertirem-se num espaço muito próximo da natureza.

3.6. Uma alteração de nomenclatura no vocabulário no Zoo do Lisboa

Desde que o Zoo de Lisboa se aliou à EAZA, e alterou drasticamente tanto a sua construção arquitetónica, como as mensagens a passar aos seus visitantes, que também alguns termos entraram em desuso. O vulgar termo “espetáculo” de animais, conhecido por muitos no início do século XXI, em que eram apresentados animais que replicavam atividades e funções do ser humano, como araras a andar de bicicleta, elefantes que tocavam o sino em troca de uma moeda, ou os golfinhos a puxarem uma pequena embarcação com membros do público, resultou em “apresentações” animais com o intuito de mostrar aos seus espectadores comportamentos que os animais teriam se estivessem na natureza, passar mensagens de sensibilização para a conservação, e em simultâneo aplicar os princípios do enriquecimento ambiental.

O termo “jaula” foi outro que entrou em desuso, a partir do momento em que o Jardim Zoológico entrou no grupo de Zoos EAZA. A EAZA possui uma série de regulamentações, que devem ser cumpridas para que estes possam continuar a fazer parte desta grande associação. Uma delas, é uma das maiores mudanças e investimentos do Zoo de Lisboa desde o seu surgimento, a alteração de “jaulas” para “instalações” animais, que cumpram todas as necessidades dos animais, fomentando neles comportamentos naturais e dando-lhes liberdade de escolha. Como já foi referido ao longo desta dissertação, as jaulas com pavimento de cimento paredes revestidas a azulejos, de rápida lavagem e total inexistência de enriquecimento ambiental, deram lugar a instalações que cumprem todas as suas necessidades.

4. Metodologia

4.1. Introdução

Neste capítulo serão descritos os processos metodológicos escolhidos que permitiram a recolha de informação junto do público-alvo do estudo.

Além de se descrever as várias etapas do modelo de investigação, serão apresentadas justificações para as escolhas e opções tomadas, assim bem como o processo de construção e os objetivos de cada instrumento aplicado.

4.2 Modelo da investigação

Após a realização da revisão literária relativa às temáticas mais pertinentes associadas ao objeto de estudo deste trabalho, é crucial desenvolver toda a parte operacional da investigação.

Assim, e para além do recurso a dados secundários, e tendo em conta a natureza, o objeto e objetivos do estudo, de entre um leque de métodos de investigação possíveis, optou-se pelo inquérito por questionário. Considerou-se que este seria o método mais adequado ao estudo em questão, nomeadamente no que se refere a descrever as diferentes perceções dos visitantes, de uma forma relativamente rápida e direta. Além disso, este é o instrumento mais adequado quando se pretende recolher um vasto número de respostas (Quivy, 2005) procurando também ter uma caracterização, neste caso, do visitante do Jardim Zoológico de Lisboa.

Tendo em consideração que os visitantes do Jardim Zoológico de Lisboa se compõem de adultos e crianças, foram construídos dois questionários diferentes e adaptados aos públicos em questão: um adequado a crianças, e outro vocacionado para adultos.

Os questionários foram delineados tendo por base a leitura de diferentes artigos, dissertações e páginas de internet (revisão bibliográfica), como forma de ver respondidas uma série de questões - umas que já tinham sido colocadas a nível internacional e outras novas, e específicas a este trabalho - adaptando-as ao caso de estudo desta dissertação e visando a verificação das hipóteses delineadas no primeiro capítulo (Quivy, 2005). A escolha por este instrumento permitiu ainda a análise de diferentes correlações dos dados obtidos (Quivy, 2005).

Neste trabalho foi feita a aplicação de dois questionários: um destinado a maiores de 13 anos (anexo 1) e outro especificamente para as crianças de idade inferior a 13 anos (anexo 2). A aplicação do questionário aos adultos foi realizada no espaço do Jardim Zoológico de Lisboa e via eletrónica, com recurso ao software *Google formulários*. No caso das crianças, a aplicação foi feita apenas presencialmente no Zoo.

4.3 Universo e amostra

Para a definição da amostragem foram tidos em conta o número médio de visitantes por ano no Jardim Zoológico. Neste âmbito, entende-se por visitante, todos os indivíduos que após o pagamento ou não de um valor associado à autorização de entrada, se fazem acompanhar pelo bilhete e passam o controlo de entrada da zona Zoológica do Jardim Zoológico de Lisboa, e lá permanecem por um tempo indeterminado.

Apesar de solicitado ao Jardim Zoológico não foi possível indicarem a quantidade exata de visitantes dos últimos anos, no entanto, foi-nos indicado que o número de visitantes por ano é, aproximadamente, um milhão. Apesar dos esforços, não nos foi indicada a percentagem de visitantes adultos e de crianças.

Em função destes dados, e procurando obter uma amostra representativa, esta foi estimada com recurso à plataforma *on-line* de cálculo de amostragem do Survey System², tendo associado um grau de confiança de 99% e uma margem de erro de 5% (tabela 5). Para estes parâmetros procurou-se assegurar uma amostra de 665 inquiridos, no entanto conseguiu-se recolher 729 questionários válidos.

Tabela 5 Ficha técnica do inquérito por questionário

Ficha Técnica	
População	Visitantes do Jardim Zoológico de Lisboa (aproximadamente 1 milhão por ano)
Unidade amostral	Visitantes do Jardim Zoológico de Lisboa entre os 3 e os 13 anos (crianças), e visitantes com mais de 13 anos (Adultos)
Âmbito/localização	Jardim Zoológico de Lisboa
Amostra	729 indivíduos
Erro da amostragem	+/- 5% para um grau de confiança de 99%
Tipo de amostra	Aleatória
Período de aplicação	Segunda quinzena de março à segunda quinzena de julho de 2016

4.4 Os questionários

O processo de elaboração dos questionários iniciou-se pelo pedido de autorização ao Jardim Zoológico de Lisboa para a aplicação dos mesmos dentro do seu recinto, quer a adultos quer às crianças.

² A dimensão da amostra foi calculada *on-line* através do site <http://www.surveysystem.com/sscalc.htm> a partir da definição do grau de confiança e da margem de erro.

Para esta autorização foi necessário realizar um contacto com o centro de apoio ao estudante do Jardim Zoológico de Lisboa e enviada uma candidatura para aprovação do estudo. No âmbito desta autorização ficou indicado o Dr. Tiago Carrilho - responsável pela coordenação dos projetos académicos no ZOO - como orientador do estudo, dentro do espaço zoológico.

4.4.1 Construção dos questionários

Para a recolha de dados deste trabalho foram criados dois questionários distintos, dirigidos a públicos diferentes, nomeadamente crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 13 anos (anexo 2), e adultos com idade a partir dos 13 anos (anexo 1). Estes dois questionários tiveram como objetivo ver respondidas uma série de questões, com recurso a um discurso adequado às idades dos intervenientes. Esta opção por dois questionários distintos deveu-se sobretudo à necessidade de adaptação de linguagem a ambos os públicos e de redução da sua dimensão, que no caso do público infantil, seria impraticável se fosse mantida a dimensão do questionário para adultos.

A necessidade de optar por técnicas de resposta atrativas para o público infantil foi outro dos motivos pelo qual foram criados dois questionários. No caso do instrumento destinado às crianças recorreu-se à utilização de *smiles* representativos de diferentes emoções, a cores atrativas com simbologia e ao desenho como forma de expressão não verbal. Estas técnicas foram escolhidas com o propósito de tornar o momento de aplicação mais atrativo e participativo.

Tendo em conta que não existia qualquer estudo da mesma natureza implementado no Jardim Zoológico de Lisboa e os estudos realizados em outros parques zoológicos pelo mundo não se adequarem ao espaço em questão, também no que se refere ao questionário aplicados aos adultos, foi necessário desenhar de raiz um novo questionário que procurasse responder aos objetivos propostos no início desta dissertação. A maioria dos estudos já existentes eram muito focados em questões específicas como a experiência em parques zoológicos com guias, a educação informal ou a alteração de comportamentos pós visita. Desta forma, e tendo em conta o que o estudo se propunha, o questionário desenhado resultou de uma combinação de diferentes questões e variáveis que visavam dar resposta aos objetivos de uma forma mais abrangente.

Ainda assim, e para algumas das questões presentes no questionário, tomou-se por base estudos já realizados anteriormente noutros espaços zoológicos (tabela 6).

Tabela 6 Estudos já realizados noutros Jardim Zoológicos e importantes para a construção do questionário aos adultos

Autor/Ano	País/cidade	Tema
(Smith et al., 2008)	ZOO da Austrália	A closer examination of the impact of zoo visits on visitor behaviours.
(Wagoner & Jensen, 2010)	Zoo de Londres	A aprendizagem da ciência no Jardim Zoológico: Uma avaliação do desenvolvimento infantil da compreensão dos animais e dos seus habitats. .
(Randler et al., 2012)	BenBurg Zoo (Alemanha)	Adolescent learning in the zoo: embedding a non-formal learning environment to teach formal aspects of vertebrate biology
(Reade & Waran, 1996)	Zoo de Edinburgo (Escócia)	The modern ZOOS: how people perceive zoo animals
(Olukole & Gbdebo, 2008)	Zoo de Ibadan (Nigéria)	Patterns of Visits and Impacts of Zoo Animals on Visitors
(Clayton et al., 2009)	Zoo de Bronx (Nova Iorque), Zoo de Brookfield(Brookfield – EU), e Cleveland Metroparks Zoo (Cleveland-EU)	Zoo Experiences: Conversations, Connections, and Concern for Animals

A elaboração dos questionários foi iniciada em dezembro de 2015 e durante aproximadamente três meses passaram por um processo de validação de três fases:

- Por parte da orientadora, onde se procurou obter versões melhoradas;
- Pelo centro de apoio do estudante do Jardim Zoológico de Lisboa, que fez as correções necessárias e validou o questionário;
- Aplicação de um pré-teste com o intuito de compreender se seria necessário fazer alguma reestruturação nos questionários em causa. Este pré-teste teve lugar no dia 26 de março de 2016 ao fim da tarde e contou com a participação de dez visitantes, que após abordados para a participação no estudo, foi-lhes dado total liberdade para colocarem qualquer questão que considerassem pertinente, ou dar alguma sugestão de alteração para maior compreensão por parte de futuros visitantes. Não foram colocadas questões, de modo que não se procedeu a mais alterações ao questionário.

A escolha de questões com tipologias diversas teve como principal objetivo contrariar os prós e contras dos questionários compostos por questões somente fechadas ou somente abertas. A escolha por questões mistas procura enriquecer o estudo, na medida em que este se torna mais crítico, claro e objetivo (Castelo-Branco & Fernandes, 2015).

Assim, e dentro das questões de resposta fechada, recorreu-se a questões de resposta única, de escala de resposta (múltipla) e de filtro (Castelo-Branco & Fernandes, 2015). Existem ainda questões de resposta aberta, em que algumas são questões de resposta aberta curta e outras em que se procura uma resposta mais desenvolvida.

O questionário destinado ao público com mais de 13 anos inclui quatro grupos de perguntas:

- Grupo I: Caracterização do visitante - composto por 10 questões de caracterização socio demográfica do visitante;
- Grupo II: Caracterização da visita - totaliza 6 questões e centraliza-se na compreensão dos impactos em visitantes que solicitaram visita guiada aquando da sua visita ao Jardim Zoológico de Lisboa;
- Grupo III: Avaliação dos impactos da visita ao Jardim Zoológico de Lisboa – conjunto de 8 questões tendo como principal objetivo aferir o impacto e a visão dos visitantes que já visitaram o ZOO mais do que uma vez, avaliando a sua evolução e tentativas de melhoramento e modernização dos espaços;
- Grupo IV: Satisfação e expectativas futuras – composto por 3 questões e que procura avaliar a satisfação dos visitantes e a sua intenção de visitar e recomendar a outros.

Em contrapartida, o inquérito destinado às crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 13 anos é composto apenas por três grupos de questões:

- Grupo I: Caracterização sociodemográfica do visitante;
- Grupo II: Determinação de número de visitas, emoções inerentes à visita e predisposição para regressar e;
- Grupo III: Avaliação dos conteúdos aprendidos aquando da visita e determinação e aferição de recolha de diferentes elementos referentes à instalação do Tigre.

As questões colocadas em cada questionário visavam responder a objetivos muito específicos como indicado na tabela 7.

Tabela 7 Resumo dos diferentes objetivos inerentes a cada questão colocada nos questionários

Questionário aos adultos	Questionário infantil
Q1 à Q6 – Determinar características sociodemográficas dos visitantes	Q1 à Q4- Reunir características sociodemográficas dos visitantes
Q7 à Q8.1. – Determinar como tomou conhecimento do espaço, se é a primeira vez que visita, e se visita sozinho ou acompanhado.	Q5 – Aferir o número de visitas já realizadas por parte dos visitantes.
Q9 à Q11 – Aferir se escolheu visita guiada e impactes e perceção das mensagens transmitidas.	Q6 e Q7 – Determinar qual a emoção sentida aquando da visita e qual o desejo em regressar.
Q12 à Q14 – Motivos da visita, tempo despendido dentro do espaço zoológico e apresentações a que assistiu.	Q8 – Avaliar se houve aprendizagem de novos conteúdos e exemplos dos mesmos.
Q15 à Q16 – Avaliar se os visitantes reparam na sinalética vertical de informação e como avaliam a sua quantidade e conteúdo.	Q9 - Aferir se os indivíduos referenciam, tendo por base o desenho, diferentes fatores presentes fisicamente e não fisicamente na instalação do animal escolhido, e se fazem referência a algum tipo de enriquecimento ambiental.
Q17 – Analisar quais os principais pilares do Jardim Zoológico de Lisboa tendo por base a perceção dos visitantes.	
Q18 e Q19 – Determinar a predisposição para alteração de comportamentos e transmissão de conteúdos apreendidos após a visita.	
Q20 – Avaliar a evolução de diferentes variáveis tendo por base visitas anteriores.	
Q21 à Q23 – Determinar a predisposição para visitar o Jardim Zoológico de Lisboa e avaliação geral do espaço.	

Todos os inquéritos foram preenchidos de forma anónima, não sendo solicitado em nenhuma parte a identificação do indivíduo que o preencheu. Como forma de facilitar o posterior tratamento e análise dos dados, todos os questionários foram codificados com letras e números e distinguidos, tendo em conta quatro fatores distintos:

- a) Inquéritos realizados a adultos que não realizaram visita guiada – código utilizado: VA seguido de um nº de ordem da aplicação do questionário;
- b) Inquéritos realizados a adultos que realizaram visita guiada (auxiliares, professores ou acompanhantes de grupos escolares), código utilizado VAG seguido de um nº de ordem;
- c) Inquéritos realizados a crianças que não realizaram visita guiada, código utilizado: VI seguido de um nº de ordem;

d) Inquéritos realizados a crianças que realizaram visita guiada, código utilizado: VIG seguido de um nº de ordem.

4.4.2 Aplicação dos questionários

No seguimento da autorização para aplicação do questionário no Jardim Zoológico de Lisboa, seguiram-se várias visitas ao espaço divididas entre dias de semana e fins-de-semana a fim que chegar a diferentes tipos de inquiridos.

Os questionários foram aplicados com recurso a diferentes métodos. Numa primeira fase foram recolhidos por administração direta (Quivy, 2005), junto às portas rotativas da única saída do ZOO. Os indivíduos foram abordados aleatoriamente, foi-lhes explicado os objetivos do estudo e convidados a preencherem o questionário. A opção por este método, foi o que se privilegiou, pelo fato de se considerar que desta forma se garantiria uma amostra de maior qualidade.

Além desta zona de saída, a aplicação do questionário a alguns grupos escolares foi feita durante o período do almoço, na zona do parque de merendas, junto ao bosque encantado, onde é realizada a apresentação de aves em voo livre e répteis. Com esta alternativa evitou-se paragens muito prolongadas junto à saída.

No caso dos questionários infantis, exceto os casos em que estes se dirigiam a crianças com mais de 9 anos e com autonomia de leitura e escrita, na maioria dos casos, grupos escolares, as questões foram colocadas individualmente e diretamente às crianças.

Para chegar a um maior número de visitantes e agilizar o processo optou-se ainda, e numa fase seguinte, pelo recurso ao preenchimento não presencial, nomeadamente através da aplicação do questionário via internet. O questionário destinado aos adultos foi, assim, transcrito para uma plataforma de questionário *on-line*, mais concretamente o Google Forms, que foi enviado aos visitantes e potenciais inquiridos por meio de uma hiperligação privada. A hiperligação foi enviada aos visitantes via e-mail, através do contacto das escolas que tinham agendado visitas com o ZOO, ou entregue de forma presencial, no contacto direto com os visitantes. Os dados da escala de visitas, ou seja, das visitas guiadas e marcadas por escolas, foram fornecidos pelo Dr. Tiago Carrilho. De referir que os questionários, versão física e versão *on-line*, eram exatamente iguais.

Contacto idêntico foi realizado com visitantes a título particular que tivessem visitado o ZOO entre o mês de junho e o mês de julho de 2016, período em que não existiram alterações nas estruturas do Jardim Zoológico de Lisboa, nem nos seus animais, com o objetivo de evitar discrepâncias relativas ao período a que as respostas estavam indexadas.

O período de implementação dos questionários decorreu entre a segunda quinzena de março e a segunda quinzena de julho de 2016

O tempo médio de preenchimento presencial, por parte dos adultos, variou entre os 6 e os 20 minutos, fator muitas vezes influenciado por ser abordada uma família, em grupo, e haver alguma discussão acerca das questões ou respostas. No caso do questionário infantil o tempo variou entre os 45 segundos e os 5 minutos, uma vez que nem todas as crianças se mostraram disponíveis para o preenchimento da última questão relacionada com a elaboração do desenho do Tigre e do seu habitat.

No tratamento e análise de dados recorreu-se ao programa informático Excel (versão de 2013) para a realização de diferentes tarefas. Numa primeira fase como criação de base de dados, em que os 729 questionários foram introduzidos manualmente, questão por questão, para facilitar o tratamento e análise dos dados.

Numa segunda fase o Excel foi utilizado para a análise de dados, e utilizadas funções como a filtragem de condições, através da função “Contar.se”, a realização de tabelas dinâmicas que permitiram o agrupamento de dados e, as funções de média, moda, mediana, máximo e mínimo.

4.5. Síntese

Construímos a metodologia do estudo, com recurso a técnicas utilizadas frequentemente em investigações científicas, pela facilidade de aplicação.

Como instrumento de recolha de dados foi utilizado o inquérito por questionário, delineado de raiz, por não existirem em estudos anteriores modelos estruturados que se adaptassem ao que nos propusemos a estudar. Foram obtidos 729 questionários, divididos em dois clusters: 200 questionários respondidos por adultos com idade superior a 13 anos, seguindo o modelo do questionário para adultos; e 529 questionários respondidos por crianças entre os 3 e os 13 anos de idade, seguindo o modelo do questionário adaptado ao público infantil.

A análise dos dados foi realizada com recurso ao software Excel, versão de 2013.

5. Análise dos dados e discussão dos resultados

5.1. Introdução

Apresentada a metodologia utilizada para a elaboração deste estudo segue-se a apresentação e análise dos dados obtidos através dos 729 questionários obtidos.

Este capítulo encontra-se dividido em três sublocos: um primeiro, onde se apresenta, analisa e discute os dados referentes ao questionário aplicado a indivíduos com mais de 13 anos (adultos); um segundo, dedicado à análise dos dados referentes aos questionários infantis; e, na parte final um subloco com a análise da combinação de ambos, onde são discutidas questões comuns, como a análise sócio demográfica e o número de visitas anteriores ao Jardim Zoológico de Lisboa.

5.2. Análise dos questionários destinados aos visitantes maiores de 13 anos

5.2.1 Caracterização da amostra

No que diz respeito ao questionário colocado aos visitantes com mais de 13 anos, foram obtidos 200 questionários considerados válidos. Destes, 88 inquiridos (44%) eram do sexo masculino e 112 (56%) eram do sexo feminino. A média de idades cifrou-se nos 37 anos, sendo 13 anos a idade mínima e 82 anos a máxima.

No que se refere à nacionalidade dos inquiridos (tabela 8) destaca-se que o maior número foi de portugueses (62%) e espanhóis (17%).

a) Nacionalidades:

Tabela 8 Nacionalidades dos inquiridos com mais de 13 anos

Nacionalidade	Número de visitantes	%
Alemã	3	1,5
Americana	4	2
Angolana	4	2
Australiana	2	1
Belga	7	3,5
Cabo Verdiana	6	3
Espanhola	34	17
Francesa	5	2,5
Holandesa	2	1
Moçambicana	2	1
Portuguesa	124	62
Suíça	7	3,5
Total	200	100

No que se refere às regiões e “países” de residência (tabela 9), e com base na resposta dos inquiridos, destaca-se maior proveniência de visitantes das regiões que contíguas à área em que situa o Zoo, como Lisboa, Oeiras, Almada, Sintra e Cascais. De destacar ainda, no que diz respeito aos concelhos de residência e “países” apontados pelos visitantes, Leon, Cádiz e Interlaken assumem-se como as regiões com maior representatividade, no que diz à presença de visitantes estrangeiros no Zoo de Lisboa, durante o estudo.

Tabela 9 Regiões e “países” de residência de Portugal e estrangeiros dos inquiridos com mais de 13 anos

Concelho de residência Portugal	Número de visitantes	Concelho de residência De Portugal	Número de visitantes	Concelho de residência Internacionais e “países”	Número de visitantes
Sines	8	Almada	9	Queensland	1
Lisboa	16	Charneca da Caparica	6	Leon	7
Loures	6	Albufeira	1	Madrid	6
Oeiras	7	V.R. Santo António	2	Alicante	5
Odivelas	3	Setúbal	5	Cádiz	7
Olivais	3	Montijo	2	Burgos	4
Cacém	1	Palmela	1	Barcelona	4
Torres Vedras	1	Alcochete	3	Granada	2
Amadora	2	Sesimbra	1	Andaluzia	2
V. N. de Gaia	3	Seixal	1	Andorra	2
V.F. de Xira	1	Cova da Piedade	1	Sal	2
Sintra	7	Évora	3	Boavista	1
Cascais	8	Espinho	3	Luanda	2
Cascais	1	Milharado	1	Interlaken	7
Bombarral	5	Maia	1	Bruxelas	5
Leiria	1	Marão	3	Amsterdão	2
S. João Pesqueira	1	Não responde	4	USA	4
Peniche	1			Austrália	1
Braga	3			Berlim	2
Algarve	3			Moçambique	1
Silves	2			Alemanha	2
-	-	-	-	Belga	1

Alguns visitantes demonstraram ter dúvidas no preenchimento desta questão limitando-se a indicar o país onde vivem ou a região, em vez de indicarem o concelho/estado, como era

solicitado. Em resumo, foram apontados 59 locais/regiões e “países” de residência diferentes e 4 indivíduos não responderam esta questão.

De acordo com esta informação foi feito um cálculo do número de quilómetros que distam entre o Jardim Zoológico de Lisboa e as regiões de residência indicadas (tabela 10), com recurso ao Google Maps.

Tabela 10 Distância entre o Zoo de Lisboa e a região e “país” de residência dos visitantes com mais de 13 anos.

Distância entre o Zoo de Lisboa e a região e “país” de residência	Número de visitantes	Percentagem (%)
Até 50 km	87	43,5
Entre 51 km e 100 km	5	2,5
Entre 101 km e 150 km	4	2
Entre 151 km e 200 km	8	4
Entre 201 km e 250 km	-	-
Entre 251km e 300 km	9	4,5
Entre 301 km e 350 km	5	2,5
Entre 351km e 400 km	6	3
Mais de 400 km	72	36
Não responderam	4	2
TOTAL	200	100%

Através dos dados obtidos, não foi possível concluir se os visitantes inquiridos eram excursionistas ou turistas, uma vez que essa foi uma questão não incluída no questionário apresentado, no entanto, provavelmente, os visitantes cujo concelho de residência se encontra a mais de 200 km de distância do Zoo, poderão tratar-se de turistas,

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos inquiridos, todos responderam à questão, sendo que apenas 2 visitantes (1%) tinham o ensino básico, 6 (3%) tinham o 1º ciclo do ensino básico, 31 (15,5%) o 2º ciclo, 43 (21,5%) completaram o ensino secundário, 85 (42,5%) indicaram ter licenciatura, 27 (13,5%) o mestrado e 6 (3%) o grau de doutoramento. De destacar que 59% dos inquiridos possuíam um grau do ensino superior.

5.2.2 Análise dos dados e discussão dos resultados

Relativamente à questão acerca de como tomaram conhecimento da existência do Jardim Zoológico de Lisboa (questão 6), 148 dos inquiridos (74%) indicaram ter sido por via da família

ou amigos, 37 (18,5%) pela internet e 15 (7,5%) por meios de publicidade. Embora existisse uma outra opção de resposta - Agência de Viagens e Turismo – esta não obteve qualquer resposta. Os dados mostram-nos que, no grupo dos inquiridos, e no que diz respeito aos visitantes com mais de 13 anos, a família e amigos são os principais agentes que os levam a visitar o Zoo de Lisboa.

Acerca de se tratar ou não da primeira vez que visitam o Zoo de Lisboa, 81 dos inquiridos (40,5%) indicaram que “sim” enquanto 119 (59,5%) indicaram já não ser a primeira visita. Dos visitantes que afirmaram não ser a primeira visita, 43 (36,8%) já tinham visitado o Zoo 2 vezes mais, 32 (27,4%) três vezes, 13 (11,1%) quatro vezes e 29 (24,8%) cinco ou mais vezes.

Para visitar o Zoo, apenas 1 dos inquiridos (0,5%) respondeu que escolheu fazê-lo sozinho, enquanto 125 (62,5%) optam por fazê-lo com a família, 34 (17%) com amigos, 26 (13%) em casal e 14 (7%) com um grupo escolar.

A questão colocada sobre se tinham solicitado o acompanhamento de um guia foi respondida por 12 inquiridos (6%) com “sim”, 136 (68%) responderam que “não”, indicando desconhecer essa possibilidade, e 52 (26%) responderam que “não”, por não acharem necessário. As respostas a esta questão evidenciam a existência de uma grande percentagem de indivíduos que desconheciam a possibilidade de visitar o Zoo com o acompanhamento de um guia especializado. Uma comunicação pouco eficiente acerca desta possibilidade ou mesmo algum problema de divulgação podem estar na base desta situação.

Os 12 inquiridos (6%) que responderam que solicitaram acompanhamento de um guia, foram convidados a avaliar de 1 a 5 (sendo 1 muito mau e 5 excelente) diferentes elementos como: a) Simpatia do guia; b) Disponibilidade do guia; c) Domínio dos temas e; d) Conhecimentos transmitidos (tabela 11).

Tabela 11 Frequência absoluta da pontuação dada nas diferentes competências, por visitantes que requisitaram o serviço de visita guiada

Competência/Pontuação	1	2	3	4	5	Média
simpatia do guia	0	0	0	7	5	4,4
Disponibilidade do guia	0	0	3	8	1	3,8
Domínio dos temas	0	0	0	9	3	4,3
Interesse dos conhecimentos transmitidos	0	0	1	6	5	4,3
Total	0	0	4	34	14	4,2

De acordo com a tabela 11, todos os elementos obtiveram avaliações com média superior a 3, sendo a simpatia dos guias a mais apreciada, seguida pelo “domínio dos temas” e “interesse dos

conhecimentos transmitidos” A avaliação média de todos os elementos, ou seja, da visita guiada como um todo, ficou em 4,2 indicando um bom nível de satisfação com esta opção de visita.

Relativamente aos inquiridos que solicitaram o acompanhamento de um guia, quando questionados se o voltariam a solicitar, 11 (73,3%) responderam que sim, e apenas 4 (26,7) indicaram que não.

Também na questão “Aconselharia a outros?”, ainda relacionada com a visita com guia, 12 dos inquiridos (80%) responderam que sim e 3 (20%) responderam que não aconselhariam. Estes valores indicam que este serviço é reconhecido pelos inquiridos como pertinente para a visita ao Jardim Zoológico de Lisboa, aconselhando-o mesmo a outros.

Quanto ao motivo para visitar o Zoo de Lisboa, 135 dos inquiridos destacaram o “gosto com o contacto com animais” (68%), 98 pelo “gosto do contacto com a natureza (27%), 31 por “influencia de outros “(15,5%), 27 dos inquiridos (13,5%) destacaram que “a aquisição de conhecimentos”, 14 (7%) por “visita de cariz escolar” e 7 (3,5%) por outros motivos. Nesta questão os inquiridos poderiam assinalar mais do que uma resposta, no entanto a resposta mais assinalada foi o “gosto pelo contacto com animais”, totalizando 135 respostas (68%) .

Quando questionados em relação ao número de horas que passaram no Zoo, 47 (23,5%) dos inquiridos responderam dispensar entre duas a três horas, 104 (52%) entre quatro a cinco horas e 49 (24,5%) seis ou mais horas. Assim, o tempo médio passado no Jardim Zoológico, no grupo inquirido, registou-se em 4,4h.

No que diz respeito às exposições com animais, realizadas no Zoo, existem cinco exposições que decorrem todos os dias, algumas delas, até mais do que uma vez ao dia, sendo elas a apresentação dos golfinhos e leões-marinheiros, aves em voo livre, alimentação dos leões-marinheiros, apresentação dos répteis, e a alimentação dos pelicanos. Através da questão 14 do questionário procurou-se perceber quais as apresentações mais procuradas e/ou assistidas pelos visitantes (tabela 12).

Tabela 12 Apresentações com animais assistidas pelos visitantes durante a sua visita

Nome da apresentação	Sim	Não	Desconhecia a existência	Foi cancelada
Apresentação dos golfinhos e leões-marinhos	180	20	-	-
Aves em voo livre	132	66	-	-
Alimentação dos leões-marinhos	91	106	-	-
Apresentação dos répteis	96	99	5	-
Alimentação dos pelicanos	18	166	16	-

De acordo com as respostas dadas pelos inquiridos, a apresentação com maior assistência foi a dos golfinhos e leões-marinhos, seguida pela apresentação das aves em voo livre. A apresentação dos répteis é uma apresentação que se encontra agrupada à das aves em voo livre, o que quer dizer que a diferença verificada entre estas duas apresentações pode indicar alguma falta de atenção no preenchimento da resposta ou, ter sido, eventualmente, confundida com a visita ao reptilário, espaço dedicado exclusivamente a répteis, peixes, aracnídeos e anfíbios no Zoo de Lisboa.

Embora a informação relativa às apresentações possíveis de assistir e os respetivos horários se encontrem no mapa do Zoo e no *flyer* que lhe está adjacente, entregue na bilheteira a todos os visitantes, é de salientar que ainda assim se verificam casos de desconhecimento das mesmas, como por exemplo a alimentação dos pelicanos, que é a apresentação menos assistida e indicada como desconhecida por maior número de visitantes.

Em resposta à questão 15, sobre se durante a visita reparou nas placas referentes aos programas de conservação levados a cabo pelo Jardim Zoológico de Lisboa em parceria com a EAZA, 182 (91%) dos inquiridos responderam que sim e 18 (9%) indicaram que não repararam. De referenciar que apesar das placas referentes a estes planos de conservação se encontrarem espalhadas pelo espaço zoológico e perto de diversas instalações animais, como é o caso dos primatas, tigres brancos, templo dos tigres, ilha dos primatas, entre outros, no entanto, são vários os visitantes que não reparam nelas.

No que se refere à avaliação da qualidade e quantidade de informação presentes nas placas informativas, nenhum dos inquiridos respondeu que as considerava desnecessárias, aliás, 78 responderam que consideravam essa informação “adequada” e 112 responderam “muito útil”. Ainda assim, 10 dos inquiridos responderam não ter visto nenhuma placa. Deparámo-nos com algumas condicionantes na análise destas questões uma vez que os inquiridos poderão não ter feito separação entre as duas tipologias de placas, sendo os dados de certa forma inconclusivos, no entanto, alerta-nos que poderá ainda haver algum trabalho a fazer por parte da equipa do Zoo, responsável pela sinalética, para que todos os visitantes se encontrem corretamente informados, tanto acerca dos programas de conservação como de outras questões, para as quais as placas são utilizadas.

Apesar da informação constante nas placas não chegar a todos os inquiridos, devemos salientar que a resposta mais assinalada nesta questão é que essa informação, quando percebida, é “muito útil”.

Os inquiridos foram questionados ainda acerca de quais consideravam ser, em sua opinião, as três principais razões (pilares) para a existência do Zoo de Lisboa (questão 17). Nesta questão foi solicitado aos inquiridos que selecionassem obrigatoriamente três opções que achassem ser as mais corretas. No entanto, o Zoo de Lisboa tem estes três pilares bem definidos e encontram-se escritos, junto à entrada do Zoo, na praça circular que se encontra de costas para o templo dos tigres, mais concretamente: educação, investigação e conservação.

Apesar desta informação fornecida na entrada, o resultado das respostas a esta questão indica que os visitantes inquiridos têm a perceção de que o Zoo de Lisboa tem como principal pilar a educação, seguido de entretenimento e de intervenção (tabela 13).

Tabela 13 Número de respostas a cada opção, referente à questão “Quais os três pilares do Zoo de Lisboa?”

Principal razão (pilar)	Número de respostas
Educação	163
Entretenimento	148
Intervenção	124
Conservação	98
Investigação	59
Modificação	3
Deseducação	0

Este resultado mostra-nos que os visitantes desconhecem quais são os três pilares do Zoo, e embora não consigamos averiguar o motivo deste desconhecimento, por não existirem dados que o expliquem, podemos salientar que a informação colocada à entrada do Zoo (onde se

encontra a indicação destes pilares), não é apreendida, pelo menos na totalidade, pelos seus visitantes.

Posteriormente, na questão 18, os inquiridos foram questionados quanto à sua predisposição para alterar os seus comportamentos após a visita ao Zoo. Com esta questão pretendia-se aferir se a visita poderia influenciar ou não a predisposição para alteração de comportamentos e luta pela conservação, relativamente à sua situação pré visita. Nesta questão foi solicitada uma resposta numa escala entre 1 - nada motivado e 4 - muito mais motivado (tabela 14).

Tabela 14 Respostas relativas à predisposição dos visitantes para alterar do seu comportamento

Valor atribuído	Nº de respostas	Representação (%)
1 Nada motivado	0	0
2 Igual (sem influência)	42	21
3 Motivado	116	58
4 Muito mais motivado	40	20
Não Respondeu (NR)	2	1
Total	200	100

De acordo com as respostas, 78% dos inquiridos indicaram sentir-se motivados, ou mesmo muito motivado, para alterar os seus comportamentos, ou seja, neste grupo, podemos dizer que a visita contribuiu positivamente para influenciar a sua predisposição. No entanto é necessário perceber que a avaliação desta questão não pode ser feita isoladamente, sendo relevante comparar os dados com as respostas da questão 7, que questionava os indivíduos acerca da sua primeira visita ou não. Como já visto, 59,5% dos inquiridos já tinham visitado anteriormente o Zoo e, visto que 63,2% já o tinham feito três ou mais vezes, a resposta a esta questão pode induzir em erro, uma vez que a predisposição para a mudança pode estar influenciada pelas visitas anteriores e não estar apenas condicionada à visita correspondente à do preenchimento do questionário.

No que diz respeito à transmissão dos conteúdos aprendidos, 186 (93%) dos inquiridos respondeu que os transmitiria à sua família e amigos e 14 (7%) responderam que não o fariam. Os inquiridos, quando questionados acerca de alguns exemplos de conhecimentos que transmitiriam à sua família e amigos, deram diferentes respostas. Sendo esta questão uma questão aberta, as respostas foram organizadas em três categorias (anexo 3): questões relacionadas com a conservação e necessária preservação do meio ambiente e de espécies animais em concreto (categoria 1); curiosidades sobre animais (categoria 2); e outros comentários (categoria 3). Para uma melhor análise das respostas foi elaborada a tabela 15.

Tabela 15 Exemplos de algumas respostas dadas pelos inquiridos por categorias à questão "Que conhecimentos transmitiria à sua família e amigos?"

Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3
<i>"Preservação da natureza. Meio ambiente. As condições climáticas do planeta."</i>	<i>"O facto do ser humano ser a maior ameaça dos animais. Que a preservação da natureza tem muito a ver com a sobrevivência das espécies."</i>	<i>"É importante para as crianças"</i>
<i>"Preservação de espécies em extinção."</i>	<i>"Que os golinhos são os animais mais ameaçados"</i>	
<i>"Informaria acerca da quantidade de espécies em extinção e da importância de reciclarmos."</i>	<i>"That one type of antelop (imapala – I cal them), the male is much bigger."</i>	
<i>"Da necessidade de conservar e cuidar da natureza"</i>	<i>"Os tigres são animais solitários e os babuínos serem territoriais por isso serem agressivos ao defenderem o seu território"</i>	
<i>"Está na mão do Homem preservar a natureza e todos podemos participar, se não o fizermos muita da beleza do nosso mundo irá desaparecer"</i>	<i>"Porque aprendi que muitas vezes os animais não podem estar sempre juntos e só durante o cio. Não se deve mesmo dar qualquer tipo de alimento, já que pode causar problemas de saúde ou até mesmo a morte."</i>	

As restantes respostas dadas a esta questão encontram-se também elas agrupadas no anexo 4.

De acordo com a categorização utilizada, a categoria com maior percentagem de respostas foi a categoria 1, que destacava comentários e questões relacionadas com a conservação e necessária preservação do meio ambiente e de espécies animais em concreto.

O volume de respostas dadas, e que se encontram agrupadas nesta categoria, denotam a vertente educacional do Zoo de Lisboa, destacando-se como unidade que pretende passar, aos

seus visitantes, valores relacionados com a preservação do planeta e das espécies, numa fase pré-extinção, procurando evitá-la através da sua preservação e comunicação.

No que diz respeito à avaliação dos inquiridos relativamente a diferentes fatores da sua visita, atual e anterior, foram obtidos os resultados presentes na tabela 16.

Tabela 16 Análise às respostas à questão 20: “Avalie, de acordo com a sua opinião, a evolução das diferentes variáveis abaixo, em comparação às duas visitas anteriores.”

Análise das respostas à questão:	Média	Mínimo	Máximo	Moda
Quantidade de espaços verdes	3,3	1	5	3
Quantidade de espaços de refeição	3,1	1	5	3
Qualidade dos espaços de refeição	3,7	1	5	3
Variedade de espécies animais	3,8	2	5	4
Variedade de plantas	3,6	2	5	4
Qualidade das instalações animais	3,8	2	5	4
Manutenção e limpeza dos espaços comuns	3,6	1	5	3
Quantidade de placas informativas (espécies, curiosidades, campanhas de conservação etc.)	3,7	2	5	3
Qualidade de placas informativas (espécies, curiosidades, campanhas de conservação etc.)	3,6	2	5	3
Disposição dos trabalhadores	3,4	2	5	3

A tabela 16, apresenta a avaliação dada pelos visitantes, de 1 a 5, sendo 1 “muito pior” e 5 “significativamente melhor”. Para os visitantes cuja visita ao Zoo era a primeira, foi indicado que nesta questão deveriam indicar “sem opinião” (SO). De salientar ainda que esta não era uma questão de resposta obrigatória, de modo que alguns visitantes optaram por não responder à mesma.

Todos os fatores mencionados possuem uma avaliação positiva, superior a 3, demonstrando que na opinião dos visitantes, desde a sua visita anterior, em média, todos os fatores tiveram melhorias. Das respostas dadas destaca-se a média de avaliações de 3,8 em 5 dada à variedade de animais e à qualidade das suas instalações, que denota que os objetivos do ZOO de Lisboa, em termos de melhoria e modernização dos espaços, foram atingidos com sucesso.

De todos os fatores destaca-se negativamente, ainda que com uma avaliação superior a 3, a quantidade de espaços de refeição para os visitantes, que obteve uma avaliação de 3,1 em 5.

No que diz respeito à questão em que é solicitada uma avaliação geral do ZOO (questão 21), foram obtidos os seguintes resultados.

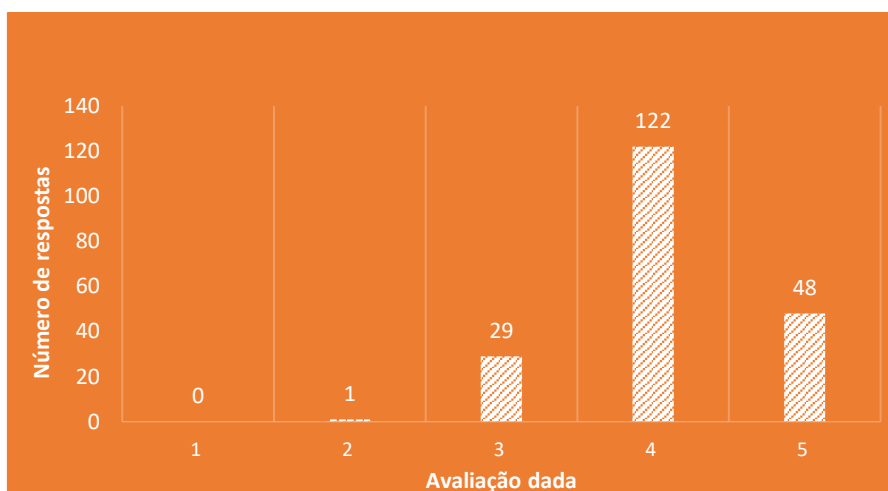


Figura 20 Respostas dadas à questão de avaliação global ao Zoo de Lisboa por parte dos visitantes com mais de 13.

Numa escala de 1 a 5, sendo 1 “horrível” e 5 “muito bom”, procurou-se, com esta questão, entender a opinião dos visitantes sobre o Zoo de Lisboa, na sua generalidade. 14,5% dos inquiridos referiu que o espaço zoológico era razoável, 61% classificou o espaço como “bom”, e 24% como “muito bom”. Esta é uma questão que denota a apreciação por parte dos visitantes ao Zoo de Lisboa, que destaca indiretamente o seu gosto e apreciação pelo espaço.

No que diz respeito a uma possível revisita ao Zoo de Lisboa, 75% dos inquiridos revelaram que gostariam de fazê-lo, 4% que não estariam interessados em fazê-lo e 21% indicaram que talvez voltassem.

Quanto à possível recomendação do Zoo de Lisboa a outros, 97,5% responderam que recomendariam este espaço a familiares e amigos, e apenas 2,5% indicaram que não o fariam. Estas questões denotam que, apesar de por vezes os visitantes não terem interesse em visitar o espaço, na maioria das vezes pensam recomendá-lo.

Como questão final (questão aberta), os inquiridos foram convidados a indicar motivos pelo qual estariam interessados em voltar e porque recomendariam a visita a este espaço. Apenas 40 indivíduos (20% dos inquiridos) responderam a esta questão. Também aqui, e para uma melhor análise, as respostas foram agrupadas tendo em conta o seu conteúdo (anexo 3) e de acordo com as seguintes categorias:

Tabela 17 Agrupamento de respostas por categorias e respetiva frequência de resposta à questão 23.1 -! Recomendaria o Jardim Zoológico de Lisboa a um familiar ou amigo? Porquê?

Categorias	Frequência de resposta	Frequência de resposta (%)
Categoria 1 - Ambiente do zoo	14	30,4% das respostas
Categoria 2 - Vertente educacional do zoo	17	36,10% das respostas
Categoria 3 - Quantidade e variedade de espécies animais	1	2,2% das respostas
Categoria 4 - Comentários circunstanciais	3	4,3% das respostas
Categoria 5 - Importância como unidade de lazer/turística	5	13% das respostas

Os comentários por categorias encontram-se na íntegra para consulta no anexo 3.

5.3. Análise aos questionários destinados a visitantes com idades entre os 3 e os 13 anos

5.3.1 Caracterização da amostra

No que diz respeito aos inquiridos que responderam ao questionário destinado a indivíduos entre os 3 e os 13 anos, foram obtidos os seguintes resultados³:

- a) Sexo dos visitantes: 235 (44,4%) do sexo masculino e 294 (56,1%) do sexo feminino;
- b) Idade dos visitantes: Média = 8 anos; Mínima= 3 anos; Máxima 13 anos; Moda: 10 anos;

No que se refere à nacionalidade dos inquiridos (tabela 10) destaca-se que, também neste grupo, o maior número foi de portugueses (87%) e espanhóis (7%).

Nacionalidades:

Tabela 18 Nacionalidade dos inquiridos entre os 3 e os 13 anos de idade

Nacionalidades	Nº de visitantes	%
Angolana	3	0,57
Alemã	6	1,13
Australiana	4	0,76

³ Dados resultantes da aplicação do inquérito a 529 indivíduos entre os 3 e os 13 anos de idade.

Belga	4	0,76
Cabo Verdiana	4	0,76
Espanhola	33	6,24
Francesa	8	1,51
Holandesa	4	0,76
Luxemburguesa	1	0,12
Portuguesa	458	86,6
Suíça	4	0,76
Total	529	100

Dos inquiridos 13,6% eram de nacionalidade estrangeira.

No que diz respeito às regiões de residência, a tabela 19 ilustra a distribuição dos indivíduos por regiões e “países” de residência

Tabela 19 Regiões e “países” de residência dos visitantes entre os 3 e os 13 anos de idade

Regiões de residência em Portugal	Número de visitantes	Regiões de residência Em Portugal	Número de visitantes	“Países” e regiões de residência No estrangeiro	Número de visitantes
Oeiras	7	Porto	3	Luanda	3
Silves	2	Gaia	2	Sal	3
Santo André	2	Leiria	22	Sevilha	2
Lisboa	85	Alenquer	2	Queensland	2
Valongo	2	Setúbal	16	Andaluzia	1
Albufeira	4	V.N Gaia	1	Burgos	4
Benfica	2	Tavira	1	Cádiz	13
Alcochete	2	Sines	12	Amsterdão	3
Arouca	2	Lagos	3	Leon	4
Olivais	7	Miratejo	5	Madrid	10
S.Marta do Pinhal	1	Estoril	1	Interlaken	4
Lumiar	1	Amadora	37	Barcelona	1
Almada	3	Loures	1	Andorra	1
Lousã	1	Ílhavo	2		
Carnaxide	1	Santarém	2		
Ourém	22	Covilhã	1		
Mourão	3	Torres Vedras	2		

Sintra	11	Povoa S. Iria	2		
Coruche	2	Berlim	1		
Laranjeiro	4	Almodôvar	45		
Mafra	3	Valongo	2		
Vila Real	1	Coimbra	2		
Penafiel	1	Parede	1		
Maia	1	Seixal	24		
Vale de Milhaços	1	Linda-a-velha	2		
Arruda os vinhos	3	Idanha-a-nova	1		
Évora	2	Braga	7		
Carnide	1	Massamá	1		
Beja	1	Odivelas	9		
Peniche	36	Aveiro	2		
Mértola	1	Cascais	10		
Montijo	11	Golegã	2		
Amarante	1	Azambuja	1		
Corroios	2	Não responde	22		

A tabela 19 revela que mais uma vez os visitantes demonstraram dúvidas no preenchimento desta questão, limitando-se a indicar o país ou a região de residência, em vez de indicarem o concelho. Como houve um grande número de inquiridos com idade inferior aos 7 anos a responder a esta questão, é possível que não soubessem a resposta, tendo sido umas vezes ajudados pelos adultos responsáveis por eles e outras não.

Tal como feito para o grupo dos maiores de 13 anos, também neste caso foi feito um cálculo do número de quilómetros que distam entre o Jardim Zoológico de Lisboa e a região de residência indicada, com recurso ao Google Maps (tabela 20).

Tabela 20 Distância entre o Zoo de Lisboa e a região ou “país” de residência dos visitantes entre os 3 e os 13 anos

Distância entre a região de residência ou “país” e o Zoo de Lisboa	Número de visitantes	Percentagem (%)
Até 50 km	258	48,7
Entre 51 km e 100 km	2	0,4
Entre 101 km e 150 km	47	8,9
Entre 151 km e 200 km	48	9
Entre 201 km e 250 km	78	14,8
Entre 251km e 300 km	4	0,8

Entre 301 e 350 km	12	2,3
Entre 351km e 400 km	6	1,1
Mais de 400 km	52	9,9
Não responderam	22	4,2
Total	529	100

À semelhança do grupo dos maiores de 13 anos, através dos dados apresentados na tabela 20, não foi possível concluir se os visitantes inquiridos eram excursionistas de um dia ou turistas, uma vez que essa foi uma questão não incluída no questionário apresentado.

5.3.2 Análise dos dados e discussão dos resultados

No que diz respeito à questão referente ao facto se esta seria ou não a primeira visita ao Zoo, 26,7% (141) dos inquiridos afirmaram que nunca o tinham visitado antes e 73,4% (388 inquiridos) indicaram já o ter visitado anteriormente.

Quando questionados acerca da emoção sentida após a visita (questão 2), tendo por base três *smiles* de três cores diferentes, com cores associadas à emoção - verde com sorriso para feliz, amarelo com risco na horizontal para apático ou igual e vermelho com boca para baixo para triste (anexo 3) - dos 529 inquiridos, 440 (81,9%) referiram estar “Feliz”, 68 (12,9%) “Apático” e 21 (4%) apontaram o ícone de “Triste”. Deste grupo de inquiridos, podemos constatar que a maioria indicou um estado de felicidade e descontração após a visita ao Zoo.

No que se refere à intenção de voltar, e foram apresentados os mesmos três *smiles*, mas destas vez com os significados “Sim” (verde), “Talvez” (Amarelo) e “Não” (vermelho), as respostas foram de 483 (81,90%) para “Sim”, 87 (16,4%) indicaram que “Talvez” e 9 (1,7%) disseram que “Não”. Mais uma vez a grande maioria das crianças demonstrou intenção em visitar o Zoo de Lisboa, provavelmente devido à experiência ter sido bastante positiva, como parece indicar a resposta à questão 2.

Uma vez que um dos objetivos deste questionário destinado aos visitantes com 13 ou menos anos de idade era aferir se haveria de facto uma transmissão e absorção de conhecimentos, os visitantes foram questionados acerca da aprendizagem, ou não, de novos conteúdos. Desta vez a resposta à questão foi associada a duas formas: uma mão com o dedo polegar para cima, de cor verde para indicar “Sim”; e uma mão com o dedo polegar para baixo, de cor vermelho, para indicar “Não”. Nesta questão 425 Inquiridos (80,20%) responderam que tinham aprendido coisas novas e 104 (19,70%) que não tinham aprendido nada de novo. A percentagem de resposta positiva, denota a função educativa do Jardim Zoológico, que torna uma visita informal e lúdica em algo com proveito em termos educativos.

Na questão seguinte (questão 4.1) pediu-se que dessem alguns exemplos de novos conteúdos que tinham aprendido durante a visita. Apenas 135 (18,6%) dos inquiridos responderam a esta questão. Também neste caso se categorizou as respostas em 6 categorias (anexo 5), nomeadamente:

Tabela 21 Distribuição dos comentários por categorias e respetiva frequência

Categoria	Frequência de respostas	Frequência de respostas (%)
1 - Regimes alimentares	18	13,3
2- Padrões, cores e características de animais	39	28,9
3- Comentários circunstanciais e sobre o Zoo de Lisboa	34	25,2
4- Reprodução animal	5	3,7
5 - Comportamento animal	28	20,7
6 - Extinção de espécies e conservação	11	8,1
Total	135	100

Os comentários foram díspares e a sua divisão por categorias não foi homogénea, havendo maior destaque nos comentários referentes aos padrões, cores e características animais, fatores muitas vezes atrativos para as crianças, especialmente para os mais pequenos.

Destaca-se nas respostas à questão, a indicação de conhecimentos aprendidos durante a visita guiada (no caso dos grupos escolares) e após a leitura das placas informativas com auxílio dos adultos ou nas apresentações animais.

Aquando da resposta a esta questão, foi dada total liberdade às crianças para se expressarem, para que os seus comentários fossem os mais genuínos possíveis, não se considerando de nenhuma forma comentários errados. Destaca-se particularmente alguns comentários que revelam conhecimentos aprofundados sobre diferentes temas e muita maturidade para a idade dos inquiridos, como por exemplo os que a seguir se apresentam. Além do comentário elaborado, e do código de questionário indica-se também a idade do inquirido, assim como o valor lógico ou explicação científica ao comentário feito:

- a) "Os Koalas bebem água quando estão doentes." VI258 – 10 anos de idade – Verdade. Os Koalas consomem muito pouca água, por norma consomem líquidos em situação de crise ou doença, é por isso que é frequente encontrar fotografias na internet sobre fogos florestais, onde são vistos koalas a beber água a partir da mão humana. É anunciado durante as visitas guiadas que na instalação dos koalas existe

um bebedouro com uma marca, que ajuda os tratadores a saber quando o estado de saúde dos seus animais se encontra debilitado, uma vez que estes irão consumir água e fazer descer o nível;

- b) “Não existem tigres brancos na natureza.” VI341 – 11 anos de idade – Verdade. Os tigres brancos surgem quando ambos os progenitores são portadores do gene responsável pela cor clara do pelo. A razão pela qual existe esta referência é pelo facto de estarem muitos expostos a predadores, uma vez que a sua cor clara impede que este se camufle na vegetação para se alimentar. Atualmente, de acordo com os registos, existem apenas tigres brancos ao cuidado humano, em jardins zoológicos;
- c) “Aprendi que muitos dos animais que lá estão encontram-se em reabilitação ... e que o jardim zoológico procura uma melhor preparação para quando forem libertados se adaptarem ao seu meio...conseguindo sobreviver” – VI314 -12 anos de idade – Verdade. O Jardim Zoológico funciona também como hospital de animais em perigo, procura tratar os seus problemas, e sempre que possível reintroduzi-los no seu habitat;
- d) “Aprendi que a coruja das neves tem dimorfismo sexual” – VI93 - 10 anos de idade – Verdade. Existe dimorfismo sexual na plumagem e no tamanho das corujas das neves. Os machos possuem uma plumagem maioritariamente branca, e as fêmeas plumagem branca com algumas pintas ou manchas escuras, e são maiores;
- e) “Aprendi que os flamingos são rosa porque comem camarão que é rosa.” VI94 – 10 anos – Verdade. Os flamingos aquando do seu nascimento nascem sem penas, mas à medida que vão crescendo surgem penas brancas. Quando se começam a alimentar as suas penas começam a ficar tingidas de cor-de-rosa, devido a uma substância química natural chamada de betacaroteno, existente em crustáceos e algas. Ao consumirem alimentos como camarão, adquirem a cor rosa;
- f) “Os chimpanzés comem em caixas” – VI16 – 6 anos – Parcialmente verdade. O inquirido VI16 refere-se ao facto de, no Zoo de Lisboa, serem utilizados como enriquecimento ambiental alimentar *puzzle feeders*, que permitem que os chimpanzés desenvolvam capacidades cognitivas, ao mesmo tempo que passam o tempo, para conseguirem chegar à recompensa esperada, o alimento;
- g) “*Lions like sun*” – VI130 (Australiano) – 6 anos de idade – Verdade. Os leões, tal como a maioria dos felinos gosta de passar algumas horas a dormir, ou simplesmente deitados ao sol;

- h) "As zebras têm riscas diferentes" VI132 – 6 anos de idade – Verdade. Não há duas zebras iguais, as zebras apresentam uma pelagem branca com riscas assimétricas de cor preta. As suas riscas funcionam como uma impressão digital para o ser humano, não havendo duas zebras com riscas iguais;
- i) "Os crocodilos gostam de sol" VI154 - 10 anos de idade – Verdade. Os crocodilos precisam do sol para auxiliar em funções muito importantes, como a digestão. Para tal precisam de aumentar a sua temperatura corporal para que consigam digerir os alimentos ingeridos. Este é o motivo pelo qual permanecem imóveis durante muito tempo;
- j) "*Rhinos use mud to protect from the sun*" VI169 – 9 anos de idade – Verdade. Os rinocerontes usam a lama como se fosse protetor solar, rebolam na mesma, para que seja criada uma camada protetora que impeça os raios solares de penetrarem diretamente a sua pele;
- k) "Há hipopótamos pequenos que não são bebés" VI176 – 9 anos de idade – Verdade. Existem hipopótamos que apresentam um tamanho mais pequeno do que a maioria das pessoas estão habituadas a ver, são uma subespécie dos hipopótamos e chamam-se hipopótamos pigmeus;
- l) "Os linces estão em vias de extinção" VI188 – 8 anos de idade – Verdade. Em Portugal esta é uma espécie com estatuto de conservação "criticamente ameaçado", resultantes da perda de habitat, redução da população de coelho-bravo (principal alimento) e mortalidade não natural, como atropelamentos e caça;
- m) "Existem tartarugas com a carapaça mole" – VI189 – 6 anos – Verdade. Existem tartarugas com a carapaça mole e o pescoço comprido, de acordo com esta característica, são chamadas de tartarugas de carapaça mole;
- n) "Que há animais que hibernam, e que o golfinho vem cá a cima para respirar um bocadinho e que os lagartos se protegem camuflando-se da cor da natureza" – VI214 – 8 anos – Verdade. Os golfinhos necessitam de vir à tona de água para respirar, utilizam uma pequena perfuração que se situa no cimo da sua cabeça, chamada espiráculo, que abre quando estão fora de água e que se fecha quando mergulham. Os répteis, especialmente o camaleão, é conhecido pela sua capacidade de camuflagem, em que possui a capacidade de alterar a cor da sua pele, de acordo com o ambiente em que se encontra, para se proteger de predadores e se alimentar;

- o) "Aprendi a conservar os animais, mesmo que não estejam em extinção" VI243 – 11 Anos - Esta resposta não se trata de um conhecimento com valor de verdade ou não, mas revela maturidade por parte do indivíduo VI243 em entender, que é preciso proteger todas as espécies animais, em todas as alturas e não somente quando estas se encontram em perigo de extinção.

A questão final deste questionário caracterizava-se por ser uma questão de resposta não escrita, em que se pretendia que os inquiridos desenhassem, sem qualquer informação adicional, ou resposta a alguma dúvida, o que para eles era um tigre no seu habitat natural. Ou seja, foi-lhes dado um retângulo em branco, apenas com a informação *"Agora irei precisar dos teus dotes de artista, desenha por favor um tigre no seu habitat"*. O desenho poderia ser colorido, ou apenas a carvão, consoante os recursos disponíveis no momento. O objetivo era perceber se os inquiridos referiam algumas das características principais do animal, a nível do seu comportamento, modo de sociabilidade, alimentação, e cor, tais como:

- 1) O tigre tem um pelo curto, laranja com riscas pretas;
- 2) Tem uns grandes dentes, que utiliza para comer e defender-se;
- 3) É um felino de grande tamanho (pode atingir 3 metros da ponta do nariz à cauda);
- 4) Tem garras que utiliza para subir às árvores;
- 5) É um animal solitário, gosta de estar em topos altos;
- 6) Dorme muitas horas por dia;
- 7) O seu habitat principal é a selva;
- 8) Olhos amarelos com pupilas redondas (no caso dos de pelagem laranja);
- 9) Urinam em árvores e outros locais para marcar o seu território;
- 10) Territoriais;
- 11) Os tigres são muito rápidos, podem correr a mais de 60 km/h em distâncias curtas;
- 12) Podem saltar até 6 metros de altura;
- 13) Gostam de água e são bons nadadores;
- 14) São mamíferos, alimentam as suas crias com leite;
- 15) Gostam de sol.

De destacar, que pelas suas características e tempo necessário, a última questão foi maioritariamente desenvolvida por crianças no contexto de visita de estudo e nos períodos de lazer como a refeição. Foram obtidos 39 desenhos (7,4% dos inquiridos com idades entre os 3 e os 13 anos de idade) do que seria, para os inquiridos, um tigre no seu habitat. Nenhum desenho ou característica foi recusado, sendo que as crianças tiveram liberdade total para o desenhar da forma que pretendiam e acrescentar quaisquer elementos que para elas fossem relevantes de acordo com o que desafio que lhes tinha sido proposto.

Após analisar todos os desenhos, os mesmos indicam ainda existir muito por aprender acerca deste animal, tendo o mesmo sido desenhado em 10,3% dos desenhos como um leão (com juba- Anexo 5A) e em 5,1% como um leopardo (com pintas – anexo 5B).

Em 46,2% dos desenhos foram colocadas árvores altas para descrever o ambiente envolvente, em 15,4% pedras, em 10,3% o sol, e em 7,8% estruturas altas. No que diz respeito ao habitat do tigre, apenas 2 inquiridos indicaram de forma gráfica o que seria o ambiente mais natural: um deles por meio da palavra “selva”; e o outro com desenho e explicação gráfica, denotando os elementos “relva e pedras”, “rocha” e “lianas” (Anexo 5C). Percebe-se que algumas crianças associam o conceito de habitat ao de habitação ou casa, uma vez que 17,9% desenhou uma casa, como frequentemente é desenhada pelas crianças: quadrada com um telhado, duas janelas e uma porta (anexo 5B). Em 5,1% dos desenhos foi apresentada a existência de água como lagos, mostrando o tigre ao seu lado, destacando por ventura o seu gosto pela água.

No que diz respeito ao aspeto do tigre, 46,2% dos indivíduos desenhou-o com riscas (anexo 5D), 76,9% com uma cauda comprida (anexo 5E), 15,4% com uma aparência e tamanho semelhante ao de um gato (anexo 5F) e 12,9% com dentes afiados (anexo 5G). Relativamente à sua representação, 97,6% dos indivíduos desenhou somente um exemplar da espécie, sozinho. Os restantes 2,4%, desenharam o tigre acompanhado de mais dois exemplares da espécie, um do mesmo tamanho e outro mais pequeno, o que leva a crer que será uma cria e os seus progenitores (anexo 5H).

Em suma, a grande maioria dos inquiridos que respondeu a esta questão conseguiu ilustrar corretamente o aspeto do tigre, ainda que o seu habitat tivesse algumas falhas relativamente aos aspetos apresentados durante a visita, uma vez que em mais de 80% dos casos foi ilustrado apenas um elemento do habitat, como o sol, a árvore ou as rochas. Poderá especular-se a partir desta questão, que as crianças que responderam a esta questão assumam que a instalação onde se encontram os tigres no Zoo de Lisboa, é de facto uma réplica do seu habitat natural, o que não se verifica na íntegra.

5.4. Análise e discussão dos resultados agrupados

5.4.1 Caracterização da amostra global

Ambos os questionários tinham questões comuns, tais como a análise sociodemográfica e se se tratava ou não da primeira visita. Desta forma, torna-se possível fazer uma análise ao conjunto dos inquiridos no que se refere a estes pontos.

No que diz respeito ao sexo dos indivíduos, e do total de 729 inquiridos, 323 (44%) eram do sexo masculino e 406 (56%) do sexo feminino (figura 21), revelando que o grupo dos inquiridos é maioritariamente constituído por indivíduos do sexo feminino.

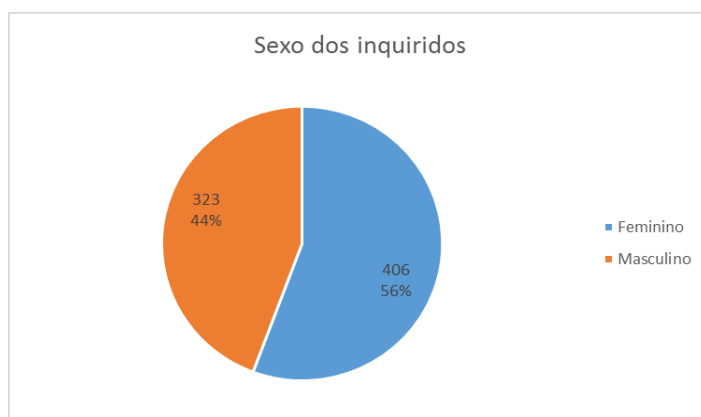


Figura 21 Sexo dos inquiridos

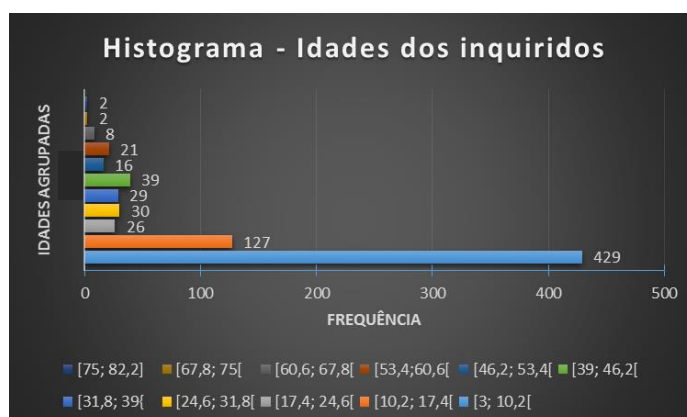


Figura 22 Histograma da idade dos inquiridos

A distribuição das idades foi agrupada em classes (figura 22), como forma de entender qual dos grupos etários tinha maior representatividade. Foi seguida a fórmula $K=1+3,3 \times \log(X)$, sendo que K é o número de classes e X é o número de dados. O resultado de K é igual a 11. Foi posteriormente calculada a amplitude total pela seguinte fórmula $At=Max-Min$, sendo que At é a amplitude, Max, o valor mais alto (máximo), e Min, o valor mais baixo (Mínimo). O resultado é de $At=79$. Foi ainda calculada a amplitude de classes (h) pela fórmula $h=At/K$, que resultou no valor 7,2.

Verifica-se que uma esmagadora maioria dos inquiridos (429 dos 729 inquiridos – 58,9%) tem entre 3 e 10 anos de idade. Este dado revela ainda que uma grande parcela dos inquiridos, são crianças que visitam o Zoo em contexto escolar ou de A.T.L. acompanhados por professores e auxiliares. Esta conclusão é reforçada através da observação direta, uma vez que aquando do preenchimento dos questionários, dirigimo-nos a diversos grupos escolares que se encontravam em pausa de refeição no parque de merendas, sendo que foram abordados numa primeira fase os professores ou auxiliares responsáveis, tendo sido nesse momento que se concluiu que se encontravam em contexto escolar.

De acordo com os dados gerais de todos os indivíduos inquiridos, a idade média dos visitantes é 16 anos de idade, indicando que o Zoo é visitado maioritariamente por crianças e jovens. O indivíduo mais novo inquirido tinha 3 anos e o mais velho 82 anos de idade.

No que diz respeito às nacionalidades, a tabela 22 ilustra as nacionalidades do total dos inquiridos.

Tabela 22 Nacionalidades dos 729 indivíduos inquiridos

Nacionalidade	Nº de inquiridos
Alemã	9
Americana	4
Angolana	7
Australiana	6
Belga	11
Cabo Verdiana	10
Espanhola	67
Francesa	13
Holandesa	6
Luxemburguesa	1
Moçambicana	2
Portuguesa	582
Suíça	11
Total	729

Verifica-se que 79,8% dos visitantes inquiridos são de nacionalidade portuguesa, e os restantes 20,2% de nacionalidade estrangeira, destacando-se a seguinte nacionalidade dos visitantes com maior presença, espanhola, com 67 indivíduos (9,1%). Portugal é um destino muito visitado por turistas dos países vizinhos como Espanha e França, pela sua proximidade geográfica, pela diferenciação e abundância de serviços e produtos em Portugal e por questões de imigração. Dos 20,2% (147 indivíduos) de visitantes de nacionalidade estrangeira, 54,4% (80 indivíduos) são de nacionalidade francesa e espanhola.

No que diz respeito à distribuição total por regiões 683 indivíduos, residem em 105 regiões ou “países” diferentes, e 46 inquiridos não responderam a esta questão (tabela 23).

Tabela 23 Regiões e “países” de residência do total de indivíduos inquiridos

Regiões de residência em Portugal	Número de visitantes	Regiões de residência em Portugal	Número de visitantes	Regiões e “países” de residência no estrangeiro	Número de visitantes
Arruda dos vinhos	3	Azambuja	1	Andorra	3
Albufeira	5	Alcochete	5	Alemanha	2
Alenquer	2	Algarve	3	Alicante	5
Almada	12	Almodôvar	45	Andaluzia	3
Amarante	1	Laranjeiro	4	Burgos	8
Amadora	39	Arouca	2	Barcelona	5
Cascais	18	Aveiro	2	Austrália	1
Coimbra	2	Beja	1	Belga	1
Benfica	2	Berlim	3	Boavista	1
Bombarral	5	Braga	10	Bruxelas	5
		Cacém	1	Cádiz	20
Carnaxide	1	Carnide	1	Granada	2
Caxias	1	Charneca da Caparica	6	Interlaken	11
Corroios	2	Coruche	2	Luanda	5
Covilhã	1	Espinho	3	Moçambique	1
Évora	5	Gaia	2	Sevilha	2
Cova da Piedade	1	Idanha-a-Nova	1	Leon	11
Estoril	1	Lagos	3	Amsterdão	5
Leiria	23			USA	4
Lisboa	101	Loures	7	Sal	5
Linda-a-Velha	2	Lumiar	1	Madrid	16
Mafra	3	Maia	2	-	-
Massamá	1	Mértola	1	-	-
Miratejo	5	Lousã	1	-	-
Mourão	3	Odivelas	12	-	-
Olivais	10	Ourém	22	-	-
Parede	1	Penafiel	1	-	-
Porto	3	Póvoa de Santa Iria	2	-	-

Marão	3	Santa Marta do Pinhal	1	-	-
Santo André	2	São João da Pesqueira	1	-	-
Sesimbra	1	Setúbal	25	-	-
Silves	4	Sines	20	-	-
Tavira	1	Torres Vedras	3	-	-
Vila Nova de Gaia	4	Vila Real de Santo António	2	-	-
Valongo	2	Vila Franca de Xira	1	-	-
Milharado	1	Santarém	2	-	-
Montijo	12	Seixal	25	-	-
Sintra	18	Vale Milhaços	1	-	-
Vila Real	1	Oeiras	14	-	-
Golegã	2	Palmela	1	-	-
Ílhavo	2	Peniche	37	-	-
Não responde	46	-	-	-	-

Existe uma grande percentagem de indivíduos que residem em regiões muito próximas da área do Zoo (até 50 km) tal como se pode verificar na tabela 16, onde é apresentada a distribuição dos inquiridos pela distância, em km, entre o Zoo de Lisboa e a região de residência.

Tabela 24 Agrupamento dos visitantes de acordo com a distância entre o Zoo de Lisboa e a região de residência

Distância entre o concelho de residência e o Zoo de Lisboa	Número de visitantes	Percentagem (%)
Até 50 km	345	47,3%
Entre 51 km e 100 km	7	0,96%
Entre 101 km e 150 km	51	6,10
Entre 151 km e 200 km	56	7,8%
Entre 201 km e 250 km	78	10,7%
Entre 251km e 300 km	13	1,8%
Entre 301 e 350 km	17	2,3%
Entre 351km e 400 km	12	1,6%
Mais de 400 km	124	17%
Não responderam	26	3,6%
Total	729	100

Como já referido anteriormente, com esta informação não nos é possível determinar o número de indivíduos excursionistas e de turistas, no entanto, tomando como base a ideia apresentada

por Frost (2011), que realizou um estudo no Zoo de Chester, em Inglaterra, e que tomou como ponto de referência a distância de 80 km ou mais do Zoo para os classificar como excursionistas ou turistas, podemos estimar que, entre 50 a 52,7%⁴ dos indivíduos inquiridos, são turistas, levando, provavelmente, a que consumam bens ou outros serviços na região do Zoo.

No que diz respeito à primeira visita ao Zoo de Lisboa, 222 (30,5%) dos indivíduos referiram que a visita em questão, foi a primeira, e 507 (69,6%) que já o tinha visitado mais do que uma vez.

Relativamente às principais motivações da visita, e cruzando os dados obtidos com o estudo realizado por (Catibog-Sinha, 2008; Shani & Pizam, 2011a), conclui-se que as motivações são semelhantes às obtidas neste estudo, uma vez que 68% dos indivíduos afirmaram que o principal motivo que os levava a visitar o Zoo de Lisboa seria o gosto pelo contacto com animais. À semelhança do que foi apresentado pelos autores anteriormente referenciados, estes concluíram igualmente que a maioria dos visitantes de Jardim Zoológicos e parques de vida selvagem, prioriza o contacto e encontro direto com animais selvagens num ambiente controlado.

Procurou-se ainda analisar a relação entre o número de visitas anteriores ao Jardim Zoológico de Lisboa e uma predisposição para alteração de comportamentos, comparando ainda estes dados, com os dos indivíduos que só visitam o espaço uma vez. Esta questão foi analisada individualmente, cruzando os dados de duas questões específicas: o número de visitas anteriores dos inquiridos e; a predisposição para a alteração de comportamentos.

A análise foi realizada percorrendo a base de dados e encontrando os indivíduos que já visitaram o zoo mais do que duas vezes, assinalados os indivíduos, foram assinalados os indivíduos que correspondiam à condição anterior e que selecionaram a opção 3 (motivado) e 4 (muito mais motivado) para obter a verificação ou anulação desta hipótese.

Como forma de fornecer todos os dados para verificar ou refutar esta hipótese, apresentamos ainda a análise dos valores obtidos pelos inquiridos que referiram que seria a sua primeira visita, tendo por base os mesmos critérios dos resultados apresentados acima. Serão então cruzados dois fatores, a primeira visita e a resposta com valor 3 ou 4. Obtiveram-se então os seguintes resultados: 42 (51,8%) indivíduos responderam com 3 (motivado) e 13 (16%) com 4 (muito mais motivado)

No que diz respeito a análise dos dados como foram de verificar a hipótese “os visitantes do Zoo de Lisboa se mostram mais sensíveis a problemáticas ambientais depois de visitarem este espaço.” Dos 200 indivíduos que responderam a esta questão, considerando que a partir do número 3 (numa escala de 1 a 4) , já poderá ser considerada uma resposta positiva, 79% afirmaram

⁴ A variabilidade da percentagem apresentada, deve-se ao facto da segunda classe de distância estar compreendida entre 50 e 100 km de distância, e pretender-se apresentar os dados de 80 km de distância ou mais.

que após a visita, sentiram alguma influência para que sejam alterados comportamentos do dia-a-dia. Analisando com maior pormenor, concluímos com a figura 23 de que por maioria absoluta, 58% dos inquiridos avalia em grau 3 a sua predisposição, sendo que o valor 3 foi apresentado com a etiqueta “motivado”, e ainda 20% com a resposta “muito mais motivado”.

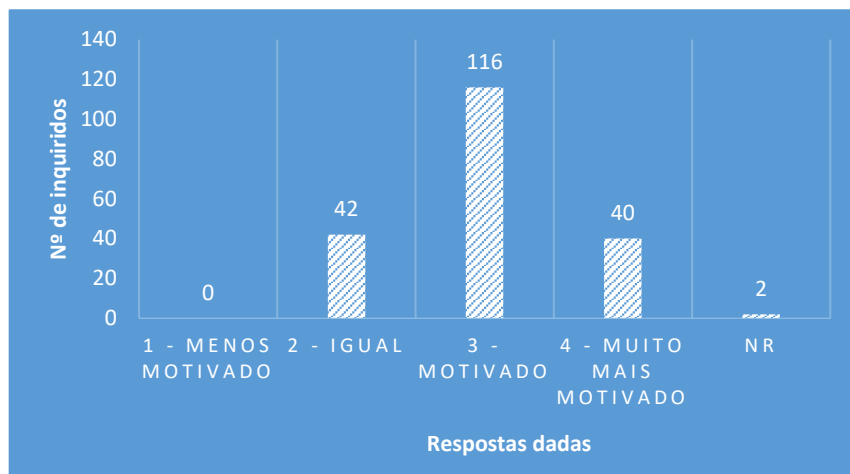


Figura 23 Predisposição dos inquiridos para alteração de comportamentos pós visita

Capítulo 6 – Conclusões e perspectivas futuras

6.1. Verificação de hipóteses propostas

Tal como enunciado no primeiro capítulo, esta dissertação foi elaborada tendo por base um conjunto de hipóteses, que procuraremos validar ao longo deste último capítulo.

A primeira hipótese colocada foi de que “pelo menos depois de uma visita, os visitantes conhecem e sabem identificar os três pilares do Jardim Zoológico de Lisboa”. Esta questão é respondida com a análise dos dados correspondentes a uma das questões do questionário direcionado a indivíduos com mais de 13 anos (adultos). De acordo com os dados obtidos verificou-se que esta hipótese não foi validada, uma vez que os três pilares assumidos pelo Zoo de Lisboa são educação, investigação e conservação, e esta combinação apenas foi apresentada por 19 (9,5%) dos inquiridos. De acordo com o entendimento dos mesmos, 75 (37.5%) dos inquiridos referiu que os três pilares são entretenimento, educação, e intervenção. Estes dados vêm confirmar o estudo desenvolvido por Reade e Waran em 1996, em que afirmam que o entretenimento não surge muitas vezes como um pilar assumido pelos ZOOS, no entanto, este demonstra ser um pilar com um peso muito importante, uma vez que é uma das principais motivações para a visita a ZOOS, tal como referido por 74% dos inquiridos.

Mas o entretenimento também chega mesmo a ser apresentado por autores como Wagoner e Jensen (2010) e Kellert e Dunlap (1989), como algo “incorreto” em ZOOS. Estes autores apresenta-se com uma postura anti ZOOS. Não obstante Carr (2009) contrapõe esta ideia e afirma que o elevado crescimento de turismo em zoológicos, tem mesmo contribuído positivamente para a investigação na área animal.

A segunda hipótese apresentada foi de que “os visitantes que já visitaram o Jardim Zoológico mais do que uma vez têm uma maior predisposição para a alteração de comportamentos tendo por objetivo a conservação da fauna e da flora, do que os que visitaram o espaço apenas uma vez”.

Esta hipótese foi possível de confirmar com base nos resultados obtidos à análise a uma das questões do questionário a adultos, e foi possível concluir que dos 119 indivíduos (59,5%) que já tinham no momento da aplicação do questionário visitado o Zoo mais do que duas vezes, 94 (79%) assinalaram ou opção 3 (motivado) ou 4 (muito mais motivado). Clarificando as percentagens, 74,5% assinalou que se sentia motivado para alterar comportamentos e 35,1% que se sentia muito mais motivado.

A terceira e última hipótese apresentada foi de que “os visitantes do Zoo de Lisboa se mostram mais sensíveis a problemáticas ambientais depois de visitarem este espaço.” Esta hipótese verifica-se positivamente, e a resposta à mesma encontra-se no capítulo 5, no ponto 5.4.1., em

que são apresentados todos os dados obtidos através da análise dos mesmos e um gráfico ilustrativo.

Conclui-se com a análise a esta questão, que após a visita ao Zoo, os visitantes seguem uma forte tendência para ficarem mais sensíveis às questões relacionadas com as problemáticas ambientais. Não obstante, tal como já havia sido referido, esta questão não pode ser analisada isoladamente, uma vez que seria necessário comparar os dados obtidos com esta questão com os dados referentes ao número de visitas anteriores, seguindo a linha condutora de que um visitante que já tenha visitado o Zoo mais do que duas vezes, poderá não avaliar com o número 4 (muito mais motivado) a sua predisposição, sendo que o período de maior influência decorreu nas visitas anteriores, em suma pretende-se dizer que a revisitação poderá dar-se por uma questão de gosto por visitar o espaço, e que já estejam enraizados os valores da conservação, sendo que com a repetição de visitas, não seja possível essa influencia aumentar, uma vez que já se deu.

Esta questão pode levar a outras questões de explicitação, tendo por base indivíduos que já visitaram o Zoo mais do que uma vez.

6.2. Análise dos objetivos anteriormente propostos

Foi apresentado no início desta dissertação um conjunto de objetivos específicos, que pretendiam ser cumpridos ao longo deste estudo.

No que diz respeito ao perfil do visitante do Jardim Zoológico de Lisboa, de acordo com as suas características sociodemográficas, este foi cumprido, uma vez que foi possível recolher dados de todos os inquiridos e feita a respetiva análise. A tabela 25 agrupa todos os dados obtidos ao longo do estudo.

Tabela 25 Caracterização do visitante do zoo tendo em conta fatores com maior predominância na análise dos dados

Fator	Predominância (visitado maioritariamente por...)
Idade	Crianças entre os 3 e os 10 anos de idade
Sexo	Indivíduos do sexo feminino
Nacionalidade	Portuguesa, seguida da Espanhola
Concelho de residência	Indivíduos que residem a menos de 50 km de distância do Zoo de Lisboa
Número de visitas	Mais de duas
Motivação	Gosto por contato com animais

O segundo objetivo pretendia identificar as principais motivações para a visita do Zoo de Lisboa. De acordo com a análise dos dados apresentados no capítulo 5, e na tabela 25, conclui-se que

a principal motivação para visita, é o gosto do contacto com animais (68%), seguindo-se, o gosto pelo contacto pela natureza (27%) e por influência de outros (15.5%).

No que diz respeito ao último objetivo delineado, que pressuponha averiguação do cumprimento dos objetivos e função, que o ZOO de Lisboa se propõe a realizar, este também se verifica positivamente.

De acordo com os dados obtidos, a grande maioria dos indivíduos identifica a educação como um dos principais pilares dos Zoo, tendo sido referida 163 vezes em 200 respostas, o que se conclui como sendo correto, uma vez que este é um três pilares identificados pelo Zoo de Lisboa. Para responder a esta questão é importante ainda apresentar os dados referentes à motivação para alteração de comportamentos. 78% dos indivíduos, respondeu que após a visita se sentia entre “motivado” e “muito mais motivado”, o que leva a concluir que a visita contribuiu positivamente para a sensibilização da necessária proteção e preservação do nosso planeta e das diferentes espécies que o habitam.

No que diz respeito às premissas enunciadas no primeiro capítulo desta dissertação, a premissa “ O Jardim Zoológico de Lisboa é maioritariamente visitado por excursionistas” não foi possível de verificar, uma vez que pela localização entre o Zoo de Lisboa e a sua área de residência, não se torna possível, por ausência de dados, concluir se estes se tratam ou não de excursionistas ou turistas.

A segunda premissa “ O visitantes que recorrem ao serviço de visita guiada nos ZOOS referem com maior frequência conhecimentos pertinentes transmitidos e uma motivação superior para a alteração de comportamentos”, encontra-se validada em partes, uma vez que é notório que existe um comentário mais aprimorado no que diz respeito aos indivíduos que solicitaram visita guiada, uma vez que o assunto que despertou mais interesse durante a visita, acaba por ser aquele é usado como exemplo de novo conhecimento adquirido. No entanto, quanto às motivações para alteração de comportamentos, não existe uma tendência significativa que de comprove ou refute este segmento da premissa.

A última premissa referia-se “as principais motivações inerentes à visita de Jardim Zoológicos por parte de turistas, resumem-se ao entretenimento e à sociabilidade”, o que se torna a verificar, uma vez que apesar do gosto do contacto com animais, os visitantes vêm também neste local um espaço de entretenimento e recreação, para um dia bem passado em família ou amigos.

6.3.Limitações do estudo e futuras investigações

O estudo apresentado deparou-se com algumas limitações ao longo da sua elaboração. A primeira limitação, e provavelmente a mais difícil, foi a obtenção de dados estatísticos relativamente ao número real de indivíduos que têm visitado o Zoo de Lisboa nos últimos anos.

Apercebemo-nos também da inexistência de obras de referência acerca da história deste equipamento da cidade de Lisboa, assim como de algumas informações que se encontram apenas presentes nos sites institucionais, não sendo referido o autor e a data de publicação.

Também a falta de artigos que fizessem uma ligação entre a educação ambiental, o turismo e os jardins zoológicos, condicionou a elaboração da revisão bibliográfica e a criação de uma base científica, que servisse de linha condutora para a elaboração desta dissertação.

Outra limitação advém das intenções dos visitantes. Apesar dos dados obtidos, através das suas motivações para a alteração de comportamentos, não nos será possível saber se, de facto, essas motivações incorrerão em alterações efetivas na vida de cada um. Esta poderia ser uma possibilidade de estudo num trabalho futuro.

No que diz respeito a futuras investigações, seria ainda extremamente interessante repetir este estudo, mas numa perspetiva pré e pós visita, analisando as motivações e expectativas iniciais, versus as mesmas após a visita, estudando ainda a influência positiva ou negativa para a alteração de comportamentos.

No que se refere especificamente ao Jardim Zoológico, outro ponto também relevante seria analisar de que forma é que este é visto por parte dos seus visitantes, o que sabem sobre ele, o que significa e o porquê da sua criação inicial, versus a atual.

6.3. Considerações finais

Esperamos que este estudo seja apenas o início de muitos outros estudos realizados no âmbito do turismo e com ligação aos ZOOS, e que permitam fornecer cada vez mais dados que poderão ser muito úteis para o Zoo como unidade turística e educacional, e que sejam igualmente benéficas para os seus visitantes, permitindo a melhoria de alguns pontos da sua organização e distribuição, tendo sempre por base os seus três pilares efetivos e o entretenimento.

Os Jardim Zoológicos espalhados pelo mundo, têm cada vez mais adeptos no que diz respeito à sua visita, uma vez que estes têm mudado positivamente nos últimos 20 a 25 anos, de “*ménagerie*” para centros de conservação animal, representando verdadeiros museus a céu

aberto, e por vezes a única forma de contacto visual com espécies animais de diferentes biomas, o que resulta numa sensibilização dos visitantes para a sua conservação. Ainda que este seja muitas vezes motivado pelas espécies bandeira, consideradas as mais emblemáticas de cada jardim Zoológico, permitindo que a atenção despendida nas mesmas, apoie também outras espécies “mais pequenas”, mas igualmente importantes. O turismo de vida selvagem assume-se assim como um importantíssimo método de sensibilização e educação para as gerações futuras.

Os Jardim Zoológicos espalhados pelo mundo, em especial o Zoo alvo deste estudo de caso, tem vindo a evoluir de acordo com os princípios ambientais, tendo como ambição procurar técnicas eficazes para a preservação da fauna e da flora mundial, através de trabalhos realizados na área da educação ambiental. Para além do trabalho realizado com visitantes, que escolhem visitar esta unidade de conservação tendo por base o entretenimento, estas acolhem grupos escolares que procuram implementar conhecimentos de uma forma lúdica e pedagógica, num ambiente de diversão e recreação, com o intuito de consolidar conhecimentos obtidos através da educação formal

Os Jardim Zoológicos quando regulamentados e respeitando as normas determinadas pela EAZA e WAZA, tornam-se importantíssimas unidades de conservação e preservação ambiental, e por vezes a única forma de salvar algumas espécies ameaçadas. Aliados ao turismo, permitem que aos poucos as mentalidades dos indivíduos se vão alterando no ponto de vista cada vez menos antropológico, e cada vez mais aberto, pensando que para além de nós, existem outros seres e outros indivíduos a coabitar no mesmo planeta com iguais direitos e deveres.

Bibliografia

- African Wildlife Foundation. (sem data). Conservation Tourism. Obtido de <http://www.awf.org/economic/conservation-tourism>
- African Wildlife Foundation. (2010). *Manyara Ranch Primary School Tanzania*. Tanzania. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=3IFUDybfM30>
- Almeida, A. (2007). As atividades de outdoor. Em *Educação Ambiental - A importância da dimensão ética* (pp. 173–178). Lisboa: Livros Horizonte.
- Art, A. (2015). Viewpoint: Uncomfortable realities of big game hunting. *BBC news - Science & Environment*, p. online. Gloucestershir. Obtido de <http://www.bbc.com/news/science-environment-34116488>
- ATM. (sem data-a). Associação para a Protecção, Pesquisa e Conservação das Tartarugas Marinhas nos Países Lusófonos. Obtido 18 de Outubro de 2016, de <http://tartarugasmarinhas.pt/content/atm>
- ATM. (sem data-b). ATM - Objectivos. Obtido 18 de Outubro de 2016, de <http://tartarugasmarinhas.pt/content/objectivos>
- Barreto, K., Guimarães, C., & Oliveira, I. (2009). O zoológico como recurso didático para a prática de Educação Ambiental. *Revista FACED, Salvador, n.15*, 79–91. Obtido de <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/3026/3520>
- Bertrand, A. Y., & Pitiot, M. (2015). *Terra* (p. Filme Documentário).
- Bilro, M. H. T. (2015). *As atividades educativas de exploração na natureza no desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos jovens e na promoção do turismo na natureza responsável*. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- C. Schaul, J. (2014). Conserving Wildlife Through Responsible Tourism: An Interview With Dr. Michael Hutchins. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://voices.nationalgeographic.com/2014/07/01/conserving-wildlife-through-responsible-tourism-an-interview-with-dr-michael-hutchins/>
- Carr, N. (2009). Animals in the tourism and leisure experience. Current issues in tourism. *Current Issues in Tourism*, 12(12:5-6), 409–411. <http://doi.org/10.1080/13683500903132575>
- Carrilho, T. (2016). Workshop 2011-2020 Biodiversidade -Educar para conservar. Lisboa.
- Castelo-Branco, M., & Fernandes, A. (2015). *Fontes de dados*. Estoril.
- Catibog-Sinha, C. (2008). Zoo Tourism: Biodiversity Conservation Through Tourism. *Journal of Ecotourism*, 7(2&3), 160–178. <http://doi.org/10.2167/joe0229.0>
- Catibog-Sinha, C. (2011). Zoo Tourism and the Conservation of Threatened Species: A Collaborative Programme in the Philippines. Em W. Frost (Ed.), *Zoo and Tourism - Conservation, education, entertainment?* (pp. 13–32). Channel View Publications.
- Clayton, S., Fraser, J., & Saunders, C. D. (2009). Zoo experiences: Conversations, connections, and concern for animals. *Zoo Biology* 28:377-397, 28(5), 377–397. <http://doi.org/10.1002/zoo.20186>
- Cohn, J. (2006). Do Elephants Belong in Zoos? *BioScience Oxford*, 56(9), online. [http://doi.org/https://doi.org/10.1641/0006-3568\(2006\)56\[714:DEBIZ\]2.0.CO;2](http://doi.org/https://doi.org/10.1641/0006-3568(2006)56[714:DEBIZ]2.0.CO;2)

- Costa, G. (2004). Educação ambiental - experiências em zoológicos brasileiros. *Revista eletrônica Mestr.Educ. Ambient.*, 13.
- Dawson, E., & Jensen, E. (2011). Towards A Contextual Turn in Visitor Studies: Evaluating Visitor Segmentation and Identity-Related Motivations. *Visitor Studies*, 14(2), 127–140. <http://doi.org/10.1080/10645578.2011.608001>
- DSWT. (sem data-a). About us and mission. Obtido 18 de Outubro de 2016, de https://www.sheldrickwildlifetrust.org/about_us.asp
- DSWT. (sem data-b). Orphans Project. Obtido 16 de Outubro de 2016, de <https://www.sheldrickwildlifetrust.org/asp/orphans.asp>
- EAZA. (sem data). EAZA Campaigns. Obtido 20 de Novembro de 2015, de <http://www.eaza.net/conservation/campaigns/>
- Fernandes, M. (2015). *EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL Contributo de quatro instituições da região de Bragança*. Escola Superior de Bragança. Obtido de [https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/12040/1/Marina Gonçalves Fernandes.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/12040/1/Marina%20Goncalves%20Fernandes.pdf)
- Frost, W. (2011). Zoos and tourism - conservation, education, entertainment? Em C. Cooper, C. M. Hall, & D. J. Timothy (Eds.), *Zoos and Tourism- Conservation, Education, Entertainment?* (Warwick Fr, pp. 1–8). Channel view publications.
- Ganzert, R. (2016). Zoos Are Not Prisons. They Improve the Lives of Animals. *Time*, online. Obtido de <http://time.com/4364671/zoos-improve-lives-of-animals/?xid=fbshare>
- Governors Camp. (sem data). Sabyinyo Silverback Lodge in Rwanda. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://www.governorscamp.com/property-descriptions/silverback-lodge-parc-national-des-volcans-rwanda>
- Grupo Lobo. (sem data). O LOBO-IBÉRICO NO PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS Descubra a Terra, os Mitos e a Vida do Lobo-ibérico. Obtido 18 de Outubro de 2016, de http://lobo.fc.ul.pt/docs/Lobo-iberico_PNPG_6_dias_PT.pdf
- Grupo Lobo. (2016). Programa "Um dia com um pastor. Obtido 18 de Outubro de 2016, de <http://lobo.fc.ul.pt/docs/DiadoPastorA3fin.jpg>
- Hancock, D. (2010). The history of principles of zoo exhibition. Em D. Kleiman, K. Thompson, & C. Baer (Eds.), *Wild Mammals in captivity - principles and techiques for zoo manegement* (2nd editio, pp. 121–137). Chicago: The University of Chicago Press.
- Hanson, E. (2002). *Animal attractions - Nature on Display in American Zoos*. (Princeton university press, Ed.). Princeton and Oxford.
- ICMBIO. (sem data). PNEA - Política Nacional de Educação Ambiental. Obtido 8 de Agosto de 2016, de <http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/pnea.html>
- INE. (2016). *Visitantes (N.º) de jardins zoológicos, botânicos e aquários por Tipologia; Anual - INE, Inquérito aos jardins zoológicos, botânicos e aquários*. Portugal. Obtido de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007728&contexto=bd&selTab=tab2&xlang=pt
- Jamieson, D. (2008). Against zoos. *Revista brasileira de direito animal. Volume 3, nº4*, pp. 39–

- Kaufman, S. Sabrina Corgatelli mata girafa e expõem fotografia nas redes sociais (2015). Obtido de http://www.salon.com/2015/08/03/big_game_hunter_sabrina_corgatelli_defends_killing_giraffe_they_are_very_dangerous_animals_that_could_hurt_you_very_seriously/
- Kreger, M., & Hutchins, M. (2010). Ethic of keeping mammals in zoos and aquariums. Em D. Kleimen, K. Thomson, & C. Baer (Eds.), *Wild Mammals in captivity - principles and techiques for zoo manegement* (2nd editio). Chicago: University of Chicago Press. Obtido de <https://books.google.pt/books?id=a1vev5hf7o8C&lpg=PA134&dq=rules of modern zoos&hl=pt-PT&pg=PA3#v=onepage&q=rules of modern zoos&f=false>
- Machado, C. (2015). Cecil caiu na cilada do dentista-caçador. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/leao/cecil-caiu-na-cilada-do-dentista-cacador>
- Manyara Ranch Conservation. (sem data-a). Day trips. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://manyararanch.com/day-trips/>
- Manyara Ranch Conservation. (sem data-b). Game drives. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://manyararanch.com/game-drives/>
- Manyara Ranch Conservation. (sem data-c). Guided walks. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://manyararanch.com/guided-walks/>
- Manyara Ranch Conservation. (sem data-d). Introducing Mayanara Ranch. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://manyararanch.com/introduction/>
- Manyara Ranch Conservation. (sem data-e). Night Drives. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://manyararanch.com/night-drives/>
- Mason, P. (2007). Zoos as heritage tourism attactions: a neglected area of research? *International Journal of Heritage Studies*. Obtido de <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13527259908722267>
- Meiers, N. J. (2010). *Designing Effective Field Trips at Zoos and Aquariums*. Middlebury. Obtido de <http://middlab.middlebury.edu/files/2010/08/LitReviewmeiers.pdf>
- Mittermeier, R., Rylands, A. B., & Wilson, D. E. W. (2013). *Handbook of the Mammals of the World: 3*. Barcelona: Lynx Ediciones.
- Museu das Crianças. (sem data). Museu das crianças. Obtido 2 de Dezembro de 2016, de <http://direcaomuseudasci.wixsite.com/museudascrianças/blank-snxcy>
- Naylor, R. (2014). Tourist rushed to hospital after being mauled by TIGER at wildlife park where visitors «pet» big cats. *Mirror UK, Online*, online.
- Norton, B. G., Hutchins, M., Maple, T., & Stevens, E. (1995). *Ethics on the Ark: Zoos, Animal Welfare, and Wildlife Conservation*. (B. G. Norton, M. Hutchins, T. Maple, & E. Stevens, Eds.). The Smithsonian Institution.
- O Eco. (2015). O que é o ecoturismo. Obtido 7 de Fevereiro de 2017, de <http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28936-o-que-e-ecoturismo/>
- Ocean Alive. (sem data-a). CAMPANHA de SENSIBILIZAÇÃO e LIMPEZA DE PRAIA, no estuário do Sado: MARISCAR SEM LIXO. Obtido 20 de Outubro de 2016, de

- <http://www.ocean-alive.org/campanha-de-sensibilizacao>
- Ocean Alive. (sem data-b). Marine Education Program. Ocean Alive Camp – Summer School. Programa Educação Marinha. Obtido 20 de Outubro de 2016, de <http://www.ocean-alive.org/oceanalivecamps Summerschool>
- Olukole, T. O., & Gbdebo, O. S. (2008). Patterns of Visits and Impacts of Zoo Animals on Visitors. *Anatolia: An International Journal of Tourism & Hospitality Research*, 19(2), 237–249. <http://doi.org/10.1080/13032917.2008.9687071>
- Pelicioni, M. (1998). Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. *Saúde e Sociedade*, 7, 19–31.
- Pratt, L., Rivera, L., & WTO. (2011). No Tourism - investing in energy and resource efficiency. Em *Towards a green economy* (pp. 414–451). Obtido de http://sdt.unwto.org/sites/all/files/pdf/11.0_tourism.pdf
- Psihoyos, L. (2015). *Racing Extinction*. US: Discovery Channel.
- Quivy, R. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. (G. Valente, Ed.) (4ª Edição). Lisboa: Gradiva - Publicações LDA.
- Randler, C., Kummer, B., & Wilhelm, C. (2012). Adolescent Learning in the Zoo: Embedding a Non-Formal Learning Environment to Teach Formal Aspects of Vertebrate Biology. *Journal of Science Education and Technology*, 21(3), 384–391. <http://doi.org/10.1007/s10956-011-9331-2>
- Reade, L. S., & Waran, N. K. (1996). The modern zoo: How do people perceive zoo animals? *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1–2), 109–118. [http://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01014-9](http://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01014-9)
- RevistaEcoturismo. (sem data). Ecoturismo. Obtido 7 de Fevereiro de 2017, de <http://revistaecoturismo.com.br/turismo-sustentabilidade/turismo/ecoturismo/>
- Right Tourism. (sem data-a). Wildlife Tourism – Making Ecotourism Work for Wildlife. Obtido de 14/10/2016
- Right Tourism. (sem data-b). Wildlife Tourism – Making Ecotourism Work for Wildlife. Obtido 31 de Outubro de 2016, de <http://right-tourism.com/issues/misleading-marketing/faux-sanctuaries/>
- Ruic, G. (2015). A terrível história da morte do leão Cecil. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/a-terrivel-historia-do-leao-cecil-morto>
- Salomão, N., Goulart, M., & Barata, I. (2010, Maio). Percepção Ambiental de visitantes, funcionários e moradores do entorno do Parque Estadual do Rio Preto, Minas Gerais. 2014, 1–46.
- Schmidt, L., Nave, J., & Guerra, J. (2010). Quem promove a educação ambiental: os projetos das organizações não escolares. Em Instituto de Ciências Sociais (Ed.), *Educação ambiental - Balanço e perspectivas para uma agenda mais sustentável* (pp. 67–120). Lisboa: ICS.
- Sena, I. (2003). *Desenvolvimento sustentável e ecoturismo: uma integração conceitual*. Universidade Federal da Bahia.
- Shani, A., & Pizam, A. (sem data). A typology of animal displays in captive settings. Em W. Frost

- (Ed.), *Zoo and Tourism - Conservation, education, entertainment?* (pp. 33–46). Channel View Publications.
- Shani, A., & Pizam, A. (2011a). A Typology of Animal Displays in Captive Settings. Em W. Frost (Ed.), *Zoos and Tourism: Conservation, Education, Entertainment?* (pp. 33–46). Channel View Publications.
- Shani, A., & Pizam, A. (2011b). A typology of animals display in captive settings. Em W. Frost (Ed.), *Zoos and Tourism- Conservation, Education, Entertainment?* (pp. 33–46). Channel View Publications.
- Smith, L., Broad, S., & Weiler, B. (2008). A Closer Examination of the Impact of Zoo Visits on Visitor Behaviour. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(5), 544–562. <http://doi.org/10.2167/jost817.0>
- The David Sheldrick Wildlife Trust. (2015). *Adopt me*. Kenya. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=jLL-0fSgCV4>
- Tiergarten Schonbrunn. (sem data). The world oldest ZOO. Obtido 10 de Maio de 2016, de <https://www.zoovienna.at/en/zoo-and-visitors/welcome-worlds-oldest-zoo>
- Topfer, K. (2016). *Foreword by Dr Klaus Töpfer, UNEP*. Obtido de http://www.cms.int/sites/default/files/document/ScC14_Inf_08_Wildlife_Watching_E_0.pdf
- Tripadvisor. (2016a). Tiger Kingdom reviews - tripadvisor.
- Tripadvisor. (2016b). TripAdvisor announces commitment to improve wildlife welfare standards in tourism with industry-leading education effort and booking policy changes. Obtido 14 de Outubro de 2016, de <http://ir.tripadvisor.com/releasedetail.cfm?ReleaseID=993139&linkId=29841082>
- Turtle Foundation. (sem data). Projeto Indonésia - Exploração massiva de ovos põe em risco a maior população de nidificação de tartarugas verdes marinhas na Indonésia. Obtido 18 de Outubro de 2016, de <http://www.turtle-foundation.org/pt-pt/projeto-indonesia/>
- Turtle Foundation. (2015). Turtle Foundation - sobre nós. Obtido 18 de Outubro de 2016, de <http://www.turtle-foundation.org/pt-pt/organizacao/objetivos/>
- Valente, Maria Rita (2008). *A interpretação e animação ambiental como estratégias dos zoos*. Univeridade de Aveiro.
- Wagoner, B., & Jensen, E. (2010). *A Aprendizagem da Ciência no Jardim Zoológico: Uma Avaliação do Desenvolvimento Infantil da Compreensão dos animais e dos seus habitats*.
- WAZA. (sem data). *WAZA's Vision Voice of the Global Zoo and Aquarium Community*.
- Wijeratne, A. J. C., Van Dijk, P. a., Kirk-Brown, A., & Frost, L. (2013). Rules of engagement: The role of emotional display rules in delivering conservation interpretation in a zoo-based tourism context. *Tourism Management*, 42, 149–156. <http://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.11.012>
- WWF. (sem data). How many species are we losing? Obtido 20 de Outubro de 2015, de http://wwf.panda.org/about_our_earth/biodiversity/biodiversity/
- Zoo de Lisboa. (sem data-a). Festa de aniversário no Zoo de Lisboa. Obtido 2 de Dezembro de 2016, de <http://www.zoo.pt/site/actividades.php?contentid=53>

Zoo de Lisboa. (sem data-b). Parque diversões Animax. Obtido 2 de Dezembro de 2016, de <http://www.zoo.pt/site/visita.php?contentid=12>

Zoo de Lisboa. (sem data-c). Sábados Selvagens. Obtido 2 de Dezembro de 2016, de <http://www.zoo.pt/site/actividades.php?contentid=55>

Zoo Lisboa. (sem data). História Jardim Zoológico de Lisboa. Obtido 6 de Novembro de 2015, de <http://www.zoo.pt/site/ozoo.php?contentid=27&subid=32>

ZOO Lisboa. (sem data-a). Enriquecimento ambiental. Obtido 8 de Julho de 2016, de <http://www.zoo.pt/site/conservacao.php?contentid=48>

ZOO Lisboa. (sem data-b). Reintrodução de Espécies no seu Habitat Natural. Obtido 10 de Maio de 2016, de <http://www.zoo.pt/site/conservacao.php?contentid=49>

Anexo 1 – Questionário apresentado aos visitantes a partir dos 13 anos de idade

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril **Questionário**

O seguinte questionário destina-se a ser respondido pelos visitantes do Jardim Zoológico de Lisboa e é parte integrante de uma dissertação do mestrado em Turismo, na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Este questionário pretende aferir o impacto dos jardins zoológicos nos visitantes, no caso específico do Jardim Zoológico de Lisboa.

O preenchimento é anónimo e a confidencialidade dos dados obtidos é garantida. Os dados são exclusivamente para utilização científica. Agradecemos desde já a sua colaboração que é de grande importância para o desenvolvimento da investigação nesta área.

Grupo I – Caracterização do visitante

1- **Idade** _____

2- **Género:**

☐ Feminino ☐ Masculino _____

3- **Nacionalidade** _____

4- **Concelho de residência** _____

5- **Nível de Escolaridade:**

<input type="checkbox"/> Ensino básico (até ao 4º ano)	<input type="checkbox"/> 1º ciclo (até ao 6º ano)
<input type="checkbox"/> 2º ciclo (até ao <input type="checkbox"/> 10º ano)	<input type="checkbox"/> Ensino secundário (até ao 12º ano)
<input type="checkbox"/> Licenciatura _____	<input type="checkbox"/> Mestrado
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> Doutoramento

Como tomou conhecimento da existência do Jardim Zoológico de Lisboa?

6-

☐ Família e Amigos ☐ Internet (redes sociais, tripadvisor, site, etc.)
☐ Publicidade (MUPIS, Outdoors, flyers) ☐ Agência de turismo

7- **Esta é a primeira vez que visita o Jardim Zoológico de Lisboa?**

☐ Sim (se respondeu sim salte para a pergunta nº 8)

☐ Não

7.1.- Se respondeu não, indique por favor quantas vezes já o visitou.

☐ Duas vezes ☐ Três Vezes ☐ Quatro vezes ☐ Cinco ou mais vezes

8- **Nesta visita escolheu vir:**

☐ Sozinho(a) ☐ Em família ☐ Com amigos ☐ Casal
☐ Grupo escolar

9- **Solicitou o acompanhamento de um guia para a sua visita?**

☐ Sim ☐ Não, porque desconhecia essa possibilidade

☐ Não, porque não considere necessário

Atenção: Se respondeu “não” ou “desconhecia essa possibilidade”, salte por favor para a questão 12)

Grupo II – Caracterização da visita

10- Se realizou a sua visita guiada, como a avalia, tendo em conta os seguintes fatores?

(Avalie de 1 muito mau a 5 sendo 1 e 5 excelente)

	1	2	3	4	5
Simpatia do guia					
Disponibilidade do guia					
Domínio dos temas					
Conhecimentos transmitidos					

11- Voltaria a solicitar o acompanhamento de um guia para visitar o Jardim Zoológico?

☐ Sim ☐ Não

11.1. – Aconselharia a outros?

☐ Sim ☐ Não

12- Indique o motivo pelo qual escolheu visitar o Jardim Zoológico de Lisboa.

(Assinale a(s) resposta(s) que mais se adequam)

- ☐ Aquisição de novos conhecimentos ☐ Gosto pelo contacto com a natureza
☐ Gosto pelos animais ☐ Influenciado por outros
☐ Visita de carácter escolar ☐ Outro motivo: _____

13- Quanto tempo esteve dentro do espaço zoológico?

- ☐ Uma hora ☐ Entre duas a três horas ☐ Entre quatro ou cinco horas
☐ Seis ou mais horas

14- Coloque por favor uma cruz a no quadrado correspondente às apresentações que assistiu durante a sua visita ao Jardim Zoológico de Lisboa.

	Sim	Não	Não tive conhecimento da existência	Apresentação cancelada no dia da visita
Apresentação dos golfinhos e Leões-marinhos				
Apresentação de aves em voo livre				
Alimentação dos leões marinhos				
Apresentação dos répteis				
Alimentação dos pelicanos				

Grupo III – Avaliação dos impactes da visita ao Jardim Zoológico

15- Durante a sua visita reparou nas placas referentes aos programas de conservação levados a cabo pelo Jardim Zoológico de Lisboa em contribuição com a EAZA (European Association of Zoos and Aquariums)?

☐ Sim ☐ Não

16- Na sua opinião, a quantidade e qualidade da informação presente nas placas informativas do Jardim Zoológico, é... (selecione com uma cruz a opção que melhor se adequa à sua resposta)

☐ Desnecessária ☐ Adequada ☐ Muito útil ☐ Não
☐ vi nenhuma placa

17- Refira de entre as opções disponíveis as três principais razões de existência do Jardim Zoológico de Lisboa.
(deverá indicar as três opções)

☐ Entretenimento ☐ Educação ☐ Intervenção ☐ Conservação
☐ Investigação ☐ Modificação ☐ Deseducação

18- Após esta visita ao Jardim Zoológico de Lisboa como avalia a sua predisposição para alteração de comportamentos e luta pela conservação? (selecione apenas uma das respostas)

1 Menos Motivada(o)	2 Igual	4 Motivada(o)	5 Muito mais motivada(o)

19- Transmitiria para a sua família e amigos alguns dos conteúdos aprendidos no Jardim Zoológico de Lisboa?

☐ Sim ☐ Não

17.1. Qual/quais, e porquê, por exemplo.

20- Avalie, de acordo com a sua opinião, a evolução das diferentes variáveis abaixo, em comparação às suas visitas anteriores (1 muito pior , 2 pior, 3 igual, 4 melhor

e 5 significativamente melhor, “SO” sem opinião. Se esta é a primeira vez que visita o Jardim Zoológico de Lisboa por favor deixe esta questão em branco)

	1	2	3	4	5	SO
Quantidade de espaços verdes						
Quantidade de espaços de refeição						
Qualidade dos espaços de refeição						
Variedade de espécies animais						
Variedade de plantas						
Qualidade das instalações animais						
Manutenção e limpeza dos espaços comuns						
Quantidade de placas informativas (espécies, curiosidades, campanhas de conservação etc.)						

Qualidade das placas informativas (espécies, curiosidades, campanhas de conservação etc.)						
Disposição dos trabalhadores						

Grupo IV – Satisfação e expetativas futuras

21- Avalie na generalidade o que achou do Jardim Zoológico de Lisboa.

Horrível	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom

22- Após esta visita estaria interessado em voltar ao Jardim Zoológico de Lisboa?

☐ Sim ☐ Não ☐ Talvez

23- Recomendaria o Jardim Zoológico de Lisboa a um familiar ou amigo?

☐ Sim ☐ Não

21.1. Porquê?

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo 2 - Questionário apresentado aos visitantes com menos de 13 anos de idade

O seguinte questionário destina-se a ser respondido pelos visitantes do Jardim Zoológico de Lisboa, com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos de idade, e é parte integrante de uma dissertação do mestrado em Turismo, na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Este questionário pretende aferir o impacto dos jardins zoológicos nos visitantes, no caso específico do Zoo de Lisboa.

O preenchimento é anónimo e a confidencialidade dos dados obtidos é garantida. Os dados são exclusivamente para utilização científica. Agradecemos desde já a sua colaboração que é de grande importância para o desenvolvimento da investigação nesta área.

Idade_____

Género:

☐

Feminino

☐

Masculino

Nacionalidade_____

Concelho de residência_____

1- É a primeira vez que visitas o Jardim Zoológico de Lisboa?

Sim____ Não____

2- Como te sentiste ao vir ao ZOO?

(seleciona apenas uma carinha)



3- Gostavas de voltar?

(seleciona apenas uma carinha)



4- Aprendeste coisas novas?

(Seleciona a mão verde para “sim” e a mão vermelha para “não”)



4.1. Podias dizer algumas coisas que aprendeste?



5- Agora irei precisar dos teus dotes de artista, desenha por favor um tigre no seu habitat.

Muito obrigada pela tua ajuda! Espero que te tenhas divertido e que nos ajudes nesta missão, a ajudar e a preservar os animais e plantas do nosso planeta!

Anexo 3– Transcrição, por categorias, das respostas dadas à questão 21.1 onde os visitantes maiores de 13 anos, indicam porque pensam voltar a visitar o Zoo de Lisboa e porque o pensam recomendar.

Tabela 26 Transcrição das respostas à questão 23.1. do questionário para maiores de 13 anos.

Categoria 1 . Comentários sobre o ambiente do Zoo	Categoria 2 Comentários que denotam uma vertente educacional do zoo	Categoria 3 Comentários referentes à quantidade e variedade de espécies animais	Categoria 4 Comentários circunstanciais	Categoria 5 Denota a sua importância como unidade turística
<i>“ É bonito.”</i>	<i>“Bonito, agradável, aprende-se sempre algo. Amor pelos animais.”</i>	<i>“Diferentes espécies animais.”</i>	<i>“ Por tudo aquilo que representa.”</i>	<i>“ A nice place to recreate”</i>
<i>“Porque se passa um excelente dia em família.”</i>	<i>“ Espaço de conservação animal e de educação ao nível da zoologia por excelência.”</i>		<i>“É bonito.”</i>	<i>“A nice place to visit, i like animals.”</i>
<i>“Muito Bom.”</i>	<i>“Bonito, agradável, aprende-se sempre. Amor aos animais.”</i>		<i>“May not be in Lisbon again.”</i>	<i>“Porque é um espaço único em Portugal.”</i>
<i>“ É um bom programa para se fazer em família.”</i>	<i>“ Porque é um espaço verde e muito interessante, onde podemos aprender e ver animais que não sabíamos que existiram.”</i>		<i>“ Porque na família toda a gente gosta de animais.”</i>	<i>“É um espaço interessante para quem gosta de natureza e animais selvagens.”</i>

<i>“Interessante.”</i>	<i>“Porque é um local de interação com a natureza e de aprendizagem.”</i>		<i>“Porque adorei.”</i>	<i>“Por ser um espaço agradável e centenário”</i>
<i>“ Giro.”</i>	<i>“Para conhecer melhor o mundo animal e motivar sobre a postura e comportamentos a ter para a proteção da vida selvagem. Para além disso, é um dia bem passado.”</i>			
<i>“Dia Diferente.^a”</i>	<i>“ Pela quantidade de conhecimento que se adquire e pela necessidade de proteger as espécies animais,”</i>			
<i>“Porque é giro.”</i>	<i>“Preservação das espécies animais, informação e bons espaços verdes.</i>			
<i>“Bonito, boas tardes em família.”</i>	<i>“ Por ser muito educativo e faz com que tenhamos atenção aos pormenores na conservação animal. “</i>			
<i>“Ótimo dia.”</i>	<i>“Sim, porque é excelente para a nossa cultura geral saber o mundo que nos rodeia, e fazer com que as pessoas percebam a</i>			

	<i>importância dos animais ou qualquer ser vivo na nossa vida.”</i>			
<i>“Está muito melhor.”</i>	<i>“É um ótimo espaço para passar o dia, onde se aprende sempre e onde se têm experiências muito boas; nem se dá pelo passar do tempo.”</i>			
<i>“É um espaço ótimo para visitar com ou sem crianças. Um dia muito bem passado.”</i>	<i>“Porque adoro Zoo’s e acho que são ótimas unidades de conservação e educação.”</i>			
<i>“Ótima experiência para dias em família e contacto com animais.”</i>	<i>“ Espaço interessante que permite interação com espécies de animais.”</i>			
	<i>“Porque temos contacto com muitos animais que não vemos no dia-a-dia.”</i>			
	<i>“Porque é importante para o planeta.”</i>			
	<i>“Porque se passa um dia maravilhoso, e lúdico. É um programa aliciante para se fazer com todo o tipo de companhia e todos podem usufruir e aprender.”</i>			

	<i>“Porque adoro ver os animais de perto e adoro o ambiente e os espetáculos.”</i>			
--	--	--	--	--

Anexo 4– Respostas dadas, na íntegra, pelos inquiridos com mais de 13 anos de idade à questão “Que conteúdos aprendidos no Zoo transmitiria à sua família e amigos?”

Categoria 1 - Questões relacionadas com a conservação e preservação necessária do meio ambiente e espécies animais	Categoria 2 – Curiosidades sobre animais	Categoria 3 – Comentários diversos
“Preservação da natureza. Meio ambiente. As condições climáticas do planeta.”	“That one type of antelop (Impala - I call them), the male is much bigger.”	“É importante para as crianças.”
“Curiosidades várias e estado de conservação de certos animais.”	“Os tigres são animais solitários e os babuínos serem territoriais por isso serem agressivos ao defenderem o seu território.”	“Habitat de alguns animais”
“Preservação da natureza, meio ambiente, as condições climáticas do planeta.”	“Porque aprendi que muitas vezes os animais não podem estar sempre juntos e só durante o cio; Não se deve mesmo qualquer tipo de alimento, já que pode causar problemas de saúde ou mesmo até morte.”	-
“Que os golfinhos são os animais mais ameaçados.”	-	-
“Preservação das espécies em extinção. Preservação locais públicos.”	-	-
“Informaria acerca da quantidade de espécies em extinção e da importância de reciclarmos.”	-	-
“A necessidade de alterar comportamentos para maior proteção dos animais.”	-	-

“Conservação das espécies.”	-	-
“Cuidado e preservação dos animais.”	-	-
“Importância de conservação da natureza.”	-	-
“Da necessidade de conservar e cuidar da natureza.”	-	-
“Está na mão do Homem preservar a Natureza e todos podemos participar; se não o fizermos, muita da beleza do nosso Mundo irá desaparecer.”	-	-
“Números de animais em extinção.”	-	-
“O facto do ser humano ser a maior ameaça dos animais. Que a preservação da Natureza tem muito a ver com a sobrevivência das espécies.”	-	-
“Para não deitarem lixo para o chão porque os animais podem confundir como alimento e comer.”	-	-
“Conservação da natureza e dos animais.”	-	-
“Preservar a natureza”	-	-

Anexo 5- Respostas dos inquiridos com menos de 13 anos, à questão nº4.1. relativa a exemplos de novos conhecimentos adquiridos após a visita ao Zoo de Lisboa

Comentários sobre regimes alimentares	Comentários sobre padrões, cores e características de animais	Comentários circunstanciais e sobre o Zoo de Lisboa	Comentários sobre reprodução animal	Comentários sobre comportamento animal	Comentários sobre extinção de espécies
VI21 – “Os golfinhos comem peixe.”	“Os lémures têm caudas com anéis.”	VI14 – “Não tinha visto o macaco no templo.”	VI13 – “Diferença entre papagaio fêmea e macho. As fêmeas colocam ovos.”	VI7 - “As chitas saltam mais de 7 metros.”	V25 – “Há tigres que estão em vias de extinção.”
VI50 – “Os golfinhos comem peixe.”	VI4 - “Os olhos das zebras, aquela parte de dentro, são quadradas.”	VI20 - “O peso dos animais.”	VI70 - “Coisas sobre animais. Conhecer animais novos. Saber o seu tamanho, comida, altura de reprodução e número de crias.	VI10 - “A avestruz enterra a cabeça na areia.”	VI40 - “Mais raposas, menos caça, há menos lince.”
VI1 - “As zebras comem amendoins.”	VI8 - “A pele das cobras sai.”	VI22- “Gostei de ver os espetáculos.”	VI81 – Aprendi que os cangurus machos têm dois pénis	VI23 – “Os animais fazem muito cocó.”	VI41 - “Há mais raposas, menos caça.”
VI88 - “Aprendi vários regimes alimentares.”	“VI24- “Os animais têm muitos padrinhos.”	VI26 – “Andei no teleférico.”	VI93 - “Aprendi que a coruja-das-neves tem dimorfismo sexual.”	VI86 – “Aprendi que os rinocerontes vivem solitários.”	VI74 – “Que temos que proteger os animais.”

VI94 - “Aprendi que os flamingos são rosa, porque comem camarão que é rosa.”	“VI31- “Sea lions have ears.”	VI30 – “I saw dolphins for the first time.”	VI213 - “Os crocodilos poem ovos.”	VI102 - “Aprendi que a coruja consegue virar a cabeça a 270 graus.”	VI78 - “Aprendi que o Jardim Zoológico ajuda os animais em vias de extinção.”
VI101 - “Como os animais vivem, comem.”	VI36 – “Há leões brancos.”	VI47 – “Há zebras.”		VI111 - “Os leões rugem alto.”	VI 79 – “Aprendi que o jardim zoológico ajuda os animais e tentam que o local onde eles estão seja tão parecido como o seu habitat natural e aprendi curiosidades sobre os animais”.
VI105 – “Os golfinhos comem peixes pequeninos.”	VI44- “Fui às zebras e elas têm riscas.”	VI51 – “Novos animais. Novas flores. Porque é que o zoo foi criado.”		VI116 – “os chimpanzés comem em caixas.”	VI80 – “Aprendi que o tigre da Sibéria é um dos maiores tigres do mundo, já só existem 480 no mundo!!.”
VI124-“Os flamingos comem camarão.”	VI65-“Que há animais diferentes de aspeto mas iguais no interior.”	VI54 – “Que já existe há mais de 131 anos.”		VI129- “Monkeys are loud.”	VI83-“Eu aprendi que devíamos proteger os animais mais.”
VI215-“Eu aprendi que o tigre era da família do gatos	VI 91 – “Aprendi que o hipopótamo vive em pântanos.”	VI55 – “Que devemos respeitar os animais.”		VI130- “Lions like sun.”	VI98-“O jardim zoológico tem 3 missões: educar os animais, conservar e

que os golfinhos comem sardinhas, que os golfinhos não voam e que as tartarugas são super vagarosas.					investigação. Existem seres vivos extintos.”
VI217-“Sim, há uns pássaros que vibram. Há animais que são carnívoros, omnívoros, e mamíferos.”	VI75 –“Que os koalas são marsupiais”.	VI56 –“ Várias curiosidades, novos animais e qual a conservação também; Já sei para que serve o Zoo.”		VI132- “Lions sleep a lot.”	VI223-“Aprendi que os macacos eram muito inteligentes e muito parkuristas. A importância dos animais, a conservação e que o zoo é um sítio para os conservar.
VI221-“Eu aprendi que os animais e a sua comida, os seus habitats e também que são todos diferentes.”	VI85 –“Aprendi que o pinguim do cabo não vive no gelo, e que o hipopótamo vive nos pântanos.”	VI61 – “Há quantos anos existia.”		VI136-“Que as cobras trocam a pele.”	VI243-“Aprendi a conservar os animais mesmo que não estejam em extinção”
VI232-“Há animais carnívoros e herbívoros.”	VI132-“Zebras têm riscas diferentes”	VI62- “Coisas sobre os animais.”		VI142-“Os elefantes gostam de tomar banho.”	

VI243- “Aprendi os habitats dos animais e o que eles comem.”	VI134-“ As girafas têm a língua azul.-“	Vi63 –“Novos animais”		VI147-“Dolphins are jumpy.”	
VI250- “Aprendi que o koala come folhas de eucalipto.”	VI176- “Há hipopótamos pequenos que não são bebês.”	Vi64-“Vários animais diferentes e os habitas.”		VI169- “Rhinos use moode to protect from the sun.”	
VI252-“Eu aprendi que nem todos os animais comem as mesmas coisas.”	VI189-“Existem tartarugas com a carapaça mole”.	Vi66 – “Aprendi que tem muitos animais.”		VI179-“Os golfinhos saltam.”	
Vi259-“ As girafas abrem as pernas para comer.”	VI191-“As chitas correm até 75km/h.”	VI67-“Aprendi novos animais e coisas sobre eles.”		VI211-“Os chimpanzés não gostam nada de água.”	
VI291-“As girafas comem folhas.”	VI209-“Aprendi que o crocodilo fica sempre quieto no seu sítio.”	Vi68-“Aprendi que os animais são fofos.”		VI214-“Que há animais que hibernam, e que o golfinho vem cá a cima para respirar um bocadinho e que os lagartos se protegem	

				camuflando-se da cor da natureza.”	
VI317-“Os golfinhos gostam de sardinhas.”	VI210-“O papa formigas tem outro nome e o tigre tem as orelhas grandes.”	VI69-“Coisas sobre os animais e os descobrimentos”		VI59 – “Os cornos não voltam a crescer se se partirem”	
	VI212-“Eu aprendi que a chita é mais rápida do que eu pensava.”	VI71-“Aprendi algumas coisa sobre alguns animais.”		VI72-“Que o Zoo fazia 132 anos em 2016. E que o Bongo tem cornos para se defender	
	VI216-“Sim, eu aprendi muitas coisas, uma delas foi que há um tigre branco e que as chitas são muito, muito rápidas.”	VI78- “Aprendi novos animais como o Bongo, o mico-leão-dourado... também aprendi curiosidades sobre muitos animais.”		VI222-“Aprendi que os macacos em muito inteligentes e bons “parkuristas”. A conservar os animais e que o zoológico é um sítio para conservar.”	
	VI218-“Sim, uns animais tinham 2 patas, uns tinham 4... Aprendi também que os golfinhos comem.	VI82-“Aprendi que o zoológico tem 3 missões, educação, proteção das espécies e investigação. E que há vários animais como		VI262-“Os ursos hibernam no inverno	

	Aprendi também que alguns ursos não vivem no gelo, etc.”	a coruja das neves, o rinoceronte e o pinguim.”			
	VI219-“Eu aprendi que os animais são como nós em muitas coisas. E também o seu habitat.”	VI92- “Os animais são muito nossos amigos, mas não devemos provoca-los.”		VI290-“Os koalas estão sempre a dormir”	
	VI220-“Aprendi os habitats dos animais, que há duas espécies de tigre, o branco e o normal, o laranja. Também aprendi que a chita precisa de muito espaço, e que é o animal mais rápido do mundo.	VI103 – “Que o Zoo tem 3 missões, tem vários animais: casuar, coruja-das-neves, pinguim-do cabo. E também tem plantas.”		VI336- “Os camaleões trocam de cor para se esconder.”	
	VI224-“Que o tigre samaritano é o mais pequeno do mundo.”	VI104 – “Aprendi que o jardim zoológico tem 3 missões.”		VI350- “Bebés koalas dormem na bolsa.”	
	VI228-“Os animais que foram encontrados nos descobrimentos. As	VI108-“Aprendi que os animais têm os seus próprios habitats.”		VI351.” Cangurus ficam muito tempo na bolsa.”	

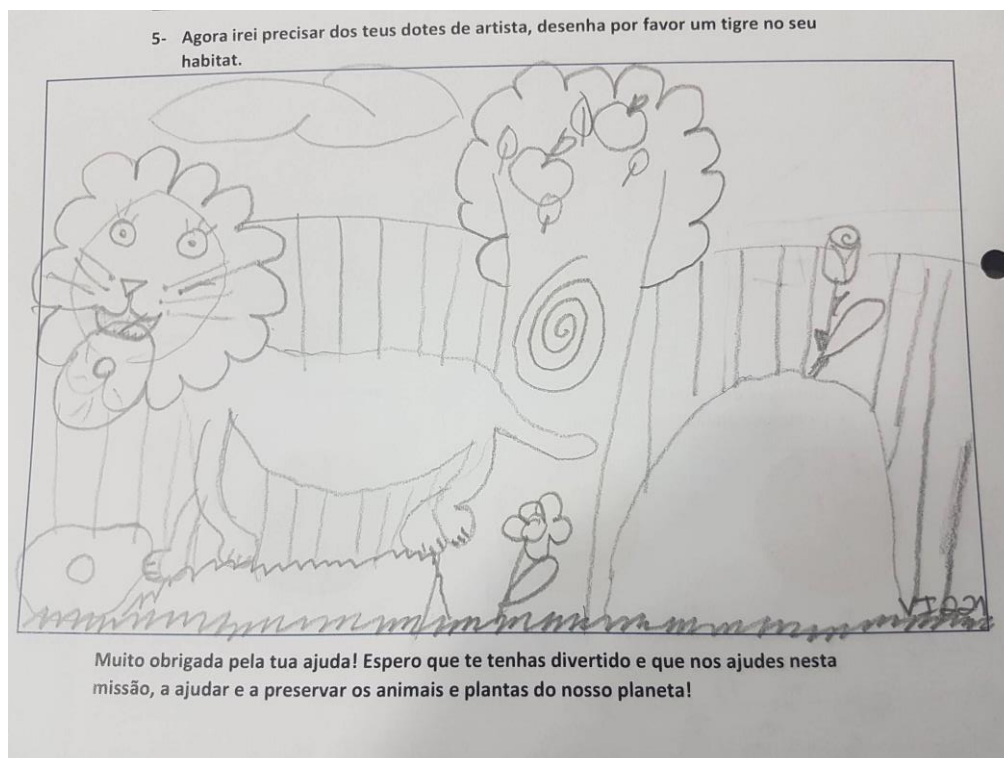
	diferenças entre chifre e corno. Como funciona o Zoo.”				
	VI230-“O tigre samaritano é o mais pequeno do mundo.”	VI141-“Que os tigres têm riscas.”		VI358-“Os macacos trepam às árvores.”	
	VI239-“Aprendi que alguns pinguins não precisam de viver no gelo. Também aprendi a distinguir as focas dos leões-marinhos.”	VI145-“As araras são bonitas.”		VI359-“Os tigres dormem o dia quase todo.”	
	VI244-“Eu aprendi a diferenciar uma foca de um leão marinho.”	VI146”Animals are cute”			
	VI242- “Aprendi as formas das penas dos animais e o revestimento. Aprendi mais regras.”	VI148-“I like birds.”			
	VI244-“Havia pinguins que eram apropriados para o sol”.	VI 184 –“O Okapi é uma mistura de animais.”			

	VI246-“Pinguins que não vivem na África.”	VI226- Aprendi que as 3 missões do zoo são aprender, cativar e estudar.”			
	VI260-“Tigres dormem muito.”	VI227-“Aprendi que os descobrimentos também influenciaram os animais.”			
	VI261-“Os macacos têm jogos para comerem.”	VI233-“Começou nos descobrimentos.”			
	VI299-“Há hipopótamos pequenos.”	VI314-“Aprendi que muitos dos animais que lá estão encontram-se em reabilitação... e que o jardim zoológico procura uma melhor preparação para quando forem libertados se adaptarem ao seu meio...Conseguindo sobreviver.”			
	VI315-“Há rinocerontes brancos.”				
	VI341-“Não existem tigres brancos na natureza.”				

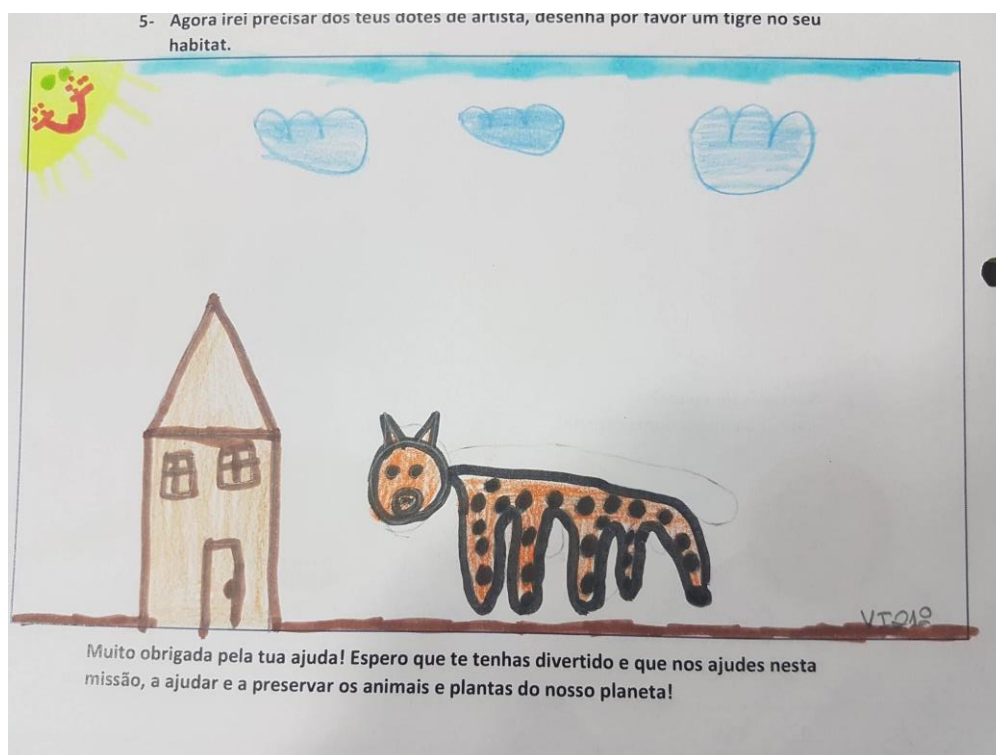
	VI344-As focas rastejam.”				
	VI345-“Leões marinhos têm orelhas.”				
	VI349-“Cangurus comem na bolsa				
	VI349-“Os suricatas são um bando.”				

Anexo 5 – Representações diversas do tigre (questão 5)

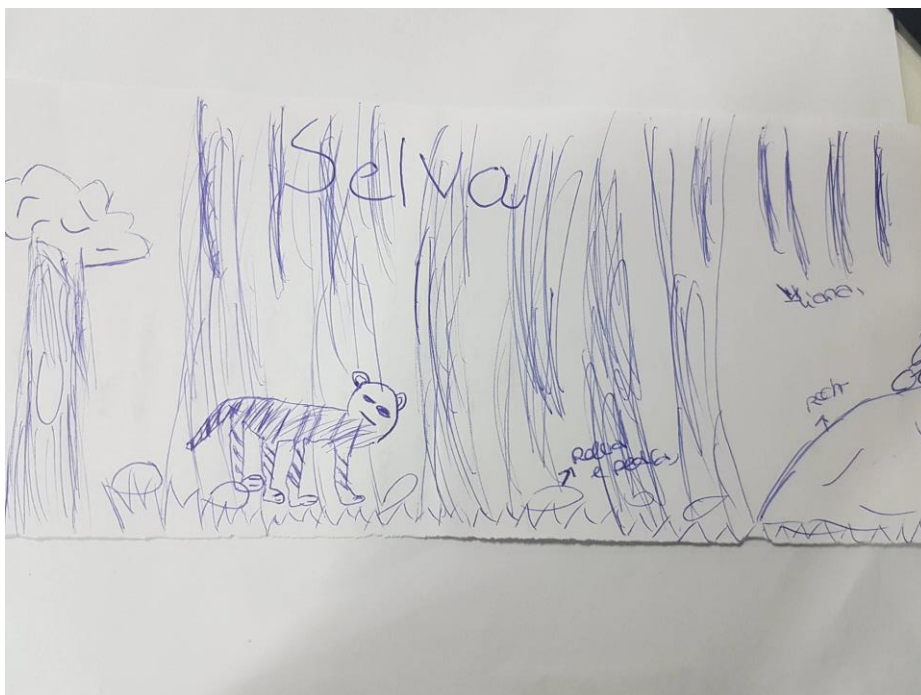
Anexo 5A – Representação do tigre como um leão – Indivíduo VI221 – 8 anos



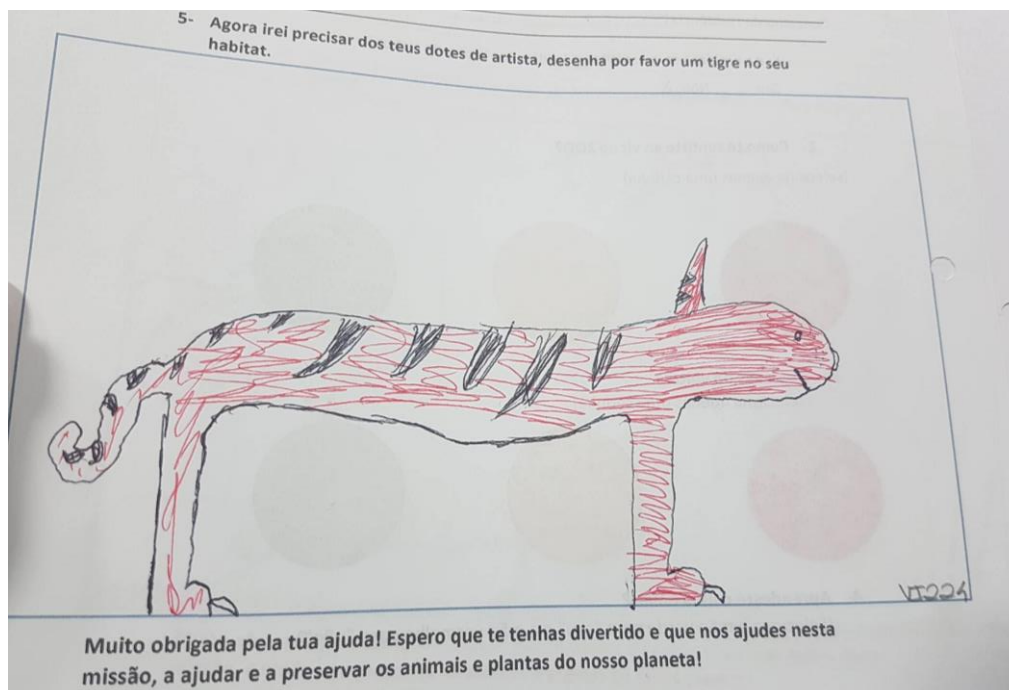
Anexo 5 B – Representação do tigre como um leopardo – indivíduo VI218 – 8 anos



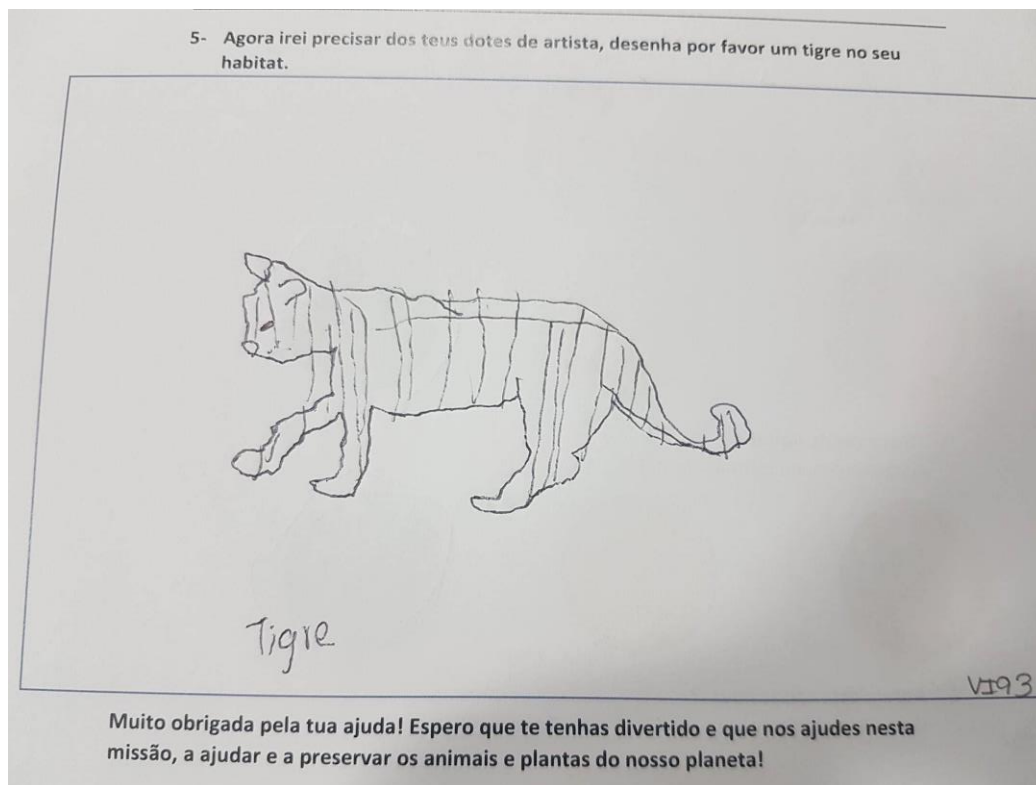
Anexo 5C – Representação do habitat do tigre – Indivíduo VI429 – 9 anos



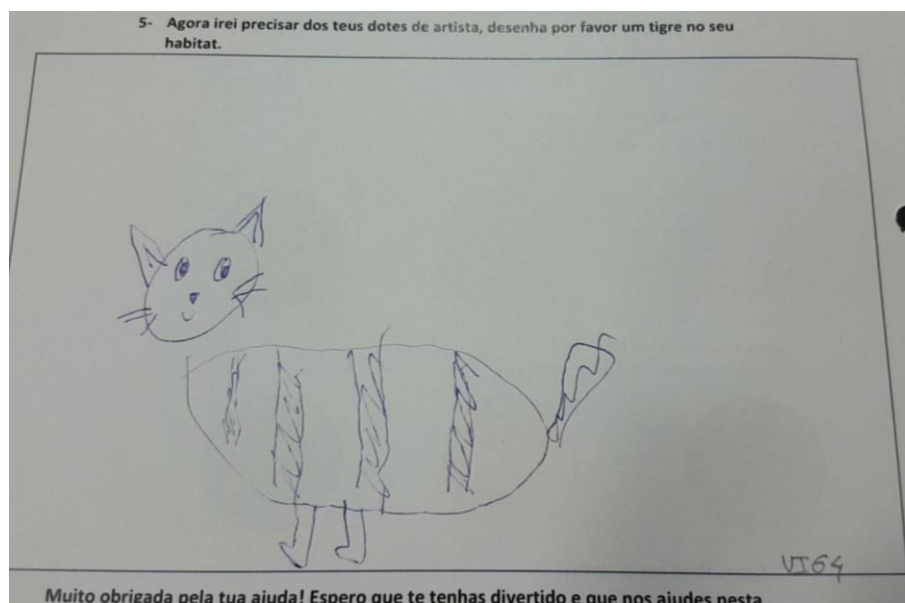
Anexo 5D -Representação do tigre com pelagem às riscas – Indivíduo VI224 – 11 anos



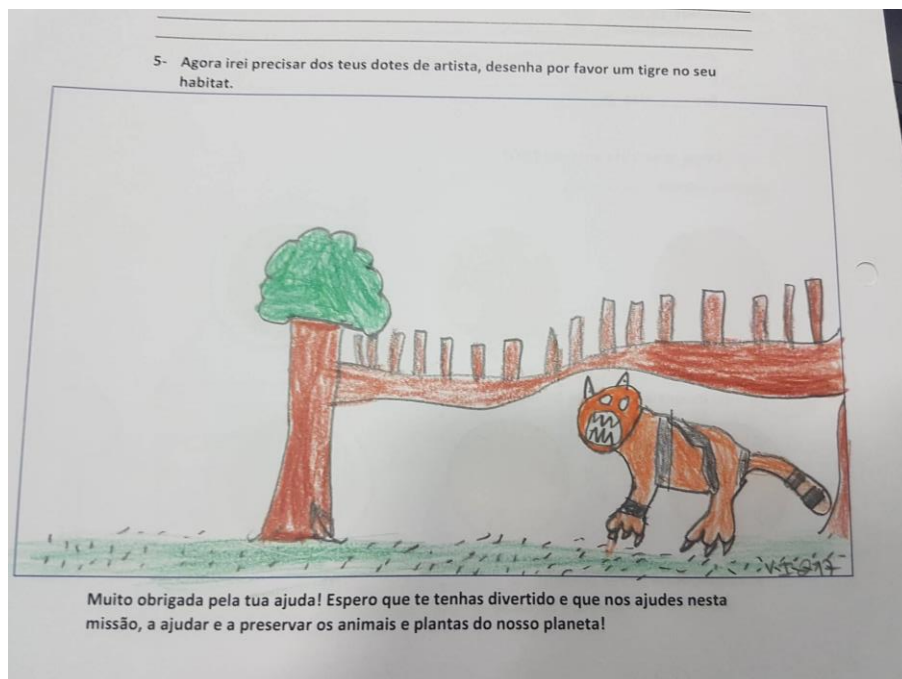
Anexo 5E-Representação do tigre com cauda comprida – Indivíduo VI93 – 10 anos



Anexo 5F – Representação do tigre com aparência semelhante a um gato- Indivíduo VI64 -10 anos



Anexo 5G – Representação do tigre com dentes afiados – Indivíduo VI217 - 8 anos



Anexo 5H – Representação do tigre com crias – Indivíduo VI210 – 9 anos

